

O Tarô Medieval Interpretado à Luz do Simbolismo

Oswald Wirth

*Le Tarot des Imagiers
du Moyen Âge*

Maristela Bleggi Tomasini

Tradução e comentários

<http://mestredoimaginario.blogspot.com/>

O Tarô Medieval
Interpretado à Luz do Simbolismo

A todos os que amam livros e palavras.

Apresentação

O Tarô talvez seja a ferramenta predileta dos ocultistas, dos praticantes dessa *Arte* ou *Ciência* com pretensões a alcançar diferentes estados de percepção do mundo, dos outros e de si. O objetivo a alcançar varia desde o lúdico até a intervenção sobre os acontecimentos do mundo concreto (o que está embaixo), tudo com base em supostas leis do mundo do alto, invisível e superior (o que está em cima). Essas leis, de certa forma ocultas, teriam por suporte indicativo um simbolismo bastante específico. A Arte de utilizar esse suporte simbólico se constituiria, então, não apenas em um saber como também em uma arte ou, por que não, uma *ciência oculta*.

O Tarô aparece assim como suporte simbólico apto a colocar o praticante em relação com certas leis naturais de onde ele extrairia informações com vistas a certa finalidade. O “Oculto” presume o que está escondido, no sentido de que a “verdadeira” ciência do mundo invisível está oculta, em oposição às ciências do mundo visível que são evidentes para todos. A “ciência oculta” consta ser *aquela que esconde aquilo*

que ela descobre. Um saber iniciático que é revelado intuitivamente, pressentido, consistindo em respostas a perguntas que sequer teriam sido formuladas com antecedência. Efeitos a espera de causas, uma vez que o tempo não se estrutura de forma linear na via intuitiva. Além disso, um estilo de comunicação inconfundível, porque pretende bem mais sugestionar do que comunicar objetivamente uma informação concreta e precisa.

Quando o pensamento deixa de ser livre para exprimir-se através da palavras ou da escrita, ele é obrigado a esconder-se sob imagens que o revelam por alusão. Assim nasceram estranhos documentos que parecem nada dizer à primeira vista, ainda que condençando sob símbolos uma profunda sabedoria dissimulada.

O universo dos ocultistas e dos praticantes de um sem-número de rituais que se legitimam uns aos outros através de uma cadeia de tradições persistentes no tempo e no espaço nos descortina aspectos lúdicos do homem e revela impulsos que o impelem em direção à descoberta de dados irracionais, inconscientes e supra-reais. Uma vida mais rica, sem dúvida,

capaz de assinar ao homem um destino que o retira à existencialidade do dado concreto freqüentemente sem saída.

Para os adeptos, crentes e praticantes, o Tarô, em suas grandes linhas representativas, refletiria o funcionamento dessas leis impalpáveis, mas perceptíveis sob certos estados de consciência, permitindo a sua utilização supostamente harmoniosa, bem como revelando a via de acesso a um certo número de informações que o mundo concreto não poderia fornecer através das ciências visíveis. Uma reeducação do sentir como metodologia que busca, no fundo, uma nova visão de mundo que, na verdade, é bem antiga e Tradicional. Evidentemente, utilizar as lâminas como ferramenta de pesquisa dessas leis ocultas da natureza constitui-se em uma grande polêmica que não nos cabe analisar aqui, muito embora a própria literatura dirigida aos praticantes apareça repleta de alertas sobre os perigos de entregar-se à sondagem do amanhã, uma vez que nos prendemos ao hoje, ao aqui e agora.

Quem se atreve a falar do Destino como algo que já estaria determinado de antemão, —o *Maktub*, o *está escrito*, — age como alguém que pretenda conhecer o desdobramento

geral da vida e cuja palavra, ao *dizer a sorte*, ultrapassaria a parcela de liberdade e de poder do consulente, que frequentemente identifica o ocultista com o próprio sistema do qual ele se faz o porta-voz. É quando o jogo se substitui a uma droga e induz à perda do próprio poder de decisão, da liberdade e da vontade de agir que é transferida para o resultado do jogo e, assim, lançada ao acaso.

Pretender que o futuro deva estar escrito e ao mesmo tempo aceitar que dispomos de liberdade de ação são duas premissas que criam no indivíduo um paradoxo que coloca em risco sua racionalidade e frequentemente perturba seu estado emocional bem mais que o esclarece, seja sobre sua própria vida, seja sobre si mesmo, aliás, duas realidades que frequentemente sequer podem ser avaliadas separadamente uma da outra, na medida em que somos percebidos através de nossas ações concretas bem mais do que através de nossa realidade interior que pertence à ordem do inverificável. Ainda assim, nossa realidade interior é manifestamente intuitiva. Intuímos quem somos. Nosso eu é tão-só uma realidade intuitiva. A razão não nos diz quem somos.

A parte detalhes como esses, que se relacionam aos riscos implicados da prática, existem cartas dos mais diversos tipos e estilos, os mais diferentes tipos de Tarô, alguns bastante antigos e outros criados a todo instante, sem falar nos que já se tornaram verdadeiros clássicos, como o de Marselha, o de Papus, o dos Boêmios, o de Crowley e, evidentemente, o de Wirth, cada um deles pretendendo a inserção de uma doutrina de fundo particular ao seu autor ou aos seus autores, uma doutrina que pressupõem seja o praticante um iniciado, um adepto que compartilhe com outros adeptos ou iniciados uma visão semelhante do mundo. Fascinada por essa temática, dei-me ao trabalho de pesquisar alguns dados e aqui singelamente relacioná-los sem qualquer pretensão de esgotar o tema.

Dentre os muitos modelos de Tarô que existem, chamou-me particularmente a atenção as curiosas cartas de Etteilla, pseudônimo de um cartomante chamado Alliette, que também vendia amuletos e praticava a quiromancia. Afirmava-se aluno do famoso Conde de Saint-Germain, tido, entre outras coisas, como o Judeu Errante e o descobridor do Elixir da longa vida. Alliette acrescentou ao seu Tarô idéias próprias e seus

conhecimentos de Cabala, declarando que o Tarô fora composto 171 anos depois do dilúvio, número de anos, aliás, muito sugestivo.

Seja qual for o Tarô escolhido, não me parece possível fornecer um método definitivo para o seu estudo ou para sua prática. No entanto, é interessante destacar alguns pontos que podem ser facilmente resumidos a propósito do assunto. Estes pontos consistem em precisar cinco sentidos que podem ser descobertos em qualquer uma das cartas, a começar pelo seu sentido direto ou universal.

A leitura do sentido universal de uma carta está em sua iconografia que nada mais é do que a tradição *acadêmica* da lâmina. O Sol visto como símbolo do êxito, da razão, da clareza; o Diabo, como sexualidade, coisas ocultas, interesses inconfessáveis. Essa *universalidade* deve, contudo, estar afinada com a leitura do *sentido particular* que vai variar segundo o tema em exame, o *sentido pessoal* que vai depender da nuance que o praticante empresta à carta, do contexto do jogo, ou *sentido contextual*, como, por exemplo, tratar-se de um negócio ou se uma questão afetiva e, finalmente, do *sentido*

intuitivo, da inspiração momentânea que vai presidir o discurso daquele que pretende *dizer a sorte*. É onde intervém a capacidade criativa do tarólogo. É simples brincar com o Tarô, pois ainda que o praticante nada saiba da Tradição, pode deixar-se levar pelas imagens e, com isso, certamente, inspirar-se numa interioridade mais rica. Se isso é racional ou não, pouco importa. O imaginário integra o destino do homem, esteja ele escrito em sua vontade, esteja ele previsto nas estrelas ou manifesto no real. Negar ao homem suas aspirações místicas equivale a castrá-lo, privá-lo de um sentido, acorrentá-lo ao rochedo do concreto. Talvez isso explique porque estas práticas persistem com tamanha intensidade atravessando os séculos.

Cada tarô aparece, assim, como um conjunto de recursos dos quais o praticante vai se utilizar conforme suas inclinações pessoais. Podemos, todavia, destacar algumas coisas surpreendentes, na medida em que oferece enorme liberdade criadora com vistas à interpretação. De notar, porém que esta liberdade criadora não é absoluta, existindo postulados da Tradição que permanecem fixos, como uma espécie de código

de referência estável e, sobretudo, passível de ser lançado na dimensão de outras práticas tradicionais com as quais interage. O Tarô permite correlações com praticamente todos os campos do chamado saber oculto, não se mostrando estranho aos fundamentos da Cabala, da Astrologia, da Numerologia, da Alquimia e mesmo da Maçonaria dita especulativa, com a qual mostraria muita semelhança em simbologia e linguagem. Considerados os símbolos desenhados nos diversos painéis dos chamados graus maçônicos, assim como o desdobramento do conteúdo da lenda afeita ao Rito de Iniciação, é possível, sim, encontrar pontos comuns que sugerem interpretações aproximadas.

Praticar o Tarô, qualquer que seja o objetivo que se tenha em vista com isso, inclusive pela mais pura curiosidade, representa um apaixonante exercício lúdico que se pode fazer através de suas mais variadas versões, destacando-se, porém a que se reduz a 22 Arcanos Maiores, tradicionalmente numerados de 1 até 21, sendo que o LOUCO, a carta que *não conta*, representa o ZERO que pode vir tanto no início quanto no fim da seqüência, questão que desaparece no caso de os 22

Arcanos Maiores serem alinhados de maneira a formar um círculo. Curiosamente, a 13ª carta — a MORTE — muitas vezes não aparece numerada. As outras 56, os chamados Arcanos Menores, dividem-se nos clássicos quatro subgrupos (paus, copas, espadas e ouros) que correspondem aos naipes de qualquer baralho, servindo para fornecer informações secundárias.

Resumidamente, os chamados Arcanos Menores — Paus, Copas, Espadas e Ouros, — estão relacionados, segundo a Tradição, aos Quatro Elementos, correspondendo assim respectivamente ao Fogo, Água, Ar e Terra, exprimindo ainda a ação enunciada pelos verbos *Querer* — *Saber* — *Ousar* — *Calar*. Já os personagens que formam a Corte designada a cada um desses naipes designariam diversos tipos de caráter ou personalidades relacionadas às questões particulares da tiragem.

Não julgo temerário afirmar que o simbolismo contido nos desenhos das lâminas evoca aspectos do inconsciente humano e que, exatamente por isso, pode, em tese, por ressonância psíquica, responder a uma questão que o

interessado, por algum bloqueio, ou não consiga ou não queira conscientemente definir. Uma ferramenta lúdica é como gosto de chamar as cartas que exigem, para que se tornem *falantes*, complexos e desafiadores exercícios combinatórios que fazem delas um autêntico livro de leitura inesgotável, com sugestões indefinidas que cada olhar permitirá individualmente perceber.

De sua gênese pouco sabemos. Não temos qualquer certeza da origem das cartas. Dispomos, entretanto, de dados sobre lugares e datas onde ficaram conhecidas. Na Itália, por exemplo, existe um afluente do rio Pó que se chama *Taro*. Nesse país existe também um jogo conhecido como *Tarocchi*. Sabemos que nossa versão moderna do baralho de jogar originou-se do tarô veneziano ou piemontês, semelhante ao de Marselha. Interessante, por sua vez, foi descobrir que no século XVII, na Sicília, as cartas da Grande Sacerdotisa, do Diabo e do Julgamento foram substituídas por outras cartas, onde se via a figura de um mendigo, representação da pobreza ou da miséria, uma figura feminina representando a constância e outras que constavam ser um navio e o deus Júpiter. Não se pode também esquecer que a Idade Média mostrava-se

intolerante com relação às práticas divinatórias e mesmo o jogo de cartas era objeto de repúdio, obstando a salvação das almas. Daí, talvez, o franciscano chamado Bernardino de Siena (1380-1444) haver declarado, em 1423, que as cartas eram uma invenção de Satanás. Vale lembrar que se trata da admoestação feita pela boca de um santo que pregou na Itália por mais de trinta anos, chegando a tornar-se Vigário Geral da Ordem dos Franciscanos, o que outorga ao seu discurso certa autoridade frente aos seus contemporâneos e pares.

Sem dúvida, conta o fato de que a mentalidade e os ideais puritanos faziam abominar a prática do jogo, e, como as figuras estampadas nas lâminas em nada lembravam a Igreja, a classe dominante via no Tarô uma ameaça de retorno às práticas pagãs, com seus ídolos e seus supostamente falsos deuses. Mas, ainda que repudiado publicamente, fato é que sobreviveu, sinal de que sua prática, secreta ou ostensiva, jamais foi abandonada, atravessando gerações e chegando até nós. O preconceito persistiu e vemos que, bem mais tarde, John Wesley (1703-1791), o fundador da Igreja Metodista da Inglaterra, ainda denunciava as cartas como *livros do diabo*, o

que, sem dúvida, ainda que amedrontado os pusilânimes, tentava, despertando a curiosidade e incitando a persistência de uma prática ainda que sob o selo do segredo.

Apesar do preconceito e da discriminação que sofreu ao longo de sua história, o Tarô mereceu a admiração de muitos, em especial daqueles que souberam se furtar à superficialidade das coisas, interessando-se pelas práticas anatematizadas, tais como Astrologia e Magia. Assim que, em 1773, encontraremos Anthony Court de Gebelin que redescobre o Tarô e o torna conhecido através de sua obra, como adiante veremos com mais vagar.

O Tarô, na versão que se poderia supor corresponder à completa, teria 22 Arcanos Maiores e 56 Arcanos Menores, com variações de um tipo para outro, podendo-se incluir nessa diversidade até mesmo as Cartas da Senhorita Lenormand, tão comumente empregadas, até hoje, por cartomantes e curiosos. São jogos que trazem o nome de Tarô, ainda que não apresentem sua estrutura, o que não prejudicaria em nada, todavia, seu alcance divinatório. Diferentemente seria a utilização que se convencionou chamar de esotérica, bem mais

complexa e delicada. Neste caso, o Tarô apareceria como um livro de aprendizagem sobre o mundo e de suas leis, o “Livro de Thot”, de Hermes ou mesmo “o primeiro livro do mundo”, onde estaria condensado todo o potencial do imaginário, acessível através da manipulação dos 22 Arcanos, depois de um grande trabalho interior que permitiria avançar na prática desta Arte. Como saber?

Só o contato prolongado com as cartas, o manejo das mesmas, o deter-se na observação de suas figuras, deixando-se levar pela sugestão dos símbolos, o tentador arriscar-se a brincar de dizer o passado e prever o futuro poderiam despertar e provocar a dinâmica daquilo que desemboca no universo místico.

Há ainda curiosidades numerológicas associadas ao Tarô. É corrente, nesse sentido, uma interpretação que encontra na versão de 52 cartas a representação das 52 semanas do ano. Os quatro naipes lembrariam as quatro estações. As 13 cartas de cada naipe, por sua vez, equivaleriam aos 12 meses, com a 13ª carta sugerindo as 13 semanas de cada um dos quatro trimestres. Finalmente, a soma dos números que vão de um até

doze daria 91 que, multiplicado por quatro, número das estações, daria exatamente 364 mais um. Realmente, se verdadeiro não é, o esforço do ajuste na conta de chegar foi absolutamente meritório. Ora, com os números, se chega a qualquer lugar, valendo apenas a referência como uma curiosidade a mais dentre aquelas que nos vêm sempre que tentamos descobrir mais alguma coisa sobre essa fantástica máquina de imaginar.

Não se pode esquecer ainda de que se está no terreno das crenças pessoais, dados inexprimíveis que é preciso respeitar, pois cada um possui sua própria visão da espiritualidade, em função de sua vida, de sua inserção social e cultural. São noções inapreensíveis também, que não podem ser ensinadas, mas que podem ser transmitidas, especialmente pela via iniciática que aparece sempre repleta de elementos simbólicos.

Na prática, a utilização das cartas como ferramenta falará sempre em função dos limites do praticante, de seu conhecimento e de sua aptidão. Foi difícil tomar a decisão de abordar o simbolismo ligado às cartas do Tarô, mesmo porque

jamais perdi de vista as advertências do próprio Wirth quanto a se deixar fascinar pela régua sem recorrer ao compasso...

Régua e Compasso, para que servem? *Para colocar o espírito em guarda contra os abusos da metafísica, — responde ele. O raciocínio tem seus limites, além dos quais a mais rigorosa lógica chega ao absurdo; aplicadas ao infinito, as mais belas deduções tornam-se vagas. Há um círculo de sabedoria de onde o Iniciado aplica-se em não sair.*

Defender-se das atitudes mentais que levam aos exageros da abstração foi sempre uma divisa que procurei manter presente. Como, então, acrescentar aqui aspectos relativos ao Tarô? Por que não deixar de lado esse aspecto tão profundamente esotérico de Oswald Wirth, limitando-me às traduções e à promoção de suas doutrinas estritamente ligadas à Maçonaria?

A resposta é simples. Não há como ignorar que Wirth estendeu suas pesquisas para muito além do saber maçônico que manejou com indiscutível maestria. Além disso, mesmo

em suas obras puramente maçônicas, dedicadas exclusivamente à interpretação de símbolos maçônicos, alguns Arcanos do Tarô são freqüentemente citados, explicados e relacionados a determinados aspectos da Iniciação. Então, por que não acrescentar aqui um trabalho sobre algo que, para Oswald Wirth, teve uma importância capital? Além disso, não posso ignorar que muitos leitores, cuja sensibilidade se mostra singularmente incomum, encontrarão ensinamentos úteis à realização de seu trabalho construtivo. Enfim, tais reflexões me levaram a buscar aquilo que Wirth nos deixou sobre Tarô, em sua obra *Le Tarot des Imagiers du Moyen Age*, obra da qual não disponho de nenhum exemplar escrito, resultando este trabalho de textos virtuais que me foram disponibilizados.

O título desta obra de Wirth deve ser precisado. A palavra “imagier”, — que não tem correspondente em português, — refere-se aos iluminadores de estampas medievais, aqueles que se dedicaram, entre outras coisas, à criação dos desenhos destinados às riquíssimas tapeçarias surgidas no medievo, onde encontramos o mais puro simbolismo a desafiar nossa sensibilidade de intérpretes. No início do século XIII existiam

em Paris duas corporações de “imagiers”: os *talhadores de crucifixos*, que esculpiam em osso, madeira, marfim, não apenas crucifixos, mas ainda imagens de santos; e os pintores e “*talhadores imagiers*”, que pintavam e esculpiam móveis, utensílios e quadros. Estes últimos decoravam ainda lambris, tetos, dourando-os, ornamentando-os com folhagens e pequenas figuras de animais ou de personagens esculpidos e pintados “ao natural”. Os “imagiers” talhadores difundiram a ornamentação e criaram o estilo que se tornou conhecido sob o nome de gótico florido.

Mas voltemos ao nosso assunto. Muitos ficarão surpresos com o conteúdo deste livro que, de qualquer sorte, não corresponde ao Wirth Maçom, muito embora as paralelas estejam próximas. Quem conhece o Ir.º Oswald Wirth, Maçom dedicado como poucos o foram, não tem por que desconhecer o *Ocultista* que ele foi também. Particularmente, fui levada a ver nesta obra escrita especificamente sobre o Tarô uma grande influência da juventude. Afinal, ela data de 1889, época em que ele teria apenas 24 anos. Não podemos nos esquecer também da influência exercida por Stanislas de Guaita (1861-1897),

jovem e renomado ocultista do qual Wirth foi secretário particular.

Guiando-nos através de uma viagem pelos seus 22 Arcanos, Wirth nos desperta a atenção, detalhe por detalhe, sobre cada um dos elementos simbólicos representados nas cartas, sem descuidar da astronomia, da própria astrologia e da mitologia. Cada carta é, assim, passada em revista minuciosamente e, além disso, relacionada às cartas subsequentes. Wirth procede à análise individual de cada Arcano e, ao mesmo tempo, nos ensina a ver o jogo como um todo único, a partir de três setenários — espírito, alma e corpo — ou sete ternários, descartado o ZERO, o LOUCO, talvez a mais interessante das cartas que, embora venha em 22º lugar ou venha em 1º, simplesmente não conta.

Desafiando nossa imaginação, somos tentados a ver no Tarô uma história que seria a nossa em relação ao universo e à vida. Vivo, este jogo de cartas nos perguntaria *quem somos, de onde viemos e para onde vamos*. E, ainda que eu mantenha reservas frente a tal sorte de colocação, vale dizer que Wirth,

expressando-se numa linguagem apaixonante e desafiadora, nos leva a considerar cada instante da própria vida como capaz de abrigar relações inteligíveis, não digo à razão, mas à sensibilidade. A realidade, toda ela, é sempre preta de possibilidades. É rica, inaudita, surpreendente. Ora, se é verdade que ninguém se inicia senão que pelo coração, não estaria aí um sentimento que refoge ao pensamento escrito?

De qualquer sorte, para que se possa extrair das lâminas, seja um significado, seja a interpretação de um estado que é preciso ultrapassar e compreender, impõe-se conhecer seu simbolismo e as relações que seus elementos mantêm entre si, e, quanto a esta parte, ninguém melhor que Wirth se mostrou capaz de nos aportar as informações necessárias.

O que veremos a seguir é quase um método, uma proposta de aprendizagem que se vale da linguagem escrita e da linguagem simbólica, algo que — em tese — tenderia a formar e a aperfeiçoar aqueles que a isso se submetem. Ele nos chega com o aval da Tradição, e sua origem permanece tão vaga e imprecisa quanto a origem dos maçons. Vale repetir que, para

Wirth, sempre que o pensamento não pode se manifestar livremente pela palavra escrita ou falada, ele se abriga sob o disfarce dos símbolos, imagens que se revelam por alusão. Talvez o Tarô seja o exemplo por excelência desse gênero de obra, englobando números e objetos significativos que se prestam todos a interpretações de ordem esotérica.

Limitei-me aqui tão-só aos Arcanos Maiores, em número de 22, cada um deles contendo um simbolismo próprio, passível, todavia, de adaptar-se ao todo, numa surpreendente amostra de criatividade, como se fossem 22 capítulos de um livro sobre o qual é preciso meditar, interrogando seu saber que não se abre para nossa inteligência, antes apenas à nossa imaginação. Os desenhistas medievais que compuseram os 22 Arcanos devem ter se inspirado em conhecimentos tidos à época por misteriosos, autêntico misticismo laico, abrangendo a Cabala Hebraica (alusão às suas 22 letras), a Alquimia e a Astrologia. Em sua intuição difusa, talvez não tenham apreciado todo alcance filosófico de sua obra, instrumentos inconscientes de um esoterismo que provoca a imaginação, sem se manifestar ao intelecto com suficiente nitidez. Entre os Tarôs mais antigos existem variações, sobretudo pelas

sucessivas cópias destinadas aos jogadores, de onde reproduções pouco cuidadosas, e a desfiguração parcial do Tarô destinado ao jogo de cartas de 78 lâminas. Aperfeiçoado por fantasistas no século XVII, surge ainda em versão popular destinada a cartomantes. Os primeiros Tarôs europeus apareceram durante a Idade Média, época em que os adivinhos eram perseguidos pelo “Santo Ofício”. Mesmo assim, a arte divinatória sobreviveu e, em 1775, o maçom chamado Gebelin, e já o citamos antes, afirmou do Tarô que ele seria uma “obra dos antigos egípcios”, — mais exatamente, o *Livro de Toth* — dando aval, assim, a uma estranha lenda que começou a circular no século XV.

Eu não teria feito referência a esse autor e sua obra, não fosse sua influência sobre o trabalho de Wirth, o que poderá ser sentido por todos aqueles que vierem a ler sua interpretação dos Arcanos do Tarô. Além disso, também foi curioso encontrar algumas referências à obra de Gebelin em *Os Livros Malditos*, — *Les Livres Maudits*, — de Jacques Bergier, Ed. J'ai Lu, 1971.

Pois bem, Bergier nos fala de uma lenda que começou a circular desde o século XV e que afirmava que certa sociedade

secreta possuía o Livro de Toth, vulgarizado um resumo deste livro e tornando-o acessível a todos. Em tese, pois, este resumo não seria outro senão o jogo de Tarô, segundo Gébelin, que afirmou isso com todas as letras em *Le Monde Primitif*. Homem de ciência e membro da Academia Real de La Rochelle, ele publicou sua obra em nove volumes de 1773 a 1783, onde nos conta haver tido acesso a um antigo livro egípcio que teria escapado à destruição da biblioteca de Alexandria. “*Ele continha seu ensinamento perfeitamente conservado sobre os mais interessantes assuntos. Esse livro do antigo Egito é o jogo de Tarô: nós o temos em cartas de jogar*”. — afirmou.

Gébelin disse também que a palavra TAROT poderia ser decomposta em duas palavras egípcias: TAR, que significa caminho, estrada, e RO, que significa rei ou real. Todavia, encontramos ainda outros *experts* que nos ensinam que sua origem seria bem anterior, remontando à China, Índia, Tibet, Mesopotâmia e só daí ao Egito, sem contar aqueles que atribuem ao Tarô uma origem atlante ou lemuriana, opinião, aliás, que não creio seja proveitoso comentar.

De qualquer maneira, embora seja impossível precisar a origem do Tarô, fato é que, qualquer que seja esta, percebe-se nele certa influência da cabala hebraica. Consta também que os estudos realizados por Court de Gebelin teriam inspirado outros por parte de Eliphas Lévi, o Abade Alphonse-Louis Constant, morto em 1875, depois de haver redesenhado os Arcanos VII e X, esclarecendo seu simbolismo. Foi inspirado nessa reconstituição que Stanilas de Guaita, em 1887, sugeriu aplicá-la ao conjunto dos 22 Arcanos Maiores, de onde o Tarô Cabalístico de 1887, restituído, supostamente, à sua pureza hieroglífica.

Jacques Bergier, *para permanecer no terreno dos fatos*, nos diz que este jogo apareceu em torno do ano 1100 e que ainda hoje compreende 78 cartas, das quais 52 seriam “cartas de jogar” que também serviriam para ver a sorte. Na origem, chamavam-se “nabi”, palavra italiana que quer dizer “profeta”. A origem da palavra Tarô, ainda segundo Bergier, seria ignorada. Ele manifesta grande ceticismo quanto à hipótese segundo a qual a palavra *tarô* seria um anagrama de “orta” ou “ordem do templo”. Ora, com anagramas, chega-se a qualquer

lugar! — diz ele. — Também o bibliotecário de instrução pública de Napoleão III, Christian Pitois, afirma em sua *Histoire de la Magie*, obra aparecida em 1876, que “os mais importantes segredos do Egito, antes da destruição de sua civilização, estão gravados sobre o tarô, e que o essencial do Livro de Toth também aí se encontra”. Mas, em símbolos tão vagos, pode-se encontrar, efetivamente, não importa o quê, diz Bergier, para quem, até segunda ordem, “esta história do Livro de Toth me parece lendária”. Concordo com ele.

Importante mencionar também o antigo Tarô de Marselha que deve seu nome a um marselhês chamado Fautrier que, havendo encontrado o exemplar completo de uma cópia dos jogos, ofertou-o a Carlos VI em 1392, época em que os jogos de cartas fizeram sua aparição. A edição feita nessa época deu origem às lâminas que conhecemos hoje.

Em 1889, Wirth publicou seu próprio Tarô que seria, de fato, o *Livro de Thot, segundo um original reconstituído por Gébelin*, supostamente, Wirth teria aceitado, — parece, — a hipótese da origem egípcia. O Livro de Thot, deus da sabedoria, das artes e das ciências ocultas, seria o livro

hieroglífico dos Egípcios e teria sido salvo das ruínas de um Templo em chamas muitos milhares de anos atrás. Thot era representado por um homem com a cabeça e o colo do pássaro íbis, e tinha por missão medir o tempo, sendo também o escriba e o secretário dos outros deuses do panteão egípcio. A ele é atribuída a invenção dos números e da escrita sagrada. Os gregos chamavam-no Hermes Trimegisto.

Wirth dedicou sua vida à restauração do pensamento tradicional. Seja em relação ao Tarô, à Alquimia, ou ainda à Astrologia, sua obra será sempre reconhecida e respeitada por tantos quantos se abrirem ao que ali se contém. Em sua leitura do Tarô, cada Arcano representa uma etapa da vida, um estado de realização. Sua interpretação pessoal vem baseada também na Alquimia e na Astrologia. Concordando ou não com o que vamos ler a seguir, o trabalho de Wirth mostrou-se tão marcante e tornou-se tão conhecido, que muitos afirmam haver ele restaurado o pensamento tradicional através do simbolismo iniciático.

Fraternalmente

Maristela Bleggi Tomasini

ARCANO I

O SALTIMBANCO (MAGO)



Como um ilusionista pôde ser colocado à frente do Tarô marcado pelo número UM que é aquele da Causa Primeira? No tomo VIII de seu *Mundo Primitivo*, Court de Gebelin estima a escolha desse personagem como essencialmente filosófica. O Universo visível não sendo senão magia e encantamento, seu Criador não seria ele o ilusionista por excelência, o Grande Prestidigitador que nos deslumbraria a todos com passes de mágica? O turbilhonamento universal das coisas nos impede de ver a realidade: nós somos a vítima

das aparências produzidas pelo jogo de forças que nos são desconhecidas.

A Causa Primeira é, pois, um SALTIMBANCO; mas como ela repercute em tudo aquilo que é ativo, o personagem inicial do Tarô corresponde, de maneira geral, a todo princípio de atividade. No Universo, é Deus, visto como o grande instigador de tudo aquilo que acontece no Cosmos; no homem, é o foco da iniciativa individual, centro de percepção, de consciência e de vontade; é o Eu chamado a criar nossa personalidade, porque o indivíduo tem a missão de fazer-se a si mesmo.

O princípio de autocriação nos é mostrado sob os traços de um jovem esbelto, flexível e de uma extrema agilidade. Sente-se que o Saltimbanco não pode permanecer em repouso. Ele brinca com sua baqueta, monopoliza a atenção dos espectadores e atordoa-os com seus malabarismos incessantes, suas contorções, tanto quanto pela mobilidade da expressão de seu rosto. Seus olhos cintilam, aliás, de inteligência e são contornados por longos cílios que acentuam

essa irradiação. O chapéu que os sombreia com suas abas largas desenha um oito deitado.

Esse sinal, — do qual os matemáticos fizeram o símbolo do infinito, — se encontra no penteado da FORÇA (ARCANO XI) e naquele da esfinge de Astartéia, tal como nos mostra o Príncipe d'Avennes.



É permitido relacionar essa aura horizontal à esfera viva que constituem as emanções ativas do pensamento. Trazemos ao redor nosso céu mental, domínio no qual o sol da Razão percorre sua eclíptica nos estreitos limites daquilo que nos é acessível.

Cabelos louros e cacheados como os de Apolo enquadram o rosto sorridente, mas pouco acolhedor do Saltimbanco, personagem cheio de refinamento, muito pouco disposto a mostrar o fundo de seu pensamento.

Discreto em sua exuberância, esse adolescente se agita por trás de uma mesa retangular da qual apenas três pernas são visíveis. Elas poderiam marcar sinais do mundo objetivo, suportes da substância elementar que cai sob nossos sentidos.

Sobre esse plano da fenomenalidade estão colocados três objetos: uma taça de prata, um punhal de aço e um siclo de ouro, dito denário.

É sobre esse disco onde aparecem pentáculos que o SALTIMBANCO comanda (indicador da mão direita), como que para aí concentrar sua emanção pessoal ativa. Mas o denário-amuleto não possuiria toda sua virtude, se a baqueta mágica não dirigisse, sobre esse acumulador, eflúvios retirados do ambiente. Assim se explica o gesto da mão esquerda do mago que mantém a baqueta na direção exata do denário, a fim de que o fogo do céu captado pela esfera azul do misterioso condensador seja projetada pela esfera vermelha sobre o objeto a imantar de maneira oculta.

A baqueta completa o quaternário dos instrumentos do MAGO que correspondem aos quatro verbos: SABER (taça), OUSAR (espada), QUERER (baqueta ou bastão), CALAR-SE (denário). A mesa, embaixo, faz surgir as relações analógicas da Tétrade que governa, sobretudo, os arcanos menores do Tarô, ou seja, o jogo de 56 cartas relacionado às composições simbólicas com as quais nos ocupamos.

Denário	Espada	Taça	Baqueta
Ouros	Espadas	Copas	Paus
Terra	Ar	Água	Fogo
			
Touro	Águia	Anjo	Leão

Para entrar na posse desses instrumentos místicos, é preciso haver sofrido a Prova dos Elementos.

A vitória alcançada sobre a TERRA confere o DENÁRIO, ou seja, o ponto de apoio concreto necessário a toda ação.

Afrontando o AR com audácia, o cavaleiro da verdade consegue armar-se da ESPADA (PUNHAL), símbolo do verbo que coloca em fuga os fantasmas do erro.

Triunfar da ÁGUA é conquistar o Santo Graal, a TAÇA onde se bebe a Sabedoria.

Experimentado pelo FOGO, o Iniciado obtém, enfim, sua insígnia do supremo comando, a BAQUETA (BASTÃO), cetro do rei que reina pela Vontade unida ao soberano Querer.

Como se houvesse sofrido semelhantes provas em uma Loja de Franco-Maçons, o SALTIMBANCO alinha os pés em ângulo reto, um em relação ao outro. Sua direção desenha um esquadro com a tulipa ainda não desabrochada que parece surgir do solo sob os passos do hábil ilusionista. Esta flor dá a entender que a iniciação está ainda no começo, porque nós a encontraremos desabrochada diante do IMPERADOR (ARCANO IV), inclinada junto à TEMPERANÇA (ARCANO XIV), mas vivaz diante do LOUCO (ARCANO XXII).

A roupa do Saltimbanco é multicolor, mas o vermelho domina como sinal da atividade. Cinco botões fecham o

corpete, sem dúvida, para fazer alusão à quintessência da qual o corpo é a vestimenta.

Pelo movimento dos braços e pela inclinação do corpo, o personagem sugere um arco. Ele esboça a letra Aleph quadrada, devendo relacionar-se ao Aleph semítico primitivo.

Nada reproduz mais exatamente, além disso, a silhueta do Aleph quanto aquela de Orion, o gigante que persegue as Plêiades às margens do Touro celeste. É, dentre as constelações, aquele que mais se relaciona ao Saltimbanco. Este último se torna um sarrafaçal no tarô italiano.



INTERPRETAÇÕES DIVINATÓRIAS

ÉTER, a Coroa da Árvore dos Sephiroth. O princípio de todas as coisas. Causa Primeira. Unidade de origem. Espírito Puro. Sujeito pensante único e universal refletido no Eu de toda criatura inteligente.

Iniciativa. Centro de ação. Espontaneidade da inteligência, acuidade de discernimento e de compreensão, presença de espírito, posse de si, autonomia, rejeição de toda sugestão estranha, emancipação de todo preconceito.

Destreza, habilidade, fineza diplomática. Blasonador persuasivo, advogado astuto. Manha, agitação. Ausência de escrúpulos. Arrivista, intrigante, mentiroso, patife, escroque, charlatão, explorador da candura humana. Influência de Mercúrio, em bem como em mal.

ARCANO II

A SACERDOTISA



Personificação da causa inicial de toda ação, o SALTIMBANCO (Arcano I) agita-se e não pode permanecer em repouso, também é ele representado de pé, ao contrário da SACERDOTISA (Arcano II) que está sentada, em uma imobilidade calma, silenciosa, impenetrável e hierática. Ela é a sacerdotisa do mistério, Isis, a deusa da noite profunda que o espírito humano não saberia penetrar sem sua ajuda.

Sua direita entreabre o livro dos segredos que ninguém pode surpreender se a PAPISA não lhe confiar as chaves que mantém em sua mão esquerda. Dessas chaves, — que abrem o interior das coisas (Esoterismo), — uma é de ouro e relaciona-se ao Sol (Razão), e a outra é de prata, logo, em afinidade com a Lua (Imaginação, lucidez intuitiva). Isso significa que é preciso aliar uma severa lógica a uma delicada

impressionabilidade, se aspiramos a adivinhar coisas escondidas, aquelas das quais a Natureza frustra o conhecimento ao grande número.

A divinação que inspira a SACERDOTISA aplica-se ao discernimento da realidade que se dissimula por detrás da cortina das aparências sensíveis. Para o intuitivo, favorito de Ísis, os fenômenos são uma fachada reveladora que, fixando a visão fisiológica, provoca a visão do espírito.

Ao sair da Unidade onde tudo se confunde (Arcano I), chegamos ao domínio do Binário ou da distinção; é o átrio do Templo de Salomão, onde se erguem as duas colunas Jakin e Bohaz, entre as quais a Papisa tem trono diante de um véu com nuances cintilantes que mascara a entrada do santuário.

Das duas colunas, uma é VERMELHA e a outra, AZUL. A primeira corresponde ao FOGO (ardor vital devorador, atividade masculina, Enxofre dos Alquimistas); a segunda relaciona-se ao AR (sopro que alimenta a vida, sensibilidade feminina, Mercúrio dos Sábios). Toda a criação decorre desta dualidade fundamental: Pai, Mãe — Sujeito,

Objeto — Criador, Criação — Deus, Natureza — Osíris, Ísis — etc.

A fachada orgulhosa do Templo simboliza, em seu conjunto, toda a revelação fenomenal, a objetividade em suas infinitas variações de aspecto, aquilo que cada um é admitido a contemplar. Quanto à cortina que é preciso erguer para penetrar no recinto sagrado, é a tela sobre a qual se projetam as imagens vivas do pensamento. Nós as percebemos na cintilação de um tecido de mil nuances, onde a brisa faz flutuar o plissado, de modo que nós não podemos captar os contornos dos bordados, sem cessar movediços.

Essas imagens fascinam o visionário que teima em ler, na LUZ ASTRAL, ao modo das pitonisas. O verdadeiro Iniciado não se detém perante essas pequenas distrações que não são, para ele, senão que as “frivolidades da porta”. Se se mostrar digno, a grande sacerdotisa afastará, em seu favor, um segundo véu, para permitir-lhe ler em seu semblante e, sobretudo, em seus olhos. O confidente da deusa não será enganado por uma miragem, porque ele possuirá o segredo das

coisas, pelo fato de exercitar-se em IMAGINAR COM JUSTIÇA.

O ensinamento da SACERDOTISA fundamenta-se, com efeito, na imaginação, como nos ensina o crescente que encima sua tiara de prata. Esta última é cercada por dois diademas enriquecidos com pedras preciosas. Aquele que lhe toca a fronte faz alusão à Filosofia Oculta e às doutrinas sutis do Hermetismo; o outro, — mais estreito e colocado mais acima, — é o emblema da Gnose, fé sábia, fruto das mais sublimes especulações.

A sacerdotisa do mistério está vestida de azul escuro, mas uma luminosa estola branca se cruza obliquamente sobre seu peito. Daí resulta uma cruz, onde cada braço está marcado por uma pequena cruz secundária. Este emblema evoca as INTERFERÊNCIAS REVELADORAS que tornam o oculto manifesto, graças à luz que resulta do conflito de duas incógnitas.

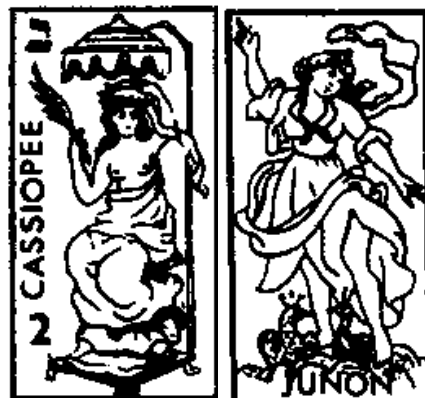
Eternamente à espreita daquilo que pode ajudar a perscrutar o enigma das coisas, o espírito humano beneficia-se

de todos os clarões que sulcam a noite do mistério. Chega-se assim a ver a PAPISA envolta num amplo manto púrpura largamente bordado em ouro, e verde em seu avesso. Esta última cor é aquela da vitalidade que possuem interiormente as idéias que traduzem, para nosso uso, as verdades transcendentais. São as idéias vivas que martelam a imaginação dos mortais, sem chegar a aí TOMAR FORMA. Elas nutrem nossas aspirações mais elevadas (púrpura) e engendram as religiões (orla dourada) que, muito rapidamente, se dobram à grosseria de nossas concepções. A PAPISA não é responsável pela materialização abusiva de seu ensinamento que se endereça, não aos crentes cegos, mas aos pensadores, artistas de uma constante regeneração religiosa. Ela está apoiada sobre a Esfinge que coloca eternamente três perguntas: De onde viemos? Quem somos? Para onde vamos? Em torno dela, um pavimento de mosaicos alternativamente brancos e pretos dá a entender que todas as nossas percepções sofrem a lei dos contrastes. A luz não se concebe senão que em oposição às trevas; o bem não nos seria conhecido sem o mal; nós não saberíamos apreciar a felicidade sem haver sofrido, etc.

O pé direito da PAPISA repousa sobre uma almofada que representa a ínfima bagagem das noções positivas que podemos adquirir no domínio do misterioso. Este acessório que é às vezes negligenciado aparece num Tarô publicado em Paris em 1500. Ele tem sua importância, porque parece tomado de empréstimo à Cassiopéia, a rainha da Etiópia da esfera celeste, soberana negra, mas bela como bem-amada do Cântico dos Cânticos, e que corresponde ao Arcano II do Tarô astronômico.

Os tapeceiros medievais não tinham, de fato, nenhum escrúpulo em representar uma PAPISA, a despeito da ortodoxia. Em Besançon, foi julgado oportuno substituir, mais tarde, Júpiter e Juno ao PAPA e à PAPISA do Tarô. Isso nos valeu duas composições mitológicas de interesse medíocre. Juno tem, todavia, o mérito de apontar uma mão para o céu e a outra para a terra, como que para dizer, com a Tábua de Esmeralda de Hermes Trimegisto: O QUE ESTÁ EM CIMA É COMO O QUE ESTÁ EMBAIXO. Ora, o visível erigido em símbolo do invisível é o ponto de partida do método analógico sobre o qual se funda toda a ciência da PAPISA. Dois pavões, pássaros de Maia, deusa da Ilusão, acompanham Juno que

personifica, na realidade, o espaço etéreo, ANOU em Caldeu, de onde ANA, nossa SANTA ANA, mãe da VIRGEM. Essa aproximação contribui para precisar o sentido dos Arcanos II e III.



INTERPRETAÇÕES DIVINATÓRIAS

GEBURAH, rigor, severidade; PEC'HAD, punição, temor; DIN, julgamento, vontade de retém ou governa a Vida dada. Consciência, dever, Lei moral, inibição, restrição, porque é preciso abster-se de fazer o mal, antes de consagrar-se ativamente às obras do bem.

Sacerdócio, ciência religiosa, metafísica, Cabala, ensinamento, Saber (oposto a Poder), autoridade, certeza, segurança, ausência de dúvida, influência sugestiva exercida sobre o sentimento e o pensamento de outrem. Afabilidade, benevolência, bondade, generosidade judiciosa.

Um diretor de consciência, médico da alma, conselhos morais, personagem sentencioso. Pontífice absoluto em suas opiniões. Função que confere prestígio. Influência jupiteriana em bem e em mal.

Tomado em mau aspecto: imoralidade, porque os defeitos se substituem às qualidades, quando um arcano se torna negativo.

ARCANO III

A IMPERATRIZ



A Unidade necessária e fundamental das coisas (Arcano I) impõe-se ao nosso espírito sem se tornar inteligível. Nós não podemos nos representar aquilo que é ilimitado, infinito, indeterminado, a não ser evocando a imagem de uma noite de insondável profundidade, domínio de Ísis, a deusa do Mistério, da qual a PAPISA (Arcano II) é a grande sacerdotisa. Mas nosso pensamento esforça-se em vão por mergulhar no Abismo sem fundo das cosmogonias (Apsou dos Caldeus); ele não percebe senão um caos mental, diante do qual ficamos perturbados, tomados de terror religioso e condenados ao mutismo. Para tirar nosso espírito da confusão é necessária a ajuda de IMPERATRIZ do Tarô.

Esta soberana de esplendorosa claridade figura a INTELIGÊNCIA criadora, mãe das formas, das imagens e das idéias. É a Virgem imaculada dos cristãos, na qual os gregos teriam reconhecido sua Vênus-Urânia, nascida radiosa das ondas sombrias do oceano caótico.

Rainha do Céu, ela plaina nas mais sublimes alturas da idealidade, acima de toda contingência objetiva, como indica o pé que ela coloca sobre um crescente de pontas voltadas para baixo. Assim é afirmado o domínio sobre o mundo sublunar, onde tudo não é senão mobilidade, perpétua mudança e transformação incessante. Em contraste ao domínio inferior sobre o qual a LUA (Arcano XVIII) não difunde senão uma claridade indecisa e falaciosa, a esfera da IMPERATRIZ corresponde às Águas superiores, oceano luminoso onde reside a suprema Sabedoria. Tudo aí é fixo e imutável, pois que necessariamente perfeito: é a região do arquétipo, ou seja, das formas idéias ou das idéias puras, segundo as quais tudo se cria.

Para expressar a imutabilidade das coisas subtraídas a toda alteração, a IMPERATRIZ mostra-se exatamente de frente, numa atitude cheia de uma certa rigidez hierática. Uma serenidade sorridente não anima menos seu semblante graciosamente emoldurado por uma maleável cabeleira loura; uma leve coroa mal pesa sobre sua cabeça, em torno da qual gravitam doze estrelas, dentre as quais nove são visíveis. Esses números lembram o zodíaco, quadrante celeste sobre o qual se regem as produções naturais aqui em baixo e o período de gestação imposto à geração.

Do mesmo modo que a Virgem zodiacal, a IMPERATRIZ é alada, mas seus atributos não são nem a espiga de trigo das colheitas terrestres, nem o ramo de oliveira a exortar os homens à paz. A Rainha do Céu detém o cetro de uma irresistível e universal dominação, porque o ideal se impõe, a idéia comanda e os tipos determinam toda produção. Como brasão, ela traz sobre a púrpura uma águia de prata, emblema da alma sublime no seio da espiritualidade; quanto ao lírio que desabrocha à esquerda da IMPERATRIZ, ele simboliza o encanto exercido pela pureza, a doçura e a beleza.

IMPERATRIZ e PAPISA vestem-se uma e outra de azul e púrpura; mas o azul do vestido sacerdotal da grande sacerdotisa é escuro, para recordar as profundezas onde o pensamento se perde, enquanto o manto da IMPERATRIZ é de um azul luminoso. Sua túnica, ao contrário, é vermelha, para exprimir a atividade interior de onde nasce a inteligência ou a compreensão, em oposição à veste exterior azul, alusão à placidez receptiva que recolhe fielmente as impressões recebidas de fora. De seu interior azul escuro, a PAPISA retira a substância da idéia que ela exterioriza numa agitação espiritual mística e difusa figurada por seu manto púrpura enriquecido de ouro. A IMPERATRIZ envolve-se de azul-céu, para captar o pensamento vivo, do qual ela detém a irradiação, a fim de torná-lo perceptível. Ela manifesta o Oculto que a PAPISA põe em vibração, sem dar-lhe corpo, mesmo espiritualmente. Com UM, Tudo está em Tudo, confundido e sem possibilidade de distinção; com DOIS, Agente e Paciente se concebem, mas a ação se exerce no infinito, e nada se percebe do Oculto que não se revela senão misticamente (PAPISA). É preciso chegar a TRÊS para que a luz se faça no

espírito, espelho batido pela vibração imperceptível que aí se reflete em se condensando para, assim, tornar-se manifesto.

Em seu conjunto, o Arcano III relaciona-se ao símbolo de Mercúrio invertido que faz alusão a uma substância soberanamente espiritualizada e espiritualizante.

Os artistas cristãos inspiraram-se na Alquimia ao colocarem um crescente sob o pé da Virgem celeste, mas eles, freqüentemente, cometeram o erro de traçar este crescente com as pontas voltadas para cima. Outros permaneceram em boa tradição, como testemunha o escultor espanhol do século XVII a quem devemos a Madona muito simbólica esboçada abaixo, de acordo com o original existente na sacristia da Igreja de São Tomás de Aquino.



INTERPRETAÇÕES DIVINATÓRIAS

BINAH, inteligência, compreensão, a concepção abstrata geradora das idéias e das formas, idealidade suprema, pensamento percebido, mas não expresso.

Domínio daquilo que é cognoscível e inteligível. Discernimento, reflexão, estudo, observação, ciência indutiva. Instrução, saber, erudição.

Afabilidade, graça, encanto, potência de alma, império exercido pela doçura, influência civilizadora. Polidez, generosidade. Abundância, riqueza, fecundidade.

Aparato, vaidade, frivolidade, luxo, prodigalidade, coquetismo, sedução, ostentação de noções superficiais, pose, afetação.

ARCANO IV O IMPERADOR



A IMPERATRIZ loura e luminosa que não saberia elevar-se muito alto é sucedida no Tarô pelo tenebroso soberano dos infernos, porque o IMPERADOR é um Plutão aprisionado no centro das coisas. Ele personifica o Fogo vital que queima a expensas do Enxofre dos Alquimistas, cujo símbolo é um triângulo encimado pela cruz.

Ora, as pernas do IMPERADOR cruzam-se abaixo de um triângulo desenhado por sua cabeça e braços. Seu trono é um cubo de ouro sobre o qual destaca-se uma águia negra, contrastando singularmente com aquela do brasão da IMPERATRIZ. Não se trata mais, aqui, da alma chegada ao termo de sua assunção, mas da essência anímica, obscurecida por sua encarnação e retenção cativa no seio da matéria que ela deve elaborar para reconquistar sua liberdade. Esse pássaro rapace se relaciona também ao egoísmo radical, gerador de toda individualidade.

O IMPERADOR é, com efeito, o PRÍNCIPE DESSE MUNDO; ele reina sobre o concreto, sobre aquilo que está corporificado, de onde o contraste entre seu império inferior, logo, INFERNAL, no sentido etimológico da palavra, e o domínio celeste da IMPERATRIZ, exercendo-se diretamente sobre as almas e os puros espíritos. Em oposição, os corpos permanecem submissos ao IMPERADOR que os anima e os governa após havê-los construído. Ele corresponde ao Demiurgo dos platônicos e ao Grande Arquiteto dos Franco-Maçons. Os seres se organizam e se desenvolvem sob seu

impulso: ele é seu deus interior, princípio de fixidez, de crescimento e de ação. É o espírito individual, manifestação objetiva do Espírito Universal, UM em sua essência criadora, mas repartido entre a multiplicidade das criaturas.

A soberania do IMPERADOR reparte-se entre todos os seres vivos; ele se dá a eles por Misericórdia (C'HESED, 4ª Sepher). Seu trono cúbico é o único que não pode ser derrubado, sua estabilidade resultando e sua forma geométrica atribuída pelos Alquimistas à PEDRA FILOSOFAL. Esta pedra misteriosa, que é o objetivo da procura dos Sábios, se relaciona à perfeição realizável pelos indivíduos. Este deve tender a conformar-se ao TIPO da espécie figurado pela PEDRA CÚBICA dos Franco-Maçons, bloco retangularmente talhado sob o controle do ESQUADRO (norma, em latim), ainda que o ideal entrevisto não seja outro senão aquele do homem estritamente NORMAL.

Se o IMPERADOR corresponde ao mesmo tempo, no Macrocosmo e no Microcosmo, àquilo que é imutável, é porque ele está sentado sobre um cubo perfeito, ponto de partida determinante de toda cristalização construtiva. Ele

representa, em todo ser, o princípio de fixidez (**Archée**) que entra em atividade no gérmen, para construir o organismo. Esta construção procede por aglomeração de elementos atraídos pela primeira pedra corretamente talhada do edifício vivo, pedra que é o trono do soberano da vida repartida entre as criaturas.

O globo do mundo que o IMPERADOR mantém em sua mão esquerda é uma insígnia de domínio universal. Esse globo é, aliás, o símbolo, não do universo físico, mas da ALMA DO MUNDO, entidade graças à qual se operam todos os milagres da Natureza e da Arte. Com sua mão direita, o IMPERADOR segura um cetro maciço que não é sem analogia com a clava de Hércules. Não se deve ver aí, todavia, uma arma brutal, mas a insígnia do soberano poder iniciático ou mágico. O crescente lunar inserido junto à empunhadura promete uma irresistível dominação sobre tudo que é instável, móvel, caprichoso ou lunático, segundo o termo consagrado em Astrologia e em Hermetismo. Aquilo que é fixo e imutável exerce uma ação determinante sobre toda substância

desorganizada, cujo estado permanece vago ou flutuante (lunar).

Notemos também que o cetro imperial termina como flor-de-lis. Este emblema tem por base um triângulo invertido que representa a Água ou a Alma. Uma simples cruz encimando esse triângulo faria dele o signo da realização da Grande Obra (Glorificação suprema da Alma), mas, na flor-de-lis, esta cruz se embaraça em dois ornamentos que se enxertam sobre seu braço horizontal, enquanto o braço vertical se lança ao céu como um impulso vegetal.



O conjunto faz alusão a uma força que emana da alma, para elevar-se, ao mesmo tempo em que se difunde,

como indicam os ornamentos. Tratam-se das mais nobres aspirações que fazem florescer a idealidade, para assegurar-lhe um irresistível império nas altas esferas do pensamento humano.

O IMPERADOR não é um déspota que impõe arbitrariamente sua vontade; seu reino nada tem de brutal, porque ele se inspira num ideal sublime de Bondade, simbolizada pelo ideograma hermético do qual os heraldistas tiraram a flor-de-lis. É lamentável que este emblema não tenha permanecido aquele da nação francesa que aspira a difundir a civilização e a dar o exemplo de sentimentos fraternos à vista de todos os povos. Nenhum signo exprime melhor a nobreza de alma, a generosidade profunda que reflete nosso caráter nacional. Longe de todo imperialismo grosseiro, pertence-nos reinar pela inteligência e pelo coração. Sejam os primeiros a tudo compreender e os mais sinceros na afeição à vista de outrem; assim faremos jus a ostentar a flor-de-lis.

Esse hierograma, onde o ouro se destaca sobre o azul celeste, é aparentado de sentido com o lírio, emblema da pureza, que é a flor da IMPERATRIZ. Mas, à virtude passiva e

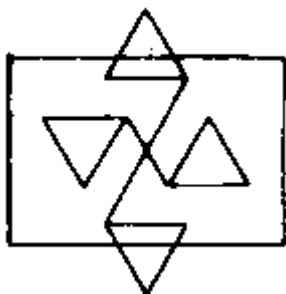
feminina, ele opõe a ação expansiva masculina. Cabe à energia masculina realizar o ideal feminino, purificando o ardor infernal do foco do egoísmo, gerador da individualidade.

A iniciação ensina a descer a si mesmo para dominar o fogo interior que, avivado pela arte, cessa de incubar obscuramente e brilha com uma claridade celeste, depois de não haver dependido senão que uma fumaça opaca.

O cetro flor-de-lis demonstra que o IMPERADOR se inspira nas sublimes aspirações da IMPERATRIZ, porque ele é, sobre a terra, o realizador da idéia divina. Sua dominação é legítima e sagrada, ainda que ele coloque em obra todas as forças vivas, por perturbadoras que elas sejam em sua fonte impura.

A energia laboriosa que constrói todas as coisas age à maneira de um deus escondido, dissimulado a todos os olhares, como os protegidos de Plutão tornados invisíveis sob o capacete do soberano das profundezas. O cimo desse elmo de invisibilidade porta quatro triângulos de ouro que se relacionam à realização demiúrgica pelo quaternário dos

Elementos. Se o IMPERADOR reina soberanamente sobre a matéria, é porque ele age sobre sua geração devida ao casamento do Fogo e da Água combinado com aquele do Ar e Terra, como indica a cruz cosmogônica figurada a seguir.



A fixidez que constrói a matéria age sobre esta sem sofrer, por reação, a influência dos materiais colocados em obra. É preciso que seja assim, no interesse do trabalho construtivo que se realiza na execução de um plano fixo. A necessidade de afastar toda intervenção perturbadora obriga o IMPERADOR a jamais renunciar à proteção de sua armadura que, todavia, não o torna insensível, porque traz, à altura do peito, a imagem do Sol e da Lua, para indicar que Razão e

Imaginação esclarecem o desenvolvimento de toda atividade sã. O espírito que está individualizado para agir permanece acessível ao poder irradiante solar divino e à doce claridade lunar da pura sentimentalidade.

Em oposição à IMPERATRIZ que se mostra de frente, o IMPERADOR está desenhado de perfil. Seus traços são enérgicos; seus olhos profundos são abrigados por sobancelhas contraídas que, como a barba maciça, são de um negro de azeviche. O colar imperial é um trançado com que se ornamenta também a JUSTIÇA (Arcano VIII); é um emblema de ordem rigorosa, de coordenação e de encadeamento metódico, ao mesmo tempo em que solidez. Semelhante elo não se rompe e não saberia relaxar: os compromissos tomados pelo IMPERADOR são executórios, tudo como as sentenças lógicas e motivadas da justiça.

O vermelho que domina na roupa do IMPERADOR relaciona-se ao fogo estimulador que ele governa e dirige à vista de animar e de vivificar. Esse papel vivificador justifica o verde que aparece nas mangas da veste imperial. Nos braços, que agem provocando manifestações da vida, convém, com

efeito, a cor da folhagem. Aos pés do dispensador da energia vital abre-se a tulipa anunciada no SALTIMBANCO (Arcano I) em estado de botão. Esta flor terá ultrapassado a etapa em que desabrocha, quando a TEMPERANÇA (Arcano XVI) a impedir de estiolar-se, ainda que não chegue a morrer nem mesmo no caminho do LOUCO (Arcano XXII).



O Arcano IV não saberia estar mais bem representado na esfera celeste que por HÉRCULES revestido com a pele do Leão de Neméia, armado com sua maça e munido do ramo que traz as maçãs de ouro do jardim das Hespérides. Esses frutos são aqueles do saber iniciático; eles são conquistados com grande luta e recompensam o herói que

realiza os doze trabalhos, ou seja, o adepto devotado à Grande Obra. Ora, o IMPERADOR não é outro senão o Obreiro que se eleva ao grau supremo, porque ele sabe trabalhar, executando o plano do Grande Arquiteto do Universo, cujo emblema é um olho inscrito no centro de um triângulo irradiante.



INTERPRETAÇÕES DIVINATÓRIAS

C'HESED, graça, misericórdia, gratidão, ou GEDULAH, grandeza, magnificência, designação do 4º ramo da árvore dos Séphiroth ou números cabalísticos; poder que dá e difunde a vida, bondade criadora chamando os seres à

existência, princípio animador, luz criadora difundida entre as criaturas e condensada no centro de cada individualidade; **Archée**, Enxofre dos Alquimistas, fogo vital aprisionado no gérmen, verbo realizador encarnado, fogo ativo, esposo místico e filho da substância anímica (Virgem, Imperatriz, Arcano III).

Energia, poder, direito, vontade, fixidez, concentração, certeza absoluta por dedução matemática, constância, firmeza, rigor, exatidão, equidade, positivismo.

Espírito dominador influenciando outrem sem deixar-se influenciar; calculista que não se fia senão que na razão e na observação positiva; caráter inquebrantável em suas resoluções, tenacidade, falta de idealidade ou de intuição; generosidade sem amenidade, protetor poderoso ou adversário temível; tirano; déspota que sofre, pelo choque de retorno, a influência dos fracos; masculinidade brutal indiretamente submissa à doçura feminina.

ARCANO V

O SACERDOTE



Os artistas que desenharam o Tarô se regozijavam nos contrastes. Depois do SALTIMBANCO juvenil e louro que se mantém de pé, eles colocaram a tenebrosa PAPISA, sentada e envolta em mistério; depois vem a IMPERATRIZ radiante de claridade celeste e mostrando-se rigorosamente de frente, para melhor diferenciar-se do IMPERADOR, de perfil severo e barba negra. A fisionomia fechada desse soberano faz apreciar, a seu turno, o semblante jovial e cheio de amenidade do PAPA ou SACERDOTE. Esse pontífice de tez rosada e faces cheias é, certamente, repleto de indulgência para com as fraquezas humanas. Ele compreende tudo, porque nada escapa ao pacífico olhar de seus olhos azuis muito claros sombreados por espessas sobrancelhas brancas. Uma barba branca curta e

cuidadosamente cortada indica, aliás, a idade em que as paixões apaziguadas deixam à inteligência toda sua lucidez, para permitir-lhe resolver, sem hesitação, problemas complexos e confusos.

Entra, com efeito, nas atribuições do PAPA, responder às questões angustiantes que lhe colocam os crentes. Dogmatizando, ele fixa as crenças e formula o ensinamento religioso que se endereça às duas categorias de fiéis representados pelos dois personagens ajoelhados diante da cadeira pontifical. Um estende os braços e ergue a cabeça, como que para dizer: eu compreendo; outro inclina a fronte sobre as mãos unidas e aceita o dogma com humildade, convencido de sua incompetência em matéria espiritual.

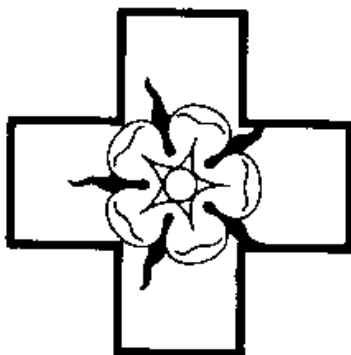
O primeiro é ativo no domínio da fé; preocupa-se com aquilo que é crível e não aceita cegamente a doutrina ensinada. Ele não ousa romper, todavia, com a crença geral e esforça-se por adaptá-la às luzes de seu espírito. Assim se desenvolve uma fé mais ampla que a autoridade dogmática deveria levar em conta, à vista de ampliar, progressivamente, o ensinamento tradicional.

Aqueles que governam as Igrejas temem, infelizmente, os crentes ávidos de luz, por lhes serem preferíveis as ovelhas submissas e disciplinadas, dispostas a se inclinarem passivamente, sem exame. A fé sofre com isso, porque ela está paralisada, assim, em seu lado direito, lado ativo e revificante representado por um dos dois pilares da cadeira do ensinamento supremo.

Ligado unicamente ao pilar da esquerda, o ensinamento é coxo.

Esses pilares rígidos se relacionam a uma imutável tradição, mas sua cor verde quer que esta tradição esteja viva e que, permanecendo fiel a ela mesma, saiba manter-se em harmonia com a vida da fé. O simbolismo do binário esclarece-se, para o Iniciado, nos mistérios das colunas Jakin e Bohaz do Templo de Salomão. Sua oposição marca os limites entre os quais se move o espírito humano, e é a justo título que elas flanqueiam o trono da PAPISA (Arcano II). Os pilares da cadeira pontifical figuram, de uma maneira análoga, os pólos opostos do domínio da fé: procura inquieta da verdade religiosa e adesão confiante às crenças consideradas respeitáveis.

Sentado entre essas duas colunas e dirigindo-se a ouvintes de mentalidades opostas, o PAPA é chamado a conciliar mentalidades opostas, antagonismos conjugados. Mantendo-se justamente entre a tradição da direita (teologia racional) e as exigências da esquerda (sentimento das almas piedosas), o Soberano Pontífice adapta a ciência religiosa às necessidades dos humildes crentes. É-lhe preciso também tornar acessíveis aos simples as verdades mais elevadas, de onde sua posição central em relação a Quatro (direita e esquerda, alto e baixo); ele figura a rosa desabrochada ao centro da Cruz, flor idêntica à Estrela Flamígera dos Franco-Maçons, que é um pentagrama onde se inscreve a letra G, significando Gnose (conhecimento, instrução iniciática). Para conformar-se ao programa que traça assim a ROSA-CRUZ, o PAPA deve entrar em comunhão com todos aqueles que pensam e sentem religiosamente, a fim de atrair para si a luz do Espírito Santo, porque a bondade divina reparte generosamente esta luz entre as inteligências que procuram a Verdade e as almas acessíveis aos elãs de um amor desinteressado.



Aquele que formula o ensinamento supremo se torna receptivo à claridade difusa do ambiente e, pelo fato de que ele a concentra, transforma-se em farol irradiante URBI ET ORBI. É então que ele esclarece a Igreja intelectual e moralmente, ao modo da estrela dos Sábios que brilha no centro do Templo Maçônico.



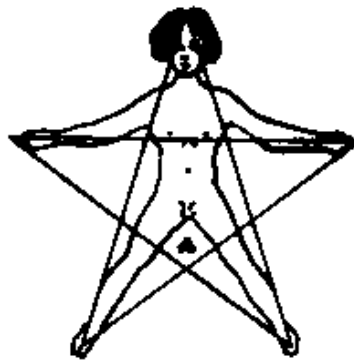
Este astro instrui aqueles que devem conferir o ensinamento iniciático. Seu doce clarão não ofusca como aquele do Sol ou mesmo da Lua, mas uma luz penetrante emana da Estrela conhecida dos Iniciados. Sua irradiação não se detém na superfície das coisas, porque revela o Esoterismo que têm sempre perseguido os que abstraem a quitessência. O PAPA nada ignora a esse respeito, pois que ele tem a missão de fazer conhecer a realidade inteligível que se dissimula por detrás da máscara das aparências sensíveis. Ele ocupa o quinto lugar no Tarô, a fim de marcar o seguinte progresso:

I SALTIMBANCO: o ponto matemático sem dimensão.

II PAPISA. A linha de uma dimensão.

III IMPERATRIZ. A superfície de duas dimensões.
III IMPERADOR. A solidez de três dimensões (cubo).
V PAPA. O conteúdo da forma, a quintessência concebível,
ainda que imperceptível, domínio da quarta dimensão.

O número Cinco é, alias, aquele do homem visto como o mediador entre Deus e o Universo. É a este título que a figura humana se inscreve no pentagrama, porque a cabeça domina os quatro membros assim como o espírito comanda o quaternário dos Elementos. Assim se caracteriza a Estrela do Microcosmo que é o pentáculo da Vontade.



A Magia vulgar ilude-se sobre o poder desse signo que não confere, por si mesmo, nenhum poder. A vontade individual não é poderosa na medida em que ela se mostre de acordo com um poder mais geral. Quanto mais uma força é nobre, menos é lícito usá-la arbitrariamente. Tudo está hierarquizado: o direito de comandar implica em responsabilidades. Se pretendermos exercê-lo segundo ao nosso bel-prazer, ele nos será retirado, como o do militar que abusa de seu comando é cassado ou rebaixado. Inútil conceber o poder mágico: ele é conferido de ofício ao mérito que pode ignorar a si mesmo, enquanto o ambicioso o aspira em vão. Não procuremos desenvolver a vontade artificialmente e transformarmo-nos em atletas volitivos. Para dispor de uma força, é preciso ser senhor dela e saber contê-la. Proibir-se de querer fora de propósito é o grande segredo daqueles que são chamados a fazer valer sua influência pessoal no momento decisivo. Aquilo que terão acumulado em vontade não desperdiçada tornará sua volição, de qualquer sorte, fulminante; ainda é preciso que ajam virtude de uma ordem vinda de mais alto, porque, para ser obedecido, é preciso

obedecer a si mesmo, pois que tudo se atém à Unidade das coisas.

O PAPA de luvas brancas para indicar que suas mãos permanecem puras e jamais se sujaram ao contato de negócios temporais. Elas estão marcadas cada uma por uma cruz azul, cor da alma e da fidelidade, porque a ação do Soberano Pontífice é exclusivamente espiritual, mas exerce-se em três planos, como sugerem as três coroas da tiara e os três travessões da cruz pontifical.

A tiara mantém-se pesadamente dobre a cabeça do Pontífice que seria esmagado sob seu peso se ele não se beneficiasse de um poder cerebral superior à elite dos homens. Nada daquilo que interessa à religião e à fé deve escapar-lhe; também não saberia portar legitimamente sua primeira coroa, aquela que circunda sua fronte e brilha com as mais reluzentes pedras preciosas, se ele ignorasse o menor detalhe do culto, com sua liturgia tradicional, seu aparato impressionante e suas pompas emotivas; mas o exterior, a expressão, o corpo, nada valem senão que pela alma, figurada pela segunda coroa que se superpõe à primeira. Não menos rica e ligeiramente mais

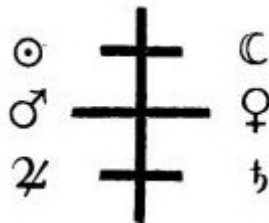
ampla, relaciona-se ao conhecimento integral da lei divina que permite ao PAPA apreciar exatamente as ações e os sentimentos humanos. Quanto à última coroa, a mais alta, mas também a menor e a mais simples, ela faz alusão, em sua austeridade, menos à teologia ordinária que ao discernimento das verdades abstratas que se impõem ao espírito humano e dão conta das crenças universais, bases de uma doutrina religiosa realizando o CATOLICISMO INTEGRAL, cuja chave será o verdadeiro Soberano Pontífice de toda a humanidade crente.

Se na tiara se reflete a suprema autoridade do PAPA, o cetro de seu poder espiritual é uma cruz de tríplice cruzamento. Do ternário, engendra-se aqui um septenário formado pelas terminações arredondadas dos travessões e do vértice da cruz. Ora, sete é o número da harmonia, aquele também das causas segundas que regem o mundo; essas causas correspondem às influências planetárias ou às sete notas da **escala humana.**

Pertence ao PAPA governar impondo umas às outras as tendências inatas do homem, para equilibrá-las

harmonicamente, a fim de que nenhuma degenerere em vício. Entregues a nós mesmos e às energias propulsoras de nossa natureza, caímos sob o domínio dos sete pecados capitais. Ajudando-nos a nos conter, o poder espiritual mantém-nos na posse de nós mesmos e faz-nos participar da comunhão dos homens livres e virtuosos.

DISCERNIMENTO



RAZÃO — IMAGINAÇÃO

ENERGIA ATIVA — SENTIMENTO

GENEROSIDADE — RESTRIÇÃO

A cruz pontifical lembra também a Árvore dos Séphiroth da qual já tratamos.

Como a PAPISA, o PAPA está vetido de azul e púrpura, cores sacerdotais (idealidade e espiritualidade). Dos dois fiéis ajoelhados diante dele, aquele da direita está de vermelho (atividade) e aquele da esquerda, de negro (submissão, receptividade, credulidade passiva).

Nenhuma figura da esfera celeste saberia ser assimilada ao PAPA diretamente, mas é preciso pensar no grande sacerdote de Júpiter-Ammon, o deus com cabeça de carneiro. Nós acreditamos, pois, poder fazer corresponder o Arcano V ao Áries zodiacal que marca o equinócio da primavera, signo do Fogo e da Exaltação do Sol. O Fogo do qual se trata é aquele da vida e da inteligência, a antiga AGNI que descia do céu para iluminar o centro da cruz védica, dita suástica, quando se realizavam os ritos. AGNI tornou-se AGNIS, e é assim que o cordeiro pascal nos reporta aos mistérios de uma prodigiosa antiguidade.



O Júpiter que o Tarô de Besançon substitui ao PAPA é o mestre do fogo celeste, dispensador da vida tanto intelectual e moral quanto física. É ele que mantém desperta a consciência, a fim de fazer reinar sobre a terra a ordem, a justiça, a afabilidade, a benevolência e a bondade. O caráter desse deus concorda, pois, com o Arcano V.

INTERPRETAÇÕES DIVINATÓRIAS

C'HOCMAH, a Sabedoria, o Pensamento criador, segunda pessoa da Trindade, Ísis, a Natureza, esposa de Deus e mãe de todas as coisas. A substância que preenche o espaço ilimitado; o campo de ação da causa ativa e inteligente. A

oposição fecunda da qual tudo se engendra. A diferenciação que permite distinguir, perceber, logo, conhecer e saber.

A Ciência sagrada cujo objeto não cai sob os sentidos. Divinação filosófica intuitiva, Gnose, discernimento do mistério, religião espontânea, fé contemplativa.

Silêncio, discrição, reserva, meditação. Modéstia, paciência, resignação, piedade, respeito pelas coisas santas. Dissimulação, intenções escondidas, ressentimento, inércia, preguiça, beatice, intolerância, fanatismo. Influência saturniana passiva.

ARCANO VI

OS AMANTES



Ao sair da adolescência, quando chega a concluir sua educação na escola do centauro Quíron (aprendizagem iniciática), Hércules experimenta a necessidade de refletir no emprego que faria na vida de suas poderosas faculdades, desenvolvidas estas à medida de seus desejos. Buscando a solidão, a fim de aí se recolher, duas mulheres de rara beleza aparecem-lhe subitamente, incitando-o, cada uma delas, a segui-lo. A primeira, a VIRTUDE, fez-lhe entrever uma existência de luta, de esforços incessantes à vista de triunfar pela coragem e pela energia. A outra, a INDOLÊNCIA, — para não dizer o VÍCIO, — convida o jovem rapaz a gozar prazerosamente a vida, abandonando-se às suas doçuras e aproveitando as vantagens que ela oferece a quem sabe limitar sua ambição.

Inspirando-se nessa cena mitológica, a sexta chave do Tarô mostra-nos um rapaz detido na interseção de dois caminhos, os braços cruzados sobre o peito, o olhar baixo, incerto quanto à direção a seguir. Solicitado, como Hércules, por uma rainha austera que não promete senão satisfações morais, e por uma bacante dispensadora de prazeres fáceis, o AMANTE hesita. Sua escolha não está tomada de antemão, porque o coração do herói não está predestinado à realização dos doze trabalhos. É um frágil mortal, acessível a todas as tentações e dividido em seus sentimentos, como indica sua roupa, alternativamente vermelha e verde, cores do sangue (energia, coragem) e da vegetação (vitalidade passiva, langor, inação).

Como a PAPISA e a IMPERATRIZ, a rainha que se mantém à sua direita (atividade) está vestida de vermelho e azul (espírito e alma, espiritualidade), enquanto a bacante cobre-se de gaze amarela e verde (materialidade, seiva vital).

Do mesmo modo que na roupa do AMANTE, o vermelho e o verde alternam-se nos raios da aura que plaina acima dos três personagens. É uma elíptica luminosa sobre a

qual se destaca um cupido de asas vermelhas e azuis, prestes a disparar uma flecha dirigida contra a cabeça do jovem perplexo.

O conjunto do ARCANO VI ilustra assim o mecanismo da ação voluntária da personalidade consciente figurada pelo AMANTE que é o HOMEM DE DESEJO de Claude de Saint-Martin.

Esta personalidade recebe as impressões do mundo físico graças à sua sensibilidade (cor verde da roupa), depois ela reage (cor vermelha, motricidade). Ora, como não se tratam de atos inconscientes ou automáticos, ditos reflexos, existe aí deliberação, escolha antes do desencadeamento da ação decidida.

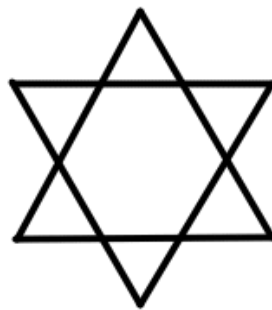
A determinação é espreitada por Cupido, que cumula, acima de nós, a energia da qual poderemos dispor. Ele dispara sua flecha com mais ou menos força, desde que nós lhe demos o sinal pelo próprio fato de DESEJARMOS. Mas, se nós consumirmos inconsideradamente nossa vontade sem

economizá-la, como nos ensina o ARCANO V, nossas volições não saberiam ser poderosas.

Para que nossa vontade nos permita rivalizar com Hércules (ambição que não é proibida), importa que nos engajemos — sem retorno — no amargo sendeiro da virtude, precisamente a fim de que nossas volições não sejam esbanjadas na perseguição do prazer e dos cardápios atrativos da vida. Pode-se considerar sábio o DEIXAR-SE VIVER, como degustador das alegrias que se oferecem e sem vangloriar-se de heroísmo; essa sabedoria não é aquela dos Iniciados que identificam a vida com a ação fecunda, o trabalho útil (hercúleo). Viver por viver não é um ideal, porque eles se sentem artistas e consideram que a vida é dada em vista da obra a realizar.

Como se trata da GRANDE OBRA humanitária, à qual não podem se consagrar senão os valentes obreiros do espírito, estes devem ter aprendido a QUERER e a AMAR. O AMANTE é, desse ponto de vista, o Iniciado cuja aprendizagem está terminada. Se, cruzando os braços, ele se coloca à ordem como o Bom Pastor conhecido dos Cavaleiros

Rosacruzianistas, é porque ele se aplica a esquecer-se de si mesmo; interdita-se querer em seu proveito pessoal e não deseja senão o bem de outrem. É a realização desta Beleza moral que corresponde à sexta Sephir —*Thiphereth* — cujo emblema é o SELO DE SALOMÃO, formado por dois triângulos entrelaçados. É preciso ver aí uma alusão ao casamento da alma humana (água) e do espírito divino (fogo). É a ESTRELA DO MACROCOSMO, símbolo do supremo poder mágico obtido pelo indivíduo que, com uma abnegação sem reserva, coloca-se a serviço do TODO. Amar a ponto de não mais existir senão por outrem, tal é o objetivo do AMANTE.



No Tarô, esse personagem não é senão um disfarce da unidade ativa (SALTIMBANCO) destinado a apresentar-se

sob diferentes aspectos. O AMANTE reconduz-se à UNIDADE pelo AMOR, porque o homem se diviniza amando como Deus.

Recordemos aqui as interpretações que ligam entre eles os seis primeiros arcanos:

I. SALTIMBANCO. Princípio pensante, pensamento considerado em seu centro de emissão, logo, em *potência*, não em *forma*.

II. PAPISA. Pensamento-ação, Verbo (*ação de pensar do princípio pensante*).

III. IMPERATRIZ. Pensamento, resultado, idéia pura, *conceito* em sua *essência original*, não alterada pela expressão.

III. IMPERADOR. Realizador, princípio *que quer*.

V. PAPA. Radiação volitiva, ação de querer.

VI. AMANTE. Desejo, aspiração, *volição formulada*.

Se considerarmos os diferentes modos de ação da vontade, o IMPERADOR exerce um comando imperativo, impetuoso e de caráter brutal; o PAPA emite uma vontade doce e paciente que se impõe pela força de sua moderação; quanto ao AMANTE, ele se contenta com desejar intensamente, num sentimento de profunda afeição. O amor absorve sua vontade; ele se abstém de comandar e, mesmo desejando, ele apela ao sentido iniciático da palavra.

Para encontrar a correspondência astronômica do ARCANO VI, convém não se deter senão no arco e na flecha de Cupido, armas desenhadas no céu pela constelação do Sagitário. Os caldeus fizeram do arqueiro celeste um centauro bicéfalo, no qual os gregos quiseram reconhecer Quíron, o instrutor dos heróis chamados, — como Hércules, — a glorificar-se por seus trabalhos meritórios. Seguramente, o Eros que plaina acima do AMANTE não está de acordo com um homem-cavalo com cauda de escorpião. Essa mistura monstruosa não se presta menos a uma interpretação aplicável do ARCANO VI, porque a porção humana que retesa o arco pode corresponder à *sobreconsciência* encarregada de velar

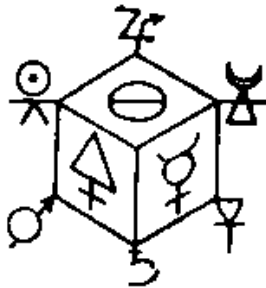
pelo emprego de nossa vontade, enquanto o cavalo é nosso organismo, a besta à qual estamos associados. O escorpião, enfim, faz alusão aos motivos muito pouco nobres que nos aguilhoam em vista da ação.

INTERPRETAÇÕES DIVINATÓRIAS

THIPHERETH, Beleza moral, amor, laço unindo todos os seres, sentimentalidade, esfera anímica sofrendo atrações e repulsões, simpatias e antipatias, afeições puras, estranhas à atração carnal.

Aspirações, desejos dos quais depende a beleza de alma, intenções, anseios. Liberdade, escolha, seleção, livre-arbítrio. Tentação, prova, dúvida, incerteza, indecisão, hesitação.

Sentimentalismo, perplexidade, indecisão, negócio que permanece em suspenso, promessas, desejos irrealizáveis.



ARCANO VII O CARRO



Pode-se perguntar se o título de um tratado de alquimia aparecido em Amsterdã em 1671 não nos revela a

verdadeira designação da sétima chave do Tarô. Nesse caso, o CARRO tornar-se-ia o Carro Triunfal do Antimônio — *Currus triumphalis Antimonii* — de Basile Valentin. Certo é que o Antimônio está muito bem representado pelo mestre do CARRO. Esse jovem imberbe, esbelto, louro como o SALTIMBANCO e o AMANTE, está revestido de uma couraça e armado de um cetro como o IMPERADOR. Ele encarna os princípios superiores da personalidade humana para representar a *Alma Intelectual* (Antimônio), na qual se sintetizam o *princípio pensante* (SALTIMBANCO), o *centro de energia volitiva* (IMPERADOR) e o *foco irradiante* de onde emana a afeição (AMANTE). Mas, ao contrário do IMPERADOR que, em sua imutável fixidez, está sentado sobre um cubo imóvel, o Triunfador percorre o mundo num veículo cuja forma, é verdade, permanece cúbica.

Esta forma indica sempre uma realização corporal. Aplicada ao trono móvel da espiritualidade ativa, ela sugere a idéia de um corpo sutil da alma, graças ao qual o espírito pode manifestar-se dinamicamente. Trata-se de uma substância etérea desempenhando o papel de mediador entre o

imponderável e o ponderável, entre o incorpóreo e o palpável. É, se quisermos, o *corpo sideral ou* astral de Paracelso e dos ocultistas, o *corpo aromal* de Fourier, o *Linga Sharira*, ou melhor, sem duvida, o *Kama rupa* do Budismo esotérico.

Nada de menos simples que esta entidade misteriosa. Aí se distingue, primeiramente, a trama imperceptível sobre a qual todo organismo se constrói. É o quadro espectral que preenche a matéria, é o alicerce que permite a construção do corpo, mas que subsiste, para assegurar a conservação daquilo que vive, porque, sem ele, tudo se abate. O corpo cúbico do CARRO corresponde a esse suporte invisível daquilo que é visível. Sua natureza etérea afirma-se graças ao globo alado dos egípcios que decora o painel do veículo. Este emblema da sublimação da matéria aí aparece acima do símbolo oriental relativo ao mistério da união dos sexos, como que para dizer que o céu não pode agir sobre a terra senão unindo-se em amor com ela.

O corpo espectral, — *Eidolon* — dos gregos, não está em contato direto com a materialidade, assim como o CARRO não toca o solo senão que através das rodas. Estas têm raios

vermelhos, em lembrança dos turbilhões de fogo que, na visão de Ezequiel, suportam o *carro-trono* da divindade, a famosa *Merkabah* comentada a perder de vista pelos cabalistas. Estas rodas representam o ardor vital que se mantém pelo movimento e surge da matéria como que por atrito.

As rodas estão opostas a um dossel azul que é a imagem do firmamento a separar o relativo do absoluto. O céu que pode atingir nossa espiritualidade ativa é limitado; ele nos abriga e detém utilmente do impulso muito ambicioso de nosso pensamento, de nossos sentimentos e de nossas aspirações. O triunfador dirige seu CARRO e olha diretamente para frente, sem se perder nas nuances de um misticismo estéril. Acima de sua cabeça brilha o emblema do Sol ao centro de estrelas que correspondem aos planetas.

O Septenário assim constituído lembra aquele do *Carro de Davi*, designação popular da *Grande Ursa*, constelação formada por sete estrelas principais, das quais os romanos fizeram sete bois — *Septem triones* — de onde o nome *setentrião* aplicado à região do Norte.

Dos cantos do carro elevam-se os quatro pilares do dossel. Os da frente são amarelos; os de trás, verdes. Eis aí as cores caras à bacante do ARCANO VI; o quaternário do qual o triunfador ocupa o centro relaciona-se, pois, às atrações que ele não deve sofrer. Ele está defendido contra elas por sua couraça vermelha reforçada por um triplo esquadro disposto em ângulo e fixado por cinco cravos de ouro. O vermelho exprime a atividade desenvolvida na perseguição do objetivo proposto (caminho a ser percorrido pelo CARRO); quanto ao esquadro, ele substitui na couraça a insígnia do Mestre que dirige os trabalhos de uma oficina maçônica. Este instrumento controla o talhe normal das pedras do edifício a construir (esquadro diz-se norma em latim). Para ser incorporado ao edifício social, o indivíduo deve adaptar-se retangularmente ao próximo. Ornado com um triplo esquadro, o Mestre do CARRO persegue um ideal de aperfeiçoamento moral que se aplica ao espírito, à alma e ao corpo. Ele concilia as opiniões opostas, leva os adversários a se compreenderem, põe fim às discórdias intelectuais e faz nascer assim sentimentos de benevolência fraterna; ele impõe, além disso, a equidade até nas menores ações, inspirado no cuidado de conduzir sempre

escrupulosamente outrem; em outros termos, ele cuida da manutenção de uma agradável polidez, mãe de toda real civilização.

Os cinco cravos de ouro do esquadro relacionam-se ao domínio do quaternário dos elementos pela quintessência, que representa a alma das coisas. É preciso que cinco reconduzam nele quatro à unidade de comando, para que o Mestre do CARRO entre plenamente na posse de si mesmo e possa guiar seu veículo sem deixar-se distrair por influências perturbadoras.

Mas se em sua fixidez solar ele não é ele mesmo influenciável, sua ação diretriz se faz tanto mais poderosamente sentir sobre o que é lunar, logo, caprichoso e móvel. Também o fluxo e o refluxo das marés emotivas estão eles às ordens do triunfador, cujos ombros trazem crescentes em oposição, como que para dar ao braço direito poder sobre aquilo que cresce e, ao esquerdo, sobre o que diminui.

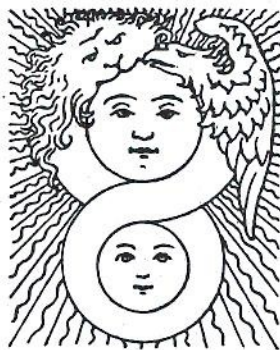
Sabendo levar em conta as flutuações do coração humano, o Mestre do Carro pratica uma arte de governo que

lhe vale o diadema dos Iniciados encimado por três pentagramas de ouro. Estas estrelas fazem face a três direções: aquela do meio esclarece o caminho seguido pelo CARRO, aquelas da direita e da esquerda permitem reconhecer as margens do caminho, porque, para dirigir-se na vida, não se nos podemos contentar com uma visão estritamente limitada.

Aos três pentagramas que brilha acima da cabeça opõe-se o ornamento inferior da couraça, a proteger o abdome, onde pulula aquilo que existe em nós de menos ideal; esse ternário comprime os baixos instintos, rechaça os impulsos brutais e refreia as surdas revoltas de um atavismo selvagem. O mestrado iniciático exige que tudo esteja domado no adepto investido do cetro da Sabedoria.

Esta última insígnia de comando não é senão uma simples baqueta terminada por uma série de ovóides que parecem nascer uns dos outros, para indicar que o Mestre do CARRO preside à eclosão de virtudes das quais os indivíduos contêm os germens. Seu cetro é substituído pelo malhete nas mãos daqueles que dirigem o trabalho dos Maçons reunidos em Loja. O presidente da oficina tem sede sob um dossel

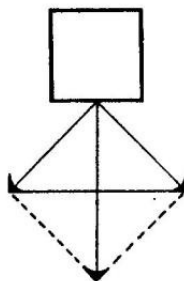
semelhante àquele do CARRO; diante dele um altar quadrado completa a analogia com o personagem do ARCANO VII, cujo peito está ornamentado de um esquadro, jóia distintiva do *venerável*.



Mas a aproximação entre a LOJA, onde se realiza o trabalho construtivo, e o CARRO DO PROGRESSO termina por se impor, se considerarmos as duas esfinges como as forças que as colunas representam *Jakin* e *Bohaz*. Estas não são dois animais separados, mas um único, uma sorte de anfíbena de duas cabeças. Semelhante monstro, podendo caminhar em dois sentidos, imobilizar-se-ia se, no meio do corpo, não existisse o CARRO atrelado. O mérito do triunfador é o de havê-lo sabido atrelar, porque ele utiliza assim energias que, entregues a elas

mesmas, não podem senão neutralizar-se reciprocamente. Trata-se da *fixação do Mercúrio dos Sábios*, operação realizada por Hermes, quando, ao interpor sua baqueta entre duas serpentes em luta para devorarem-se uma a outra, provoca a formação do caduceu. A inteligência diretriz tem a missão de conciliar os antagonismos vitais. A arte de governar baseia-se, como a Grande Obra, sobre a captação de correntes opostas do agente universal representado pelo *Azoto dos Filósofos* de Basile Valentin sob a forma de uma serpente a contornar a Lua e o Sol, e cujas duas extremidades são um *leão* (fixidez) e uma *águia* (volatilidade) que se conciliam, domados em sua cólera.

No ARCANO VII, a esfinge branca simboliza as boas vontades construtivas que aspiram ao bem geral realizado pacificamente sem perturbações. A esfinge negra fremente de impaciência e puxa para a esquerda com veemência; seus esforços sujeitam o CARRO a ser atirado no fosso, mas não chegam, em realidade, senão a estimular a esfinge branca, obrigada a fazer mais força do outro lado. Assim o veículo avança mais rapidamente, segundo a mecânica do paralelogramo de forças.



INTERPRETAÇÕES DIVINATÓRIAS

NETZAH. Triunfo, vitória, firmeza, espiritualidade ativa, progresso consciente, evolução inteligente, princípio construtivo do Universo. Grande Arquiteto.

Mestrado, domínio absoluto de si mesmo, direção, governo, soberania da inteligência e do tato, discernimento conciliador, harmonização pacificadora e civilizadora.

Talento, êxito graças ao mérito pessoal, sucesso legítimo, diplomacia leal, habilidade em beneficiar-se da ação adversa, ambição, avanço, situação de diretor ou de chefe.

No negativo: incapacidade, falta de talento, de tato, de diplomacia ou de espírito conciliador. Má conduta, mau governo.

ARCANO VIII A JUSTIÇA



O ARCANO VIII conduz os dois primeiros ternários do Tarô à unidade do primeiro septenário que corresponde ao *espírito*; o ARCANO VIII inaugura, pois, o segundo septenário que se relaciona à *alma*, assim como o terceiro será relativo ao *corpo*. Ora, o primeiro termo de um septenário desempenha, necessariamente, um papel gerador. Do mesmo modo que o

espírito emana da Causa Primeira (ARCANO I), a *alma* procede do ARCANO VIII e o *corpo*, do ARCANO XV.

Mas o ARCANO VIII deve também ser visto como o segundo termo do terceiro ternário, o que o torna passivo à vista do arcano precedente. Ora, como VII representa a espiritualidade motriz, o princípio motor universal, VIII torna-se o movimento gerador da vida, da ordem e da organização. Assim se explica a JUSTIÇA que coordena e desimpede o CAOS. Sem ela, nada poderia viver, pois os seres não existem senão que em virtude da lei à qual estão submetidos. Anarquia é sinônimo de nada.

No Tarô, Themis recorda a IMPERATRIZ (ARCANO III) por sua atitude hierática, pela face mostrada rigorosamente de frente, por sua cabeleira loura, sua túnica vermelha e seu manto azul; mas esta não é mais a Rainha do Céu, Astréia eternamente jovem em sua sublime ascensão. A mulher que mantém a balança e a espada parece mais velha e suas feições mostram-se endurecidas; descida ao domínio da ação, ela perdeu suas asas. Seu trono é maciço, sólido e estável como o cubo do IMPERADOR (ARCANO IV). Não é um

CARRO que percorre o mundo, mas uma sede monumental fixada ao solo. As duas pilastras que o flanqueiam são ornadas de semidiscos alternativamente brancos e verdes. Por sua forma, esses ornamentos lembram as múltiplas mamas da Diana de Éfeso, a dispensadora do leite nutritivo e da seiva vital. Por analogia com as colunas Jakin e Bohaz do Templo de Salomão, as pilastras do trono da JUSTIÇA marcam os limites da vida física; entre elas, estende-se o campo limitado da atividade animadora. Por sua terminação em concha, teriam a chance de substituir as ramas entreabertas, símbolos da fecundidade ao mesmo tempo em que da coordenação harmônica.

A ação da justiça-natureza exerce-se no duplo domínio do sentimento e da vitalidade, de onde o azul e o verde das mangas de Themis.

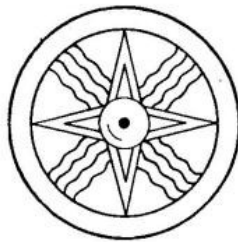
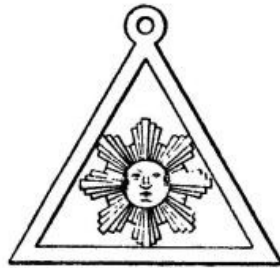
Em relação ao ARCANO VI que ocupa o meio da primeira fileira do Tarô, IV e VIII são homólogos, logo, em estreita relação de sentido. De fato, que seria o IMPERADOR sem a JUSTIÇA? O Direito permaneceria teórico e virtual se não fosse aplicado praticamente no domínio positivo; dá-se o

mesmo com o rigor matemático abstrato, que não se torna fecundo senão que em suas aplicações. Personificando o princípio numeral gerador da vida, o IMPERADOR emiti-la-ia em vão, se ela não fosse recolhida pela JUSTIÇA coordenadora. Recebendo aquilo que Deus dá, a Natureza comporta-se como organizadora que coordena e administra a vida, tudo distribuindo com ordem, segundo a lei do número e da medida.

Como sanção dos laços estreitos que ligam IV e VIII, uma insígnia comum decora o IMPERADOR e a JUSTIÇA. É o colar em forma de trança, emblema da coordenação sutil das fibras vitais que se associam como uma corda mais sólida que uma corrente cujos elos poderiam se romper.

O barrete judicial que cobre a cabeça da JUSTIÇA está marcado pelo signo solar, porque o sol espiritual é o grande coordenador que assina seu papel a todos os seres e seu lugar a todas as coisas. O número oito é, aliás, aquele do sol-ração, luz dos homens, como prova o emblema caldeu de Samas, o deus do dia. De um ponto central emana uma dupla irradiação quaternária figurando luz e calor. Fiéis à tradição, os

Franco-Maçons decoram o Ir.º. Orador — encarregado de lembrar a observância da lei — com um sol de oito feixes irradiantes.



Notemos também que, na China, os les *Qua* — ou triagramas de Fo-Hi — sob a influência dos quais o mundo tomou forma são em número de oito.

Não nos esqueçamos de que a estrela formada por uma dupla cruz vertical e oblíqua é, na escrita assírio-babilônica, o signo determinativo dos nomes divinos. A estrela propriamente dita, de oito raios iguais, é, em revanche, o símbolo de Ishtar, a deusa da vida que, de certo modo, reflete-se na JUSTIÇA, mas concorda mais especialmente com o ARCANO XVII.

Uma coroa com florões de ferro de lança encima o barrete de Themis. É uma alusão aos rigores da lei que se aplicam com a fria crueldade de uma ponta de lança a penetrar nas carnes.

Em sua mão direita, a deusa mantém, além disso, uma formidável espada que é aquela da fatalidade, porque nenhuma violação da lei permanece impune. Ainda que nenhuma vingança se exerça, o implacável restabelecimento de todo equilíbrio rompido provoca, cedo ou tarde, a inelutável reação da JUSTIÇA imanente relacionada ao ARCANO VIII.

Mas o instrumento reparador das faltas cometidas é a *balança*, cujas oscilações levam ao equilíbrio. Toda ação, todo

sentimento, todo desejo influem eles sobre seu braço; daí resultam acumulações equivalentes que terão sua repercussão fatal em bem ou em mal. As energias colocadas em jogo capitalizam-se; aquelas que procedem de uma bondade generosa enriquecem a alma, porque quem ama torna-se digno de ser amado. Ora, as simpatias são mais preciosas que todas as riquezas materiais: ninguém é mais pobre que o egoísta que se recusa a doar-se psiquicamente. Saibamos dar, para sermos ricos!

Para que não seja pedido a cada um senão que na medida de suas possibilidades, os destinos são pesados. As alegrias e as dores são distribuídas com equidade, no sentido de que se tornem proporcionais umas às outras, porque não apreciamos senão em razão dos contrastes; se bem que, para ser feliz, é preciso haver sofrido. Pesemos com minúcia aquilo que experimentamos e constataremos que tudo na vida oscila com exatidão.

Isso é assim até mesmo no jogo das forças vitais que são submetidas a alternâncias de exaltação e depressão. Para ilustrar essa lei fisiológica, um baixo relevo antigo — no qual

Rafael se inspirou para decoração dos aposentos do Vaticano — coloca em cena dois sátiros, um macho e outro fêmeo, que andam de gangorra junto a um cofre cinzelado, cesto sagrado que levavam os místicos de Eleusis. Trata-se de uma alusão ao ritmo da vida e à necessidade de aí se conformar em toda manifestação de energia. Toda fase de superexcitação ativa deve ser compensada por uma equivalência de passividade reparadora. É preciso preparar-se para o esforço pelo repouso, e preludiar um desgaste cerebral pelo sono ou pelo recolhimento contemplativo. Exercitar-se artificialmente é um erro que a Natureza pune pelo desequilíbrio que tende a se tornar definitivo.



Astronomicamente, a JUSTIÇA é Astréia, a virgem zodiacal que mantém a *balança* equinocial do outono. As colunas de seu trono representam, nesse sentido, os dois solstícios. Os astrólogos fazem da balança um signo do ar que assinam como domicílio diurno de Vênus. A atividade do dia restringe a deusa ao calmo e metódico trabalho da vida, de modo que ela parece inacessível às paixões do amante desnortado, o belo Adonis.

INTERPRETAÇÕES DIVINATÓRIAS

HOD, splendor, glória, a divindade manifestada pela ordem e a harmonia da natureza, o poder conservador das coisas. Lei, equilíbrio, estabilidade vivente, encadeamento lógico e necessário de idéias, sentimentos e ações, fatalidade decorrente daquilo que se realiza. Justiça imanente, conseqüências inelutáveis de toda ação.

Lógica, segurança, julgamento, imparcialidade, independência de espírito, honestidade, integridade, regularidade, disciplina, respeito à hierarquia, submissão às

conveniências e aos usos. Pausa, decisão, resolução tomada, firmeza de propósito, regra de conduta.

Método, exatidão, minúcia. Um administrador, um ministro, u gerente, um juiz, um homem de lei ou agente encarregado de manter a ordem. Uma dialética fecunda em argúcias, em discussões sutis. Rotina, espírito conservador, neofobia. Subalterno que sabe obedecer, mas incapaz de iniciativa.

ARCANO IX

O EREMITA



O Mestre do CARRO (ARCANO VII) é um jovem impaciente para realizar o progresso que a JUSTIÇA (ARCANO VIII) retarda, amiga da ordem e desfavorável às perturbações.

O EREMITA concilia este antagonismo, evitando a precipitação tanto quanto a imobilidade. É um velho experiente que conhece o passado no qual se inspira para preparar o amanhã; seu comportamento é prudente, porque armado de uma bengala com sete nós místicos, ele sonda o terreno sobre o qual avança com lentidão, mas sem parar. Se ele encontra em seu caminho a serpente das cobiças egoístas, ele não procura imitar a mulher alada do Apocalipse que coloca seu pé sobre a cabeça do réptil — alusão ao misticismo ambicioso de vencer toda a animalidade. — O sábio prefere encantar a besta, a fim de que ela se enrole em torno de seu bastão, como em torno daquele de Esculápio. Tratam-se, com efeito, de correntes vitais que o Taumaturgo capta à vista de exercer a medicina dos Iniciados.

O EREMITA não tateia o solo como um cego, porque uma luz discreta esclarece sua marcha infatigável e

segura. Sua mão direita leva, com efeito, uma lanterna parcialmente velada pelo pano do vasto manto de nosso filósofo, que teme ofuscar os olhos muito fracos para suportar o clarão de sua modesta lanterna.

São seus haveres pessoais que ele não deixa brilhar assim, senão na medida útil para guiar a si mesmo. Ele é modesto, e não se faz nenhuma ilusão sobre sua própria ciência, que sabe ínfima em relação àquilo que ignora. Igualmente, renunciando a muitas orgulhosas ambições intelectuais, contenta-se em recolher com humildade as noções que lhe são indispensáveis para a realização de sua tarefa terrestre.

Sua missão não é fixar as crenças formulando o dogma. O EREMITA não é PAPA (ARCANO V); ele não se endereça às massas e não deixa que dele se aproximem senão que os buscadores da verdade que ousam se introduzir em sua solidão. A eles faz confidências, após estar seguro de que eles são capazes de compreendê-lo, porque o sábio não atira pérolas aos porcos.

A claridade da qual dispõe o solitário não se limita, de resto, a iluminar as superfícies: ele penetra, inspeciona e revela o interior das coisas. Para reconhecer um homem verdadeiro, Diógenes deveu servir-se de uma lanterna análoga àquela do EREMITA do Tarô.

O manto desse personagem é exteriormente de cor sombria, tirante ao marrom (austeridade), mas o forro é azul, como se se tratasse de uma veste de natureza aérea, dotada das propriedades isoladoras atribuídas ao famoso *manto de Apolônio*. Os Franco-Maçons sabem que é preciso estar *a coberto* para trabalhar utilmente, e a Alquimia exige que as operações da Grande Obra tenham lugar no interior de um balão de ensaio hermeticamente fechado. Sem isolamento, nada se concentra; e, sem concentração prévia, nenhuma ação mágica saberia ser exercida. As energias silenciosamente acumuladas com paciência, ao abrigo de toda infiltração perturbadora, manifestarão um irresistível poder, quando chegar a hora. Tudo aquilo que deve tomar corpo se elabora em segredo, no antro obscuro das gestações onde se processa a obra secreta de misteriosos conspiradores.

O EREMITA conspira ao abrigo de um ambiente psíquico austero que o isola de toda frivolidade mundana. Em seu retiro, ele amadurece suas concepções, intensificando sua vontade que ele retém, imantando suas aspirações generosas de todo amor desinteressado do qual é capaz. Assim esse sonhador pode preparar formidáveis acontecimentos, porque para seus contemporâneos, ele se torna o artista efetivo do amanhã. Afastado das contingências presentes, ele tece com abnegação a trama sutil daquilo que deve se realizar. *Mestre Secreto*, ele trabalha no invisível para condicionar o amanhã em gestação. Agente transformador, ele não cuida dos efeitos imediatos e não se fixa senão às energias produtoras das formações futuras.

Fugir ao comércio com os homens para viver na intimidade de seu próprio pensamento é entrar em união mística com a idealidade figurada no Tarô pela mulher dos ARCANOS III e VIII (IMPERATRIZ e JUSTIÇA), da qual o EREMITA se torna o esposo. O velho do ARCANO IX aproxima-se assim de São José, o carpinteiro, a quem os Vedas dão o nome de TWASHTRI. É, de acordo com Émile Burnouf,

a personificação da força plástica difundida no universo e manifestada, sobretudo, nos seres vivos. É, pois, permitido ver aí o artesão misterioso do alicerce invisível sem o qual não se saberia executar nenhuma construção vital. Em JESOD, o fundamento imaterial dos seres objetivos, sintetizam-se as energias criadoras virtuais aplicadas a uma realização determinada. Antes de tomar corpo, tudo preexiste em conceito abstrato, em intenção, em planificação, em imagem viva animada de dinamismo realizador.

O ARCANO IX relaciona-se ao mistério de uma geração real, mas oculta, da qual não participam senão espírito e alma. O EREMITA é o mestre que trabalha sobre a prancha onde traça o plano preciso da construção projetada.

A figura que aparece comumente sobre essa prancha é um quadrado com os lados prolongados, constituindo nove divisões nas quais podem se inscrever os nove primeiros números que os adeptos dispõem em quadrado mágico. Assim dispostos, os números ímpares formam uma cruz central muito significativa, enquanto os pares são relegados aos ângulos, como se eles devessem relacionar-se ao quaternário dos

elementos. Sem entrar em explicações que levariam muito longe limitemo-nos a indicar que o núcleo anímico do ser virtual está representado pelo CINCO (QUINTESSÊNCIA), número flanqueado por TRÊS (IDEALIDADE FORMADORA) e por SETE (ALMA DIRIGENTE), enquanto é dominado por UM (ESPÍRITO PURO) e sustentado por NOVE (SÍNTESE DAS VIRTUALIDADES REALIZADORAS).

8	1	6
3	5	7
4	9	2

Considerada na ordem numérica normal, a eneada cabalística constitui um losango no qual NOVE ocupa a ponta inferior, figurando assim o tronco da árvore dos sephiroth, base ou suporte do conjunto.



O personagem da esfera celeste que melhor corresponde ao EREMITA é Bootes, guardião dos Sete Bois, *Septem triones*, antiga designação do septenário da Grande Ursa ou Carro de Davi. É, na realidade, um cegador que ergue sua foice acima de um feixe, onde os astrônomos modernos vêem a Cabeleira de Berenice. Quando a Virgem zodiacal se deita, Bootes abaixa-se e parece segui-la, assim como faria o marido, ou melhor, o pai da dela, virginal Erígona que preside às colheitas. Assim se confirma a afinidade já constatada entre os ARCANOS III e IX.

O Tarô de Bolonha substitui o EREMITA por um patriarcha alado que caminha penosamente, curvado sobre duas muletas. De sua cintura pende uma bolsa que encerra a herança

do passado. Ele parte de uma coluna que marca um dos pólos do movimento universal, aquele do qual os seres se distanciam ao evoluir. Esse velho, que não avança senão lentamente, a despeito de suas asas, faz pensar em SATURNO, deus do TEMPO, visto como o eterno continuador sempre em marcha para a conquista de um amanhã que ele faz insensivelmente surgir do passado. Notemos, a propósito, que o jogo de Carlos VI faz com que o EREMITA mantenha, não uma lanterna, mas uma ampulheta.



INTERPRETAÇÕES DIVINATÓRIAS

JESOD, Fundamento. O ser em potência de vir a ser, potencialidades condensadas em gérmen. O plano vivo preexistindo à objetivação. A trama invisível do organismo a construir. Modelo demiúrgico imprimindo aos indivíduos os caracteres da espécie. Corpo astral dos oculistas.

Tradição. Experiência. Patrimônio imperecível do passado.

Saber aprofundado. Prudência. Circunspeção. Recolhimento. Silêncio. Discrição. Reserva. Isolamento. Continência. Celibato. Castidade. Austeridade.

Sábio isolado do mundo, morto para as paixões e ambições mesquinhas. Espírito profundo, meditativo, estranho a toda frivolidade. Médico experimentado do espírito, da alma e do corpo. Adepto praticante da medicina universal. Filósofo hermético possuindo o segredo da Pedra dos Sábios. Iniciador. Mestre capaz de dirigir o trabalho de outrem e de discernir aquilo que está em gestação na ordem do futuro humano. Parteiro.

Caráter saturniano, sério, taciturno, carrancudo, desconfiado.

Espírito receoso, meticoloso, pesado. Tristeza, misantropia, ceticismo, irresolução, avareza, pobreza.

ARCANO X

A RODA DA FORTUNA



O primeiro capítulo do Livro de Ezequiel descreve uma visão sobre a qual dissertaram a perder de vista inúmeros cabalistas. Os céus estando abertos, o profeta aí viu animais estranhos agrupados por quatro e, perto deles, um quaternário de rodas de fogo, das quais cada uma era dupla. A 10ª chave do

Tarô, cujo simbolismo foi fixado por Elifas Levi, inspira-se no texto sagrado, quando nos mostra uma roda de duas pinas concêntricas, imagem do duplo turbilhão gerador da vida individual.

Esta vida se engendra ao modo de uma corrente elétrica, desde que um turbilhonamento se estabeleça em sentido contrário ao movimento giratório envolvente. O indivíduo resulta de uma oposição ao todo do qual ele faz parte. Ele não se faz centro senão que em se insurgindo contra a universalidade. Sua vida procede de uma vida mais vasta que ele se esforça por monopolizar. Não o consegue senão que numa limitada medida, de onde a brevidade da existência individual, à qual faz alusão a RODA DA FORTUNA que é também aquela do *vir a ser* ou do *destino*..

Uma manivela coloca em movimento esta RODA fatídica, cujo movimento é rápido no início, mas se vai tornando mais lento até a parada que marca a morte. À precipitação do ritmo vital da juventude sucede assim a calma regularidade da idade madura; depois, vêm os langores da velhice que chegam à estagnação definitiva e fatal.

A RODA DO VIR A SER flutua sobre o sombrio oceano da vida caótica suportada pelos mastros de dois barcos unidos, dos quais um é vermelho e o outro verde. Sua forma lembra o crescente de Ísis, a grande formadora, mãe de todos os seres.

De cada barco, arremessa-se uma serpente, das quais uma é macho e outra fêmea. Elas correspondem às duas ordens de correntes vitais que são positivo ou negativo e traduzem-se em motricidade (vermelho) e em sensibilidade (verde).

O movimento da RODA DA FORTUNA arrasta na subida um Hermanubis que mantém o caduceu de Mercúrio, e na descida um monstro armado de um tridente. Assim estão simbolizadas, de uma parte, todas as energias benfazejas e construtivas que favorecem o crescimento do indivíduo e estimulam sua irradiação vital e, de outra, o conjunto de agentes destrutivos aos quais deve resistir o ser vivo.

Ambos os antagonistas representam o verão, cujo calor é favorável à vida, e o inverno, restritivo de toda radiação. O personagem com cabeça de cão corresponde à

constelação canicular da qual Sírius é a estrela principal. Sua oposição nos reposta a Capricórnio — peixe-cabra — aquoso e terrestre, logo, lamacento caótico, como indica o verde terroso de seu corpo. Se o semblante e a roupagem lúgubre do demônio invernal são de um vermelho escuro, é porque um fogo obscurecido queima nele: o fogo das paixões egoístas, porque ele é o gênio da matéria caótica, HYLE , à qual tende a conduzir o que é organizado, logo, coordenado, submetido a uma regra e disciplinado. Mas o frio condensador e corporizador não deve ser tomado unicamente em sua má parte. Sem ele, nenhuma objetivação criadora e, portanto, nem encarnação do Verbo, nem redenção. O Capricórnio não deve, pois, ter sido considerado como diabólico pelos cristãos das catacumbas que o associaram ao tridente de Netuno na parede de uma das criptas de Ardeatine. Eles aí viam, verdadeiramente, o símbolo do homem decaído, mas regenerado pela virtude das águas batismais.

Hermanubis, cujo corpo é azul, corresponde ao Azoto dos sábios, substância etérea que penetra todas as coisas, para excitar, manter e revigorar a necessidade de movimento

da vida. Esta sorte de fluido misterioso é, ao mesmo tempo, um veículo da inteligência organizadora, o grande Mercúrio, mensageiro dos deuses coordenadores do Caos.

As divindades demiúrgicas são em número de sete. Elas se traduzem pelas influências planetárias da astrologia que repercutem sobre tudo o que existe. Daí as sete esferas diversamente coloridas que atravessam os sete raios visíveis da RODA do vir a ser.



Acima, uma plataforma, uma esfinge está solidamente instalada. Ela representa o princípio do equilíbrio e da fixidez que assegura a estabilidade transitória das formas individuais. Como a JUSTIÇA (ARCANO VIII), está ramada com uma espada, porque lhe cabe cortar e decidir, intervindo no conflito de forças condensadoras ou expansivas, restritivamente egoístas ou muito generosas em seu ardor

exteriorizante. É *Archée* dos hermetistas, o núcleo fixo e determinante da individualidade, no centro do qual queima o Enxofre. Esse princípio de unidade domina as atrações elementares que ele sintetiza e converte em energia vital. Assim se explicam as quatro cores da esfinge que correspondem aos elementos: cabeça vermelha, Fogo; asas azuis, Ar; peito e patas verdes na frente, Água; atrás, preto, Terra. A esfinge é, aliás, humana em seu semblante e seios de mulher, águia pelas asas, leão pelas garras e touro por seus flancos. Nela se encontram os animais da visão de Ezequiel, tornados símbolos dos quatro Evangelistas: homem ou anjo, São Mateus; touro ou boi, São Lucas; leão, São Marcos; águia, São João.



Em relação ao Capricórnio-typhon e ao Cão-hermanubis que correspondem astronomicamente aos solstícios, a Esfinge ocupa o lugar da Balança zodiacal mantida pela JUSTIÇA (ARCANO VIII). Está em oposição com as serpentes que transformam o suporte da RODA em caduceu. Tudo como o Carneiro, ao qual se substituem, esses répteis simbolizam o sonho da vitalidade na Primavera. Eles emergem do oceano caótico figurado pela região do céu onde nadam os Peixes e a Baleia, não longe da embocadura do rio Eridam. Como está dito em Gênesis, o espírito de Elohim plaina acima das águas tenebrosas como dominador impenetrável do turbilhonamento da RODA cosmogônica. Severa, plácida, para sempre enigmática, a eterna esfinge permanece dona de seu segredo que é o Grande Arcano, a palavra criadora escondida das criaturas, o IOD inicial do tetragrama divino.

INTERPRETAÇÕES DIVINATÓRIAS

MALCUT, reino. O domínio da soberania do querer. O princípio da individualidade. Involução. Gérmen, semente, esperma. Energia fecundante. IOD, coluna Jakin.

Iniciativa, sagacidade, presença de espírito, espontaneidade, aptidão às invenções. Divinação de ordem prática. Êxito devido às ocasiões bem aproveitadas.

Sorte, descobertas fortuitas que enriquecem ou conduzem ao sucesso. Destino propício que faz obter exteriormente um real mérito pessoal. Vantagens obtidas do acaso. Situação invejada, mas instável. Alternâncias de altos e baixos. Inconstância. Fortuna menor da Geomancia. Benefícios transitórios.

ARCANO XI

A FORÇA



A energia suprema, à qual não resiste nenhuma brutalidade, apresenta-se no Tarô sob o aspecto de uma rainha loura e graciosa que, sem esforço aparente, doma um leão furioso, cujas mandíbulas ela mantém afastadas. Esta concepção da FORÇA como virtude cardeal distancia-se das figurações banais de um Hércules apoiado sobre sua maça e vestido com os despojos do leão de Neméia. Não é o vigor físico, —aquele dos músculos, — que glorifica o ARCANO XI; trata-se do exercício de um poder *feminino*, bem mais irresistível em sua doçura e sutileza que todas as explosões da cólera e da força brutal. A fera, encarnação dos ardores indisciplinados e das veemências passionais, é esse *Leão* devorador do Zodíaco, cujo retorno anual marca a época em que o *Sol*, tornado escaldante, resseca e mata a vegetação. Ele é vencido pela *Virgem* (IMPERATRIZ, ARCANO III) que amadurece as colheitas.

Não é uma besta malfazeja, a despeito de sua ferocidade. Entregue a si mesmo, ele monopoliza, devora e destrói com uma raiva egoísta; não é o mesmo se for domado,

porque, assim como a Esfinge negra do CARRO (ARCANO VII), ele presta imensos serviços a quem sabe dominá-lo.

Não, pois, lugar para matar o animal, mesmo em nossa personalidade, à maneira dos ascetas. O Sábio respeita todas as energias, mesmo as perigosas, porque ele estima que elas existem para serem captadas e depois judiciosamente utilizadas.

Gilgamés, o herói caldeu, guarda-se bem de asfixiar o leão que ele aperta sobre o coração, depois de havê-lo atordoadado com a ajuda de uma arma constituída por um saco de couro cheio de areia. Este iniciado não despreza nada daquilo que é inferior; ele vê como sagrados até os instintos menos nobres, porque eles são o estimulante necessário de toda ação. O mestrado vital exige que as forças que tendem ao mal sejam comutadas em energias salutares. O que é vil não deve ser destruído, mas enobrecido pela transmutação à maneira do chumbo que é preciso saber elevar à dignidade do ouro.



Esta regra é aplicável em todos os domínios. É inútil exigir do comum dos homens a virtude, o desinteresse, o austero cumprimento do dever. O egoísmo sob todas as suas formas permanece o príncipe desse baixo mundo; o Sábio, tomando seu partido, tem-no em conta do Diabo, para obrigá-lo a colaborar, — despeito dele mesmo, — para com a Grande Obra. Tal é o ensinamento do ARCANO XI.

O Mago que realiza assim o programa da iniciação masculina ou dórica chama-se Inteligência. É a Fada à qual

devemos as conquistas da ciência e os progressos da civilização. Mas as maravilhas que ela opera de maneira oculta são mais admiráveis ainda do que aquelas que se impõem à constatação. Em cada organismo ela é ativa. Sem ela, as células inconscientes não poderiam concorrer para a saúde comum. Ela repercute na alma de toda coletividade, porque a vida só é individual de modo relativo: o ser visto como o mais simples sendo complexo. Toda a vida, quer seja a de um indivíduo tomado isoladamente ou aquela de uma nação, fundamenta-se sobre a associação de divergências que se ignoram e pedem, todavia, para serem conciliadas no interesse superior. Esta conciliação indispensável é, em toda parte, obra do poder misterioso representado no Tarô pela FORÇA. Sem a irresistível intervenção da real domadora, em quem se une a IMPERATRIZ e a JUSTIÇA, os egoísmos desencadeados opor-se-iam a toda vida coletiva. Se o organismo resiste às discórdias desses elementos constitutivos, é porque ele possui uma alma orgânica na qual reside uma força superior àquela das monopolizações mesquinhas. Quando os cidadãos não pensam senão em si mesmos, a nação deveria periclitar; se ela resiste à investida dos apetites individuais é pelo milagre da

alma nacional simbolizada, no Tarô, pela mulher vitoriosa sobre a besta rapace.

A rainha que domina tranqüilamente as energias em revolta está vestida com as cores da PAPISA (ARCANO II): vestido azul e manto vermelho, porque sua ação é misteriosa como aquela da Natureza-Ísis. Mas o azul da FORÇA é o claro azul da IMPERATRIZ (ARCANO III). O verde aparece em suas mangas como naquelas da JUSTIÇA (ARCANO VIII), tudo em se associando ao amarelo, porque a domadora do leão inspira-se na mais alta idealidade (ARCANO III) e rege a vitalidade (verde) por intermédio da luz coagulada (amarelo), em conformidade às leis de ordem universal (ARCANO VIII). É de notar que $3+8=11$, número que se reduz a 2 pela redução teosófica.

O número onze aparece, aliás, como capital em Iniciação, sobreudo em seus múltiplos 22, 33 e 77, do mesmo modo que em sua decomposição em 5 e 6, números que remetem ao Pentagrama e ao Selo de Salomã, ou seja, às estrelas do microcosmo e do macrosmo. A reunião dessas duas estrelas constitui o pentáculo da força mágica exercida pelo

espírito humano (Pentagrama) tornado centro de ação da alma universal (Hexagrama).



Nossa maestria afirma-se no domínio limitado do microcosmo que está englobado no macrocosmo do qual emanamos (ARCANO I) e ao serviço do qual despendemos nossos esforços (ARCANO XI).

Análoga àquela do SALTIMBANCO, a coifa da FORÇA afeta a forma de um oito deitado, signo expressivo do movimento continuo adotado pelos matemáticos como símbolo do infinito.

O retorno desse sinal ao fim da escala ativa dos onze primeiros arcanos assina o infinito ao mesmo tempo como fonte e como termo da atividade dórica consciente e desejada.

O chapéu do SALTIMBANCO é mais simples que aquele da FORÇA; ele não comporta nem coroa nem plumagem cintilante, porque o poder espiritual (coroa) não se adquire senão que em o exercendo, e o saber prático não é inato. O SALTIMBANCO tem a capacidade de tudo adquirir, mas ele não dispõe de toda a sua potência virtual senão após ser instruído e disciplinado no decorrer de sua carreira de iniciado de ordem masculina ou dórica. O ARCANO XI marca a esse respeito o ideal que é possível atingir. O homem sábio pode dispor de uma força imensa, se ele pensa judiciosamente e se seu querer particular se identifica com a Vontade Suprema. Ele domará a violência pela brandura; nenhuma brutalidade vai resistir-lhe, contanto que ele saiba exercer o poder mágico ao qual deve aspirar todo verdadeiro adepto. Domemos em nós mesmos o leão das paixões dominadoras e dos instintos egoístas, se aspiramos à FORÇA realmente forte e superior a todas as forças!

INTERPRETAÇÕES DIVINATÓRIAS

Energia psíquica. Poder da alma corporal que domina e coordena os impulsos em luta no seio do organismo. Razão e sentimento unidos para submeter o instinto. Verbo individual. Irradiação do Pensamento-Vontade emitido pelo indivíduo. Triunfo da inteligência sobre a brutalidade. Sabedoria e ciências humanas sujeitando as forças cegas da Natureza.

Virtude, coragem, calma, intrepidez. Força moral impondo-se à força brutal e às paixões egoístas.

Mestrado absoluto sobre si mesmo. Alma forte. Natureza enérgica, ativa. Trabalho, atividade inteligente. Domador.

Caráter vivo, violento, ardente. Impaciência, cólera, temeridade. Influência marciana. Bazófia, fanfarronada. Insensibilidade, rudeza, grosseria, furor.

ARCANO

XII

O PENDURADO



Fundada sobre o culto e o desdobramento das energias que o indivíduo etrai de si mesmo, a INICIAÇÃO ATIVA, dita masculina ou dórica, relaciona-se, no Tarô, aos 11 primeiros arcanos. Ela parte de I para chegar a XI. O iniciável animado por uma nobre e legítima ambição pessoal dispõe, finalmente, — se ele se mostrar digno, — da suprema força mágica. Ele realiza então o ideal do Mago, mestre absoluto de si mesmo e dominador, por este fato, de tudo aquilo que sofre sua ascendência. Está-se tentado a acreditar que é impossível ir mais longe e, todavia, o Tarô não pára no ARCANO XI; mas, com XII, ele aborda um domínio inteiramente diferente que é aquele da *iniciação passiva ou mística*, dita também feminina ou jônica. Doravante, a personalidade renuncia à exaltação das

próprias energias; longe de comportar-se como centro de ação autônoma, ela se eclipsa para sofrer docilmente as influências exteriores. O Mago tem fé nele mesmo, em sua inteligência e em sua vontade; ele se sente soberano e aspira conquistar seu reino. O místico persuade-se, ao contrário, de que ele nada é senão que uma casca vazia, impotente por si mesmo. Sua renúncia passiva coloca-o à disposição daquilo que age sobre ele. Ele se entrega, pés e mãos amarrados, como o PENDURADO que, no Tarô, parece ser o mesmo personagem que o SALTIMBANCO. No ARCANO XII, retorna, com efeito, o jovem louro e esbelto do ARCANO I, mas que contraste entre o malabarista de dedos hábeis e o supliciado que não mantém livre senão que a perna direita que ele dobra por detrás da esquerda, para formar uma cruz acima do triângulo invertido desenhado pelos braços e pela cabeça.

O conjunto da figura lembra assim o símbolo alquímico da *realização da Grande Obra*, inversão do ideograma do *Enxofre* ao qual se relaciona a silhueta do IMPERADOR. A oposição assim trazida à luz é aquela do Fogo e da Água, do Fogo interior ou *infernus* no sentido literl

da palavra e da Água sublimada ou celeste. O ardor sulfuroso é o *Archée* do indivíduo, o princípio de sua exaltação e de sua soberania (dorismo). A Água exteriorizada representa a substância anímica purificada na qual se refletem as virtudes do alto. O PENDURADO é inativo e impotente quanto ao corpo, porque sua alma está livre para envolver o organismo físico com uma atmosfera sutil, onde se refletem as irradiações espirituais mais puras. O IMPERADOR, ao contrário, está concentrado sobre si mesmo; ele está absorvido pelo centro de sua individualidade, praticando a descida a si mesmo dos Iniciados. *A entrada em si* conduz à realização da Grande Obra pela via seca do dorismo, enquanto *a saída de si para aí encaminha* pela via úmida do Ionismo.

O PENDURADO não é mais, propriamente falando, um ser terrestre, porque a realidade material lhe escapa: ele vive no sonho de sua idealidade, sustentado por uma misteriosa potência formada por duas árvores podadas que sustentam uma travessa de madeira morta. Esta travessa é amarela, para indicar que sua substância é feita de luz condensada, ou seja, do pensamento fixado ou definido em sistema. É a doutrina que

o PENDURADO fez sua, à qual ele aderiu a ponto de aí estar suspenso em toda sua pessoa. Trata-se de uma concepção religiosa muito alta, muito sublime para que o comum dos mortais possa atingi-la, ideal de resto muito elevado para que seja praticamente realizável. É a religião das almas de elite, tradição superior ao ensinamento das Igrejas e das confissões que se adaptam, sobre a terra, à fraqueza humana.

O PENDURADO aí se prende, — não crendo como instintivo ou como cego, — mas como sábio que discerniu a vaidade das ambições individuais e compreendeu a fecundidade do sacrifício heróico, visando ao esquecimento total de si mesmo. Ao contrário do misticismo vulgar, este esquecimento é levado até a exclusão de todo cuidado com a saúde individual, porque a pura devoção não desconta nenhum benefício sob forma de recompensa. Não é, aliás, a conquista do céu que ambiciona o PENDURADO, cuja cabeça está dirigida para a terra. Isso significa que suas preocupações são terrestres e que ele se devota ao bem de outrem, à redenção das pobres vítimas humanas da ignorância e das paixões egoístas.

As duas árvores entre as quais se balança o PENDURADO correspondem às colunas Jakin e Bohaz que se erguem à direita e à esquerda de todo iniciado. Elas representam o conjunto das aspirações sentimentais que tendem a subtrair o homem à materialidade grosseira. Sua casca azul que volta gradualmente ao verde indica, logo de saída, uma contemplação serena, uma piedade fiel aos usos cultuais, depois, uma vitalização progressiva, visando a libertar da prática do culto o lado moral e realmente vivo da religião. A seiva ardente que faz crescer as duas árvores colore de púrpura as doze cicatrizes deixadas pelos ramos cortados. Se a espiritualidade ativa (púrpura) se manifesta assim em duodenário, é porque ela anima a universalidade do domínio religioso à maneira do sol que percorre os doze signos do zodíaco. A religião do PENDURADO nada tem de estreita; ela ultrapassa as confissões particulares, para visar ao catolicismo integral tal como ele se destaca do puro sentimento religioso comum a todas as épocas e todos os povos.

O vermelho e o branco se alternam na túnica do PENDURADO, como o vermelho e o verde naquela do

AMANTE (ARCANO VI). A atividade do vermelho parece em contradição com a passividade do personagem que, todavia, não saberia ser passivo em todos os sentidos, porque lhe é necessário ser ativo para repelir as influências nocivas e procurar as boas. Quanto ao branco, ele se relaciona à pureza da alma e da imaginação indispensável à concepção das idéias justas e ao cultivo de sentimentos generosos. Sob as abas da vestimenta, dois crescentes, um vermelho e outro branco, estão em oposição. Eles recordam os crescentes análogos que protegem os ombros do triunfador do CARRO (ARCANO VII). Aqui, todavia, eles comandam, não os braços, mas as pernas, quer dizer, os membros de qualquer sorte aéreos do PENDURADO. Este, com efeito, não caminha, pois está pendurado pelo tornozelo esquerdo, a perna direita batendo o ar. Nessas condições, a lua vermelha decrescente da esquerda relaciona-se ao sentimento de humildade do místico, cuja abnegação é ativa; e o crescente branco da direita relaciona-se às faculdades intuitivas que têm a missão de recolher, sem deformá-las, as impressões imaginativas, e depois interpretá-las corretamente.

Dos botões da túnica, dois são vermelhos e quatro são brancos. Esse detalhe não é insignificante, pois que 2 remete à PAPISA, logo, à fé que é ativada no místico, enquanto 4 indica o IMPERADOR, o mestre da vontade que deve ser pura e desinteressada na iniciação feminina ou jônica, pois o adepto renuncia a querer por si mesmo e, sobretudo, para si mesmo: ele não quer aquilo que é querido pelo poder misterioso do qual ele se faz o servidor. Onde o Mago pretende comandar, o Místico não aspira senão obedecer.

Seu abandono confiante traduz-se em tranquilidade serena, de onde o semblante calmo e sorridente do PENDURADO, estranho supliciado, cujos braços amarrados sustentam bolsas de onde escapam moedas de ouro e de prata. Estes são os tesouros espirituais acumulados pelo adepto que é enriquecido intelectualmente. Desapegado de tudo, ele semeia generosamente o ouro das idéias justas que pôde fazer e dos conhecimentos preciosos que se esforçou por adquirir. (Ouro, Espéirito, Razão). Ele não é menos pródigo com sua afeição, seus bons sentimentos e desejos benéficos simbolizados pelas

peças de prata espalhadas à sua esquerda (Prata, Alma, Sensibilidade).

O herói mitológico mais de acordo com o ARCANO XII parece ser Perseu, porque o filho de Júpiter, o animador celeste, e de Danae, a alma aprisionada na torre de bronze corporal, é uma personificação do pensamento ativo que se transporta ao longe, invisível, para vencer a mentira e a calúnia. Medusa, da qual Perseu corta a cabeça, é o erro e a maldade paralisando o espírito, de onde o poder petrificador atribuído ao olhar da terrível Górgona. Seu vencedor deveu tomar de empréstimo o escudo-espelho de sua irmã Minerva, o capacete da invisibilidade de Plutão, obra de Vulcano, e as sandálias aladas de Mercúrio. Assim armado, ele pôde transportar-se para longe, para exercer invisivelmente uma ação de ordem oculta ou telepática. Após haver triunfado da estupidez perversa e aterrorizante, ele liberta Andrômeda, a alma acorrentada ao rochedo da matéria, negro recife emergente da espuma das ondas agitadas do temível oceano da vida elementar.

O personagem que realiza todos esses grandes feitos não parece em nada corresponder ao PENDURADO imobilizado; mas não nos devemos enganar sobre a aparente inatividade do supliciado do ARCANO XII. Se ele está corporalmente impotente, não dispões senão que de um maior poder oculto ou espiritual. Não agindo com seus músculos, ele exerce uma irresistível influência psíquica, graças à energia sutil que emana dele: seu pensamento, suas aspirações e seus sentimentos se fazem sentir ao longe, à maneira das intervenções de Perseu.



INTERPRETAÇÕES DIVINATÓRIAS

A alma livre envolvendo o corpo. Misticismo. Sacerdócio. O homem entrando em relação com Deus. Colaboração na Grande Obra da transmutação universal do mal em bem. O indivíduo libertando-se do egoísmo instintivo para elevar-se até o divino. Sacrifício redentor. Atividade da alma. Intervenção à distância. Telepatia.

Perfeição moral. Abnegação. Esquecimento total de si mesmo. Devotamento. Desinteresse absoluto. Sacrifício voluntário em benefício de uma causa elevada. Patriotismo.

Sacerdote, profeta, iluminado. Utopista, sonhador perdido nas nuvens e desprovido de senso prático. Entusiasta alimentado por ilusões. Artista concebendo o Belo, mas incapaz de traduzi-lo em obras. Projetos irrealizáveis. Desejos generosos, mas estéreis. Amor não partilhado.

ARCANO XIII

A MORTE



As composições do Tarô trazem seu nome escrito com todas as letras: SALTIMBANCO, PAPISA, IMPERATRIZ, etc. Único, o ARCANO XIII permanece intencionalmente mudo, como se houvesse repugnado aos tapeceiros medievais nomear o esqueleto segador, cuja colheita se compõe de cabeças humanas. Teriam eles se recusado a ver a Morte, salvo como o universal destruidor das formas perecíveis? Considerando a Vida como única existente, parece que eles não acreditaram nem na Morte nem no Nada. Aquilo que é muda de aspectos, mas não se destrói jamais; tudo persiste, modificando-se indefinidamente sob a ação do grande transformador ao qual os seres individuais devem sua origem. Dissolvendo as formas usadas, tornadas incapazes de responder à sua destinação, este agente intervém como rejuvenescedor,

pois que ele libera as energias destinadas a entrar em novas combinações vitais. Nós devemos nossa existência efêmera àquilo que chamamos de a Morte. Ela nos permite nascer e não pode nos levar senão que a um renascimento.

Existe correspondência exata no Tarô entre os primeiros termos do segundo ternário e do quinto, representados pelos ARCANOS IV e XIII. Ora, IV (IMPERADOR) representa o Enxofre dos Alquimistas, quer dizer, o fogo interior, princípio ativo da vida individual. Esse fogo queima as custas de reservas que se esgotam, de onde a lentidão gradual de seu ardor e sua extinção final naquilo que chamamos de a MORTE (ARCANO XIII) que, na realidade, nada é, nada extingue, mas libera as energias esgotadas sob o peso de uma matéria cada vez mais inerte. Longe de matar, a Morte revifica, dissociando aquilo que não mais pode viver. Sem sua intervenção, tudo enfraqueceria, de modo que a vida não se distinguiria mais, finalmente, da imagem que o vulgo faz da morte. É, pois, a justo título, que o ARCANO XIII se relaciona ao gerador ativo da vida universal, vida permanente, da qual a TEMPERANÇA (ARCANO XIV) simboliza o

dinamismo circulatório, enquanto o DIABO (ARCANO XV) o manifesta na acumulação estática.

O profano deve morrer para renascer para uma vida superior que a Iniciação confere. Se ele não morre para seu estado de imperfeição, proíbe-se todo progresso iniciático. *Saber morrer* é, pois, o grande segredo do Iniciado, porque morrendo ele se liberta daquilo que é inferior, para elevar-se, em se sublimando. O verdadeiro sábio esforça-se, assim, por morrer constantemente, a fim de melhor viver. Isso não implica, de sua parte, em nenhuma prática de ascetismo estéril; mas, se ele quiser conquistar sua autonomia intelectual, não deve romper com os preconceitos que lhe são caros e morrer assim para seu habitual modo de pensar? Para nascer para a liberdade de pensamento, é preciso libertar-se, morrendo para tudo aquilo que se opõe à estrita imparcialidade do julgamento. Esta morte voluntária é exigida do Franco-Maçom, a fim de que ele possa se dizer *nascido livre* ao bater à porta do Templo. O simbolismo resta, infelizmente, letra morta, o recipiendário não tendo, — o mais freqüentemente, —

nenhuma idéia daquilo que significa sua passagem, pela cripta fúnebre, dita *Câmara de Reflexões*.

Em alquimia, o indivíduo destinado a fornecer a matéria da pedra filosofal, falando de outro modo, o profano admitido à iniciação, está, ele também, condenado à morte. Aprisionado em um recipiente hermeticamente fechado, logo, isolado de toda influência vivificante exterior, o indivíduo morre e apodrece. É então que aparece a cor negra, simbolizada pelo corvo de Saturno, que é de bom augúrio no início das operações da Grande Obra.



Se tu não vires em primeiro lugar esta escuridão, antes de qualquer outra cor determinada, saiba que falhaste

na obra e que é preciso recomeçar! De acordo com todos os filósofos herméticos, Nicolas Flamel, convida assim o futuro adepto a retirar-se do mundo e a morrer para as frivolidades, para entrar na via das transmutações progressivas de si mesmo que conduzem à verdadeira iniciação.

Esta comporta, em realidade, duas mortes sucessivas. A primeira implica em uma incubação análoga àquela que sofre o pinto no ovo, cuja casca ele acaba por quebrar. O místico deve dobrar-se sobre si mesmo nas trevas do *Ovo Filosófico*, à vista de conquistar a luz e a liberdade. É preciso morrer numa prisão escura para renascer para uma vida independente e clara.

A nova vida conquistada não é uma existência de repouso triunfal. Ela impõe trabalhos incessantes, mas fecundos e gloriosos, cuja recompensa é a segunda morte. Não contente de liberar-se de seus invólucros grosseiros, o adepto morre desta vez mais profundamente que no começo de sua iniciação, porque ele morre para si mesmo, para sua própria personalidade, para seu egoísmo radical. Sua renúncia não é, todavia, aquela do asceta, tornado indiferente à sua própria

sorte e àquela de outrem. Como adepto, duas vezes morto, desdenharia os humanos, quando ele mesmo só ressuscita para viver por eles? Se ele está unido ao Grande Ser que se particulariza em nós, é para partilhar seu amor infinito. O que distingue o sábio ideal é que ele sabe amar com fervor, chegando até o esquecimento total de si mesmo. Aquele que chega até esse desinteresse generoso dispõe de um imenso poder e possui a pedra filosofal, e a dupla morte iniciática pode sozinha conduzir à apoteose.

Contrariamente ao uso corrente, o SEGADOR do Tarô corta com a esquerda. Graças a essa anomalia, o esqueleto e a foice desenham um MEM hebraico. O cabo da foice é vermelho, porque a morte dispõe do fogo que devora as forças dessecadas, palha na qual a seiva vital não circula mais. É de notar que os ossos do esqueleto não são brancos, mas rosá-claros, cor característica daquilo que é humano, sensível e compassivo. A fatalidade dissolvente não teria então toda a crueldade que se lhe atribui? A foice que os corpos ao solo ávido em assimilá-los parece poupar cabeças, mãos e pés. As cabeças conservam sua expressão, Omo se permanecessem

vivas. Aquela da direita porta uma coroa real, símbolo da realeza da inteligência e do querer que ninguém abdica ao morrer. Os traços do semblante da esquerda nada perderam do encanto feminino, porque as afeições não morrem e a alma ama além do túmulo. As mãos que surgem da terra, prontas para a ação, anunciam que a Obra não saberia ser interrompida, e os pés que aparecem em meio a rebentos verdes se oferecem para fazer avançar as idéias em marcha. A desapareição dos indivíduos não traz prejuízo à tarefa que eles realizam: nada cessa, tudo prossegue!

Shiva retoma de Vishnou a vida dada por Brahma, não para destruí-la, mas vista de renová-la. Da mesma maneira que Saturno poda a árvore da vida, a fim de intensificar o vigor de sua seiva, um gênio renovador talha a humanidade no interesse de sua persistência e fecundidade. O iniciado reconhece, no caricato SEGADOR, o indispensável agente do progresso; também ele não experimenta qualquer temor à sua aproximação. Para viver iniciaticamente, consentimos em morrer. A Morte é a suprema Libertadora. O sábio encaminha-se para o túmulo sem lamentar o passado; ele aceita a serena

velhice, feliz em beneficiar-se do relaxamento dos laços que retêm o espírito prisioneiro da matéria. O apaziguamento das paixões dá ao intelecto uma mais completa liberdade, podendo traduzir-se em lucidez genial e mesmo em clarividência profética. Os privilégios do mestrado estão, aliás, reservados ao velho que soube permanecer jovem pelo coração, porque o poder do mestre fundamenta-se na simpatia. Ele não possui outra força senão aquela da afeição; mas ele sabe amar com abnegação. Vibrando com toda energia de sua alma, ele dispõe da *força forte de toda* força e detém a verdadeira pedra filosofal capaz de realizar os milagres da Coisa Única. Feliz daquele que não sofre mais nenhuma atração inferior, mas nem por isso queima menos de um intenso ardor generoso! Ele morre, para entrar em uma vida mais alta e mais bela. Se é cristão, a ressurreição pascal realiza-se nele; se é franc-maçom, pode dizer-se *Filho da Petrefação* em toda verdade, após ser decomposto no túmulo de Hiram para aí deixar tudo o que entravava seu desenvolvimento espiritual.



Nada no céu se relaciona à morte. O *Dragão do Pólo* aí aparece, todavia, como inimigo da vida ou, ao menos, das formas transitoriamente animadas. É o insaciável sorvedouro daquilo que viveu; nele, dissolve-se aquilo que deve retornar ao caos, antes de poder retomar um novo aspecto. Hércules (ARCANO IV) encontra esse monstro no Jardim das Hespérides onde defendia as maçãs de ouro. Mas o terrível réptil não afasta senão profanos indignos de se aproximarem do tesouro iniciático: ele recua diante do iniciado morto e ressuscitado.

INTERPRETAÇÕES DIVINATÓRIAS

O princípio transformador que renova todas as coisas. A inelutável necessidade. A marcha fatal da evolução. O movimento eterno que se opõe a toda parada, a toda fixação

definitiva, logo, àquilo que estaria realmente morto. O espírito de progresso (Espírito Santo dos gnósticos). O Paracleto consolador que liberta o espírito do jugo da matéria. Liberação. Espiritualização. Desmaterialização. Shiva.

Desilusão. Penetração intelectual. Percepção da realidade despojada de todo aparato sensível. Lucidez absoluta de julgamento. Iniciação integral. Morte iniciática. Desapego. Ascetismo. Inflexibilidade. Incorruptibilidade. Poder transformador capaz de regenerar um meio corrompido. Mestrado.

Fim necessário. Fatalidade. Fracasso pelo qual a vítima não é responsável. Transformação radical. Renovação. Herança. Influência dos mortos. Atavismo. Necromancia. Espiritismo.

Melancolia, luto, tristeza, velhice, decomposição, corrupção, dissolução.

ARCANO XIV

A TEMPERANÇA



Se a iniciação ensina a morrer, não o é para preconizar o aniquilamento. Aquilo que, com toda certeza, não existe é o Nada! Aspirá-lo corresponde ao ideal mais falso que se pode conceber, porque nada se destrói, tudo se transforma. Longe de suprimir a vida, a morte provê seu perpétuo rejuvenescimento. Ela dissolve o *continente*, a fim de liberar o *conteúdo* que podemos imaginar como um líquido incessantemente vertido de recipiente perecível a outro, sem que jamais dele se perca uma gota sequer.

A décima-quarta chave do Tarô mostra-nos esse fluido universal vertido de um vaso de prata para outro de ouro pela TEMPERANÇA que se torna o anjo da Vida Universal.

As ânforas de metal precioso não correspondem a grosseiros invólucros corporais; elas fazem alusão à dupla atmosfera psíquica da qual o organismo corporal não é senão o lastro terrestre. Desses ambientes concêntricos, um, o mais próximo, é solar e ativo (Ouro, consciência, razão); ele dirige o indivíduo de uma maneira imediata e mantém sua energia voluntária. O outro se estende para além do primeiro; é lunar e sensitivo (Prata). Seu domínio é mais misterioso; é aquele da sentimentalidade, das impressões vagas, da imaginação e do inconsciente de ordem superior. Esta esfera etérea capta as vibrações da vida comum aos indivíduos de uma mesma espécie, vida permanente que é o reservatório de onde extraímos a vitalidade que individualizamos. Aquilo que está concentrado da urna de prata se derrama naquela de ouro, onde a condensação se completa à vista da manutenção da vida física.

O mistério das duas urnas domina toda a taumaturgia terapêutica, cujos milagres se realizam com o auxílio do fluido universal. Os iniciantes na arte de curar dispõem, o mais freqüentemente, de uma urna de ouro transbordante. Eles

transmitem então a outrem seu fluido pessoal e praticam o magnetismo curativo, comandando as correntes vitais. Se a urna de prata não lhes for revelada, eles permanecem aprendizes-curandeiros, incapazes de ação contínua e mais amplamente eficaz. O verdadeiro milagre — que está ao alcance de toda alma pura profundamente generosa — depende da extensão de nossa esfera sentimental.

Compadeçamo-nos com todo nosso ser dos sofrimentos de outrem, depois exteriorizemos nossa afeição, a fim de nos constituirmos em um ambiente de amor tão vasto quanto possível. Nós nos beneficiaremos assim de um meio refringente anímico, próprio a recolher as ondas vibratórias mais etéreas por meio das quais se pratica a verdadeira medicina dos Santos e dos Sábios.

O gênio da TEMPERANÇA é andrógino ou, mais exatamente, ginândrico. O DIABO (ARCANO XV) é, ele também, bissexuado, enquanto a MORTE (ARCANO XIII) é sem sexo. Se assim é, é porque o conjunto do 5º ternário do Tarô (XIII, XIV, XV) se relaciona à vida coletiva, não-

individualizada, ao fluido universal insexuado, ainda que susceptível de polarizações sexuais.

Como a IMPERATRIZ (ARCANO III), a JUSTIÇA (VIII) e o anjo do JUGAMENTO (XX), a TEMPERANÇA é loura; ela se aproxima, além disso, desses três personagens pela cor de suas roupas: vestido vermelho, manto azul com forro verde. O vermelho denota a atividade espiritual interior, o azul, a serenidade anímica e o verde, as tendências à vitalização.

O gênio da TEMPERANÇA é alado como a IMPERATRIZ (III), porque ele é análogo à Rainha do Céu; mas ele não se confina, como ela, nas alturas de um inacessível ideal e prefere abaixar-se até os vivos, que lhe devem o viver física e espiritualmente. Limita-se, todavia, a manter a vida sem fazê-la nascer, como o SALTIMBANCO (I), nem intensificá-la à maneira do IMPERADOR (IV). O copeiro angélico do líquido vital reanima a flor preste a fanar-se; ele a irriga ou condensa sobre ela o orvalho matinal, a fim de permitir-lhe resistir aos ardores do dia. No quaternário das virtudes cardeais, a força desenvolve uma atividade devoradora, que consumiria a umidade vital (*úmido radical* dos

hermetistas) sem a intervenção refrescante da TEMPERANÇA. Esta restitui uma seiva nova ao vegetal esgotado pelo calor madurescente do *Leão*, ao qual se opõe, no zodíaco, o *Aquário*, ou seja, o *Anjo de São Mateus* ou Homem associado ao Touro, ao Leão, à Águia na visão de Ezequiel.



O aquário desempenha o papel de Indra, o deus das chuvas fertilizadoras, que, no panteão caldeu, corresponde a Ea, o senhor do oceano supraceleste onde se difunde a Sabedoria suprema. Ela se reparte entre os seres humanos pela água que cai das alturas. Daí o caráter sagrado da água lustral e seu papel nas purificações iniciáticas. Os cristãos inspiraram-se nos antigos mistérios, quando obrigavam o catecúmeno a mergulhar na onda batismal, a fim de sair dela lavado de toda

sujeira moral e regenerado, ou seja, nascido para a vida cristã, depois de ser morto pela submersão à vida pagã.

Em alquimia, o indivíduo enegrecido à vontade, logo, morto e putrefato, é submetido à ablução. Esta operação utiliza as chuvas sucessivas provenientes da condensação dos vapores que se desprendem do cadáver sob a ação de um fogo exterior moderado, alternativamente ativo e, depois, mais lento. Dessas chuvas reiteradas resulta uma lavagem progressiva da matéria que, do negro, passa ao cinza e, finalmente, ao branco. Ora, a brancura marca o êxito da primeira parte da Grande Obra. O adepto não chega aí senão que em purificando sua alma de tudo aquilo que a perturba comumente. Se, após a renúncia efetiva a si mesmo, ele se liberta de todo desejo equívoco, pode aproximar-se de um ideal de candura de intenções que torna possível a ação miraculosa.

A arte de curar com a ajuda de forças misteriosas fundamenta-se essencialmente sobre a pureza de alma daquele que cura. Desde que se santifique por sua abnegação e por seu devotamento a outrem, operará muito naturalmente verdadeiros milagres; mas ele deve, para esse efeito, desligar-se de si

mesmo até a indiferença e sofrer a prova do frio que extingue, no coração do homem, toda paixão mesquinha.

É permitido reconhecer o Arcanjo Rafael no Gênio da TEMPERANÇA, que é marcado na fronte com um signo solar, já observado no barrete da JUSTIÇA (VIII) e sob o signo do qual se apresentará o anjo do JULGAMENTO (XX). Este ideograma é sempre um indício de discernimento, seja porque se aplique à razão coordenadora das energias construtivas (VIII), à repartição lúcida das forças vitais (XIV) ou à ação esclarecedora do Espírito regenerador que sopra onde quiser (XX).

Não nos esqueçamos de que o ARCANO XIV sintetiza o 2º septenário do Tarô, do qual ele ocupa o centro. Ora, como os três septenários do Tarô, cada um em seu conjunto, relacionam-se ao Espírito, à Alma e ao Corpo, o segundo é anímico; seu termo sintético (XIV) faz alusão aos mistérios da alma universal, mistérios que é preciso penetrar para praticar a alta medicina dos iniciados.

Quando os Arcanos do Tarô são alinhados em duas colunas, o EREMITA (IX), que personifica a Prudência, torna-se o companheiro da TEMPERANÇA (XIV). Esta transporta no passivo aquilo que o filósofo solitário manifesta no ativo Homem de experiência e de estudo, nosso sábio que se mantém afastado das sugestões que sofre a multidão. Ele procura a verdade sem pressa, limitando o domínio de suas explorações, cuidadoso em manter-se no campo estreito do saber humano. Sua reserva traduz-se pela temperança em moderação, virtude negativa, à qual repugnam as extravagâncias e os exageros. Trata-se, aliás, da vida prática de preferência à especulação abstrata. O adepto que se banha no fluido que verte o Anjo solar não é mais agitado pela febre que agita o comum dos homens. Morto para as ambições mesquinhas, para as paixões egoístas, indiferente às misérias que o ameaçam, ele vive calmo na bela serenidade de uma suave sabedoria, indulgente para com as fraquezas alheias.

INTERPRETAÇÕES DIVINATÓRIAS

A vida universal, seu movimento incessante, sua circulação através dos seres. O fluido animador que restitui as

forças despendidas. O agente reparador e reconstituente daquilo que se usa e perde o vigor. A energia mediadora da natureza. Taumaturgia curativa fundada sobre a captação e o governo das correntes vitais. Transfusão de força vital. Alquimia psíquica. Regeneração. Mistérios da água e do frio. Milagres. Fonte de Juventude.

Tranqüilidade filosófica, serenidade de espírito que eleva acima das misérias humanas. Indiferença às mesquinhas da vida. Equilíbrio de humor, calma apaziguadora, saúde, boa circulação, regularidade das trocas, condições favoráveis ao prolongamento da vida, desinteresse, impassibilidade, resignação.

Facilidade de adaptação, leveza, suavidade. Sensibilidade às influências exteriores. Impressionabilidade receptiva. Frieza, apatia, mobilidade, natureza instável e cambiante. Repouso, férias, alternâncias, mudança, deixar-levar, abandono, escoamento, falta de descrição. Passividade, preguiça, imprevidência, despesas inconsideradas, prodigalidade.



ARCANO XV
O DIABO



Vista em sua essência comum a todos os seres, a vida universal circula sem parar, sempre idêntica a ela mesma, escoando com indiferença de um recipiente para outro. Se nada vier a perturbar a regularidade desse escoamento pacífico, a vida teria permanecido paradisíaca; mas a serpente interveio e, sob sua inspiração, cada ser quis monopolizar o bem comum para condensar a vida em torno dele, em seu benefício individual. Houve assim revolta contra a ordem universal das coisas. Turbilhões particulares tomaram nascimento no seio da circulação geral perturbada pelo egoísmo radical que personifica o DIABO. Este adversário, — Satan, em hebraico — é o Príncipe do Mundo material que, sem ele, não poderia existir, porque ele é a base de toda diferenciação particularizante. É ele que leva o átomo a constituir-se às expensas da substância uniformemente etérea. Ele é o diferenciador, o inimigo da unidade; ele opõe os mundos ao Mundo e todos os seres uns aos outros. Havendo-os incitado a quererem ser semelhantes a Deus, ele lhes sugere o instinto de reconduzir tudo para si, como se eles fossem o centro em torno do qual tudo deve gravitar.

O Diabo nos aparece no Tarô sob o aspecto do Baphomet dos Templários: bode na cabeça e nas pernas, mulher nos seios e braços. Este ídolo monstruoso deriva do Bode de Mendes e do Grande Pan andrógino dos Gnósticos. Como a Esfinge grega, reúne os quatro elementos dos quais o DIABO é o princípio anímico. Suas pernas negras correspondem à TERRA e aos espíritos das profundezas obscuras representados pelos GNOMOS da Idade Média e pelos Anounnaki temidos pelos caldeus. As ONDINAS, animadoras da ÁGUA, são lembradas pelas escamas verdes que cobrem os flancos do monstro, cujas asas azuis se relacionam às SÍLFIDES, potências do AR. Quanto à cabeça vermelha, ela representa a fornalha onde se comprazem as SALAMANDRAS, gênios do FOGO.

Os ocultistas estão persuadidos da existência dos espíritos elementares. A magia ensina a subjugar-los, sem dissimular os perigos das relações que podem se estabelecer entre eles e o homem. O mínimo que se pode dizer é que eles se mostram servidores exigentes à vista daquele que os

domina, reduzindo à pior servidão o pretenso mago ambicioso de submetê-los ao poder de suas conjurações falaciosas.

Cuidando de governar-se modestamente a si mesmo, reprimindo suas tendências inferiores, o sábio abandona a dominação do invisível aos feiticeiros e aos falsos adeptos, ocultistas pretensiosos que se cobrem de ridículos títulos denunciadores de sua pueril vaidade. Não comandemos senão que nosso corpo e não compactuemos com nenhuma traquinagem prometedora de pequenos proveitos. Deixemos os GNOMOS guardarem ciumentamente os tesouros enterrados e reportemo-nos à Geologia para descobrir as jazidas metálicas. Não nos fiemos nas SALAMANDRAS para vigiar nossa cozinha, nem às ONDINAS para regar nosso jardim, e — se nós esperamos um vento propício para embarcar — não nos esforcemos demais em assobiar para as SÍLFIDES, segundo o hábito dos marinheiros de outrora.

O desinteresse é de rigor em taumaturgia, porque, se a Natureza se deixa adivinhar, é, de preferência, pelas almas simples que entram em comunhão com ela candidamente e sem malícia. Ela prefere fazer com que se beneficiem de seus

segredos os “pobres de espírito”, inteiramente incapazes de imaginar uma teoria sábia fundada sobre os resultados que eles obtêm. Longe de se atribuírem um poder pessoal, esses modestos taumaturgos se consideram como muito humildes instrumentos a serviço de potências superiores. Eles exercem um sacerdócio e distinguem-se por seus sentimentos de piedade caridosa. Quer eles ostentem as penas multicores do sacerdote médico pele-vermelha ou os arrebiques do sacerdote africano, se forem honestas e sinceras, essas crianças da Natureza — que não foram instruídas senão por ela — são os respeitáveis colegas do digno adepto que se recusa a solidarizar-se com os magos charlatões.

O adepto sério não ignora que o DIABO é o grande agente mágico, graças ao qual os milagres se efetuam, a menos que não sejam de ordem puramente espiritual; porque, enquanto o espírito puro age diretamente sobre o espírito, o DIABO não intervém. Mas, desde que o corpo esteja em causa, nada pode ser feito sem o DIABO. Nós lhe devemos nossa existência material, porque, se o desejo de ser e o instinto de conservação que provêm dele não nos houvessem dominado

desde que nascemos, nós não teríamos podido nos agarrar à vida com o egoísmo exclusivo característico da primeira infância.

O DIABO nos possui, querendo ou não, quando viemos ao mundo, e é preciso que seja assim. Mas esta possessão não é definitiva, porque somos destinados a nos libertar progressivamente da tirania de nossos instintos inatos. Enquanto estivermos ligados a nosso organismo animal, é-nos impossível, todavia, fazer abstração do espírito que rege nosso corpo. Assim como a cavaleiro cuida de sua montaria, devemos levar em conta a besta que, debaixo de nós, reclama seus direitos. O DIABO também não é tão negro quanto se pinta, e é nosso inelutável associado na vida desse baixo mundo. Saibamos, pois, tratá-lo eqüitativamente, não como inimigo sistemático e irreconciliável, mas como inferior, cujos serviços são preciosos.

Não nos esqueçamos de que é o DIABO que nos faz viver materialmente. Ele nos arma para as necessidades desta vida de luta perpétua, de onde os impulsos que não são maus em si mesmos, mas entre os quais a harmonia deve ser

mantida, se não quisermos cair sob o jugo dos pecados capitais que se dividem entre aquilo que poderíamos chamar de os departamentos ministeriais do governo infernal. Moderemo-nos em todas as coisas, e nós nos oporemos às discordâncias que, sozinhas, tornam-se diabólicas. Contenhamos nosso ORGULHO, a fim de que ele se traduza em DIGNIDADE, essa nobre altivez que inspira o horror a toda degradação. Domemos nossa CÓLERA, a fim de que ela se traduza em CORAGEM e em energia ativa. Não nos abandonemos à PREGUIÇA, mas concedamo-nos o REPOUSO necessário à reparação das forças despendidas. Não tenhamos mesmo repousar preventivamente à vista de um esforço a produzir. Os artistas e os poetas podem ser preguiçosos de maneira frutífera. Evitemos a GULA: é degradante não viver senão que para comer; mas, para viver com boa saúde, escolhamos nossos alimentos e apreciemos suas qualidades gustativas. Repilamos o odioso demônio da INVEJA que nos faz sofrer com o bem de outrem, mas oponhamo-nos, no interesse geral, às monopolizações ilícitas e aos abusos do poder. Não caiamos na AVAREZA, mas sejamos PREVIDENTES e pratiquemos a economia sem desdenhar o honesto amor ao ganho, estimulante

eficaz do trabalho. Quanto à LUXÚRIA, pela qual se exerce a mais poderosa dominação do DIABO, é preciso opor-lhe o RESPEITO religioso ao augusto mistério da aproximação dos sexos. Cessemos de profanar aquilo que é sagrado.



Se o exercício do poder mágico impõe a castidade, é porque o instinto genésico desempenha um papel capital no jogo das influências ocultas. O macho que cobiça a fêmea exalta-se para desprender uma eletricidade fisiológica própria a exercer sua ação, desde que se encontrem condições propícias. A moça segura dela mesma que se mostra coquete para com seu amoroso pode sucumbir no instante em que menos espera. Ela é então vítima do feitiço natural a cujo jogo se prestou, brincando com uma força perversa. Ganha por uma embriaguez

misteriosa, ela perde momentaneamente a cabeça, e o ato que ela estava decidida a não consentir se realiza. Os sedutores praticam uma magia elementar tanto mais eficaz quanto ela é instintiva. Eles têm o talento de fazer intervir o DIABO sem grimório e fora de toda invocação consciente. O instinto basta, como em quantidade de outros atos da vida corrente onde reações similares se produzem: os feiticeiros são legião que fazem feitiçaria como o Senhor Jourdain fazia prosa!

Tende uma vontade firme e agireis sobre o DIABO sem a menor dificuldade; o pentagrama branco que decora a fronte do Baphomet a isso os incita. Tudo é hierarquia na Natureza, onde as forças inconscientes se submetem à direção daquilo que lhes é superior. Mas é perigoso atribuir-se uma superioridade fictícia para exercer um comando injustificado: o Maligno não se engana e se encarrega de mistificar cruelmente os presunçosos que têm muito boa opinião sobre si mesmos. Ele exige, para obedecer, que o pentagrama seja de uma brancura perfeita, em outros termos, que a vontade seja pura, não tingida de egoísmo, e que as ordens dadas sejam legítimas. É que, em última análise, o DIABO está a serviço de Deus e

não se deixa empregar a torto e a direito. Se ele provoca perturbação, esta não é jamais a título definitivo; sua desordem está na ordem e conduz à ordem, porque o DIABO está submetido à lei universal da qual a JUSTIÇA (VIII) assegura a aplicação; ora, VIII domina XV, quando os 22 ARCANOS estão dispostos em duas fileiras.

Nada o faz melhor compreender que o triplo pentagrama que é o esquema do personagem principal do ARCANO XV ($3 \times 5 = 15$). A energia inteligente humana — representada pelo pequeno pentagrama central branco — não está encerrada no pentagrama invertido negro figurado pela cabeça do bode com seus chifres, orelhas e barbas senão que para exteriorizar, por sua ação, o grande pentagrama, símbolo do poder mágico benfazejo, do qual pode dispor o homem que sabe dominar nele a besta. A faísca divina que está em nós deve vencer o instinto grosseiro, e desta vitória resulta uma “glória”, ou seja, um ambiente, uma auréola (aura), instrumento de nosso poder oculto.

A tensão vibratória desta aura depende da veemência do fogo infernal que queima em nós (cabeça vermelha do

Baphomet, pentagrama negro do esquema). Sem ardor diabólico permanecemos frios e impotentes: é preciso *ter o diabo no corpo* para influenciar outrem e agir assim fora de nós mesmos.

Esta ação se exerce pelos membros do grande fantasma fluídico e, mais especialmente, por seus braços que não estão inutilmente tatuados com as palavras COAGULA e SOLVE.

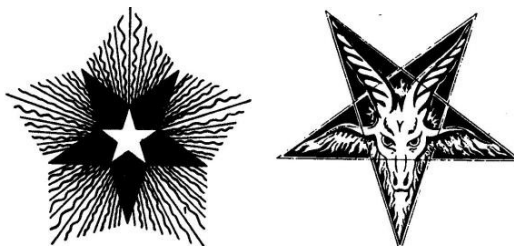
O procedimento mágico consiste, com efeito, em coagular a LUZ ASTRAL, quer dizer, a atmosfera fosforescente que envolve o planeta, graças à ação de seu fogo central. Os vivos pululam no seio dessa claridade difusa que ilumina sua instintividade. Tomando de empréstimo o braço esquerdo do Baphomet, podemos atrair para nós a vitalidade ambiente vaporizada invisivelmente e condensá-la como neblina mais ou menos opaca em sua fluorescência. É a COAGULAÇÃO que se opera em favor do pólo genital, como o indica o símbolo hindu da união dos sexos que o DIABO ergue em sua mão esquerda.

O fluido coagulado CARREGA o operador à maneira de uma pilha elétrica; mas nenhum efeito se produz enquanto ele não o DESCARREGA, ou seja, SOLVE. Aqui intervém o braço direito portador da tocha incendiária do Baphomet, imagem das deflagrações veementes que são de temer. Para evitar a explosão que perturba, enlouquece, aturde e arrisca desencadear a demência, convém captar a corrente que determina o escoamento gradual do fluido acumulado. Um ábil magnetizador utiliza essa corrente por uma inteligência colocada em prática na fórmula: COAGULA, SOLVE.

Ele utiliza alternativamente o diabinho vermelho e o diabinho verde que uma corda liga ao anel de ouro fixado ao altar cúbico sobre o qual se ergue o Baphomet.

O pequeno sátiro e a pequena fauna representam as polarizações positiva e negativa do fluido universal neutro ou, mais exatamente, andrógino, como o indica o signo do hermafroditismo que caracteriza a sexualidade do Grande Pan. Este se desdobra segundo os sexos em um rapaz e em uma moça que formam ambos o signo do esoterismo, dobrando os dois últimos dedos da mão que esles estendem. O diabinho da

direita eleva assim a mão esquerda, roçando a coxa direita do Satan, para lhe trasfegar do fluido positivo que ele transmite à diabinha da esquerda pelo laço que os une. Esta pequenina fauna verde (cor de Vênus) toca com a direita o casco paternal, a fim de restituir o fluido recebido em excesso. Este contado estabelece o circuito da escravidão mágica cujos agentes são, de uma parte, o orgulho e o eretismo masculino sob todas as suas formas e, de outra, a lascividade feminina.



O pedestal do ídolo templário não é, como o trono do IMPERADOR (IV), um cubo perfeito de ouro puro. Seu achatamento lembra o símbolo do Tártaro dos Alquimistas, substância que merece ser colocada em obra como a pedra bruta dos franco-maçons, ainda que ela não seja senão uma crosta inconsistente. A cor azul indica uma matéria aérea resultante da tensão de dois dinamismos similares, mas

opostos, representados pela base e o platô do pedestal. A cor vermelha dos três degraus inferiores e de sua exata contraparte ao alto denota uma atividade ígnea, como se a polarização inferior provocada pelo fogo central fizesse apelo a um equivalente acúmulo de atividade atmosférica. O altar do sabat está construído segundo as leis ocultas que teremos interesse em esclarecer com maior precisão.

Os chifres e os cascos fendidos do Bode dos feiticeiros são dourados, porque tudo que emana do DIABO é precioso. Da cabra Amaltéia que alimentou Júpiter provinha a famosa cornucópia da abundância, que proporcionava às ninfas tudo aquilo que elas desejavam. Aquele que possuísse um chifre do DIABO dele obteria tudo o que quisesse. Quais são, de outra parte, as virtudes do leite vertido pelas mamas da mulher de Baphomet? A tradição não diz. Mas a cabra jupiteriana acompanhada de seus dois cabritos aparece no céu sobre o dorso do Cocheiro e está em exata correspondência com o ternário do ARCANO XV. O Cocheiro celeste mantém o chicote e as renas que lhe permitem conduzir a animalidade; é Pan, o protetor dos seres submetidos à vida instintiva.



A décima quinta letra do alfabeto semítico é Samek cuja forma é circular em caligrafia hebraica usual. Alguns acreditaram aí reconhecer o *Ouroboros*, a serpente cosmogônica que morde a própria cuda; outros imaginaram, de preferência, o tentador, causa da queda adâmica. Essas aproximações não se justificariam de modo algum, se o Tarô fosse tão velho quanto os caracteres alfabéticos. O Samek primitivo é, com efeito, uma tríplice cruz como aquela que o PAPA do ARCANO V mantém. Se se quiser explorar a ironia do simbolismo, poder-se-ia sugerir que o medo do DIABO confere sozinho ao governo da Igreja o cetro de seu poder executivo. Concluimos, de uma maneira geral, que ninguém

reina sobre a terra sem fazer aliança com o Príncipe deste Mundo.

INTERPRETAÇÕES DIVINATÓRIAS

A Alma do Mundo vista como o reservatório da vitalidade de todos os seres. A luz astral dos ocultistas. A eletricidade vital em estado estático em sua dupla polarização ativa e passiva. Forças ocultas relacionadas à animalidade. Instinto, inconsciente inferior, subconsciente, impulsividade.

Artes mágicas, feitiçaria, envoltamento, fascinação, prática do magnetismo humano. Sugestão, influência exercida ocultamente. Ação sobre o inconsciente de outrem. Domínio das massas. Encantamento, eloquência perturbadora. Excitação dos apetites dos instintos grosseiros e das paixões is. Demagogia, revolução, desordem.

Perturbação, desequilíbrio, desordem.
Superexcitação, loucura. Cio, concupiscência, luxúria,
lubricidade, histeria. Intrigas, maquinações, emprego de meios ilícitos. Perversão. Abuso, cupidez, descomedimento sob todas as suas formas.

ARCANO XVI

A CASA DE DEUS



A Torre do ARCANO XVI é o primeiro edifício que se encontra no Tarô, onde construções análogas só figuram sob a LUA (ARCANO XVIII). Ora, XVI, XVII e XVIII constituem o 6º ternário que corresponde ao corpo do Adão terrestre, ou seja, ao organismo construído da individualidade humana ou àquele da humanidade vista em seu conjunto. Temos em XVI o primeiro termo desse ternário, aquilo que se pode chamar de o espírito corporalizador, e, em XVIII, último termo da mesma tríade, o resultado da corporalização efetuada. Como nada se corporifica sem que haja aí condensação

primeiramente etérica ou fluídica, sob uma influência restritiva e particularizadora que conveio atribuir ao DIABO, este último se torna o pai espiritual do menor átomo, não menos do que do mais incomensurável sistema cósmico, porque, na raiz de um como de outro, concebe-se um turbilhonamento louco em torno de um centro de atração necessariamente egoísta e monopolizador. Em pequeno, como em grande, tudo se concretiza em favor de um obscuro instinto de individualização que se manifesta sob a aparência de uma revolta contra a ordem universal das coisas, de onde a lenda de Lúcifer e a do pecado original, que devem ser revistas, porque Deus não é o velho Apsou dos Caldeus, o abismo sem fundo, o infinito adormecido em sua infinitude, da qual ele se recusa a sair para criar. Renunciamos a essa divindade preguiçosa, mas metafisicamente conseqüente com ela mesma, para adorar a causa criadora que procede pela diferenciação e não inspira inquietude na insubordinação materializante, indispensável à realização de seu plano. Não introduzamos, na Unidade necessária, um dualismo ilógico. Tudo permanece UM, e nosso Deus único assume sozinho a última responsabilidade por aquilo que é. Ele nos pibe blasfemar contra sua criação que é

boa e perfeita em seu ideal cuja realização se persegue: a Grande Obra está em via de execução e não poderia ser julgada enquanto não estiver terminada. A beleza de um edifício não se manifesta senão após a retirada dos andaimes que permitiram sua construção. Não podemos admirar nosso mundo imperfeito e render-lhe justiça senão que em concebendo a perfeição a qual ele tende.

Como tudo se constrói, perguntemos aos construtores os segredos de sua arte. Eles nos levarão para perto de duas colunas erguidas diante do Templo que eles edificam à Glória do Grande Arquiteto do Universo. A primeira dessas colunas, aquela da direita, traz um nome hebreu cuja inicial é um jota e que significa: *ele estabelece, ele funda*. Esta coluna é consagrada ao fogo interior que anima os seres para fazê-los agir por si mesmos, tomando todas as iniciativas, a começar por aquela de existir. É, pois, o poder criador individualizado que está representado sob um aspecto fálico nos monumentos que os antigos gostavam de erigir.

O ARCANO XVI apresenta-nos a imagem de uma semelhante torre na CASA DE DEUS, designação típica,

porque se trata menos de um templo — morada de Deus — que de um edifício divinizado, de um corpo identificado abusivamente com Deus.

Esta identificação é a consequência do pecado original que obscurece o espírito descido à matéria em vista de elaborá-la. A queda é consecutiva à encarnação, que não é forçosamente o resultado de uma falta primordial. O pecado de Adão é muito relativo e não existe senão em relação aos humanos cegos, que gemem por se verem condenados ao trabalho, sem compreender que eles se divinizam ao se associarem espontaneamente à obra eterna da criação.

Mas sua cegueira transitória é conforme ao programa divino. No interesse do trabalho de transmutação que nos incumbe, é-nos preciso esquecer Deus para nos identificarmos com a matéria. Deus nô-lo ordena, quando encarnamos; ele não quer que estejamos distraídos de nossa tarefa inicial por nostalgia do céu. A criança não é, no início, senão que um puro animal. Ele constrói seu organismo preocupando-se apenas consigo mesmo, com o egoísmo inconsciente mais absoluto. Seu edifício corporal ergue-se no espírito que animava os

construtores da Torre de Babel, construção da qual o ARCANO XVI apresenta uma imagem simbolicamente correta.

Os tijolos que a compõem são, em seu conjunto, cor de carne, para indicar que se trata de uma construção viva, dotada de sensibilidade. É bem, a maior, a sociedade humana, e, a menor, o corpo individual de cada um de nós, ou seja, uma composição de células nascidas umas das outras para se agregarem em órgãos, como pedras de um edifício que fossem capazes de se formar e ajustar a si mesmas, obedecendo a misteriosas atrações. Os materiais da TORRE que contornam as aberturas são de um vermelho vivo, como se a atividade devesse dominar naquilo que pede maior resistência e solidez. Essas aberturas são em número de quatro: uma porta e três janelas, duas esclarecendo o andar do meio da morada do espírito e a terceira a câmara superior, o rés-do-chão encontrando-se suficientemente esclarecido pela porta que permanece aberta.

Esta parte inferior, acessível sem esforço, corresponde às noções banais que se impõem à constatação

passiva. No primeiro andar, a vista é mais ampla e a observação, pela janela da esquerda, aí se torna consciente: é a ciência que se constitui pelo acúmulo dos frutos da experiência. Pela janela da direita entra a luz do raciocínio que coordena as noções adquiridas e tira delas uma filosofia. Mas é possível subir mais alto para atingir o santuário esclarecido por uma única janela, aquela da fé ou da especulação abstrata, ambiciosa de síntese.

Isso não é tudo. A TORRE termina em terraço denteado de ouro, de onde se contempla o céu. Uma dupla arquitrave composta de duas camadas, primeiro pedras verdes, depois tijolos vermelhos, sustentam o coroamento da CASA DE DEUS. O verde venusiano faz alusão à sentimentalidade mística e o vermelho aos ardores generosos que conduzem à visão beatífica e às contemplações transcendentais.

Há perigo em erguer-se muito alto. Somos disso advertidos pelo traçada de um raio que parte do Sol e que decapita a TORRE. O Sol é aqui o símbolo da razão que governa os homens e opõe-se às suas extravagâncias. Quando nós perseguimos uma empresa quimérica, a catástrofe é fatal,

provocada por nossa culpa, mas determinada, em sua realização, pela ação da luz que esclarece as inteligências. Aquilo que é irracional condena-se a si mesmo à aniquilação. Tanto pior para o ambicioso que se dá a muito trabalho para elevar-se bem alto, sem desconfiar que os cumes atraem o raio.

Os dois personagens do ARCANO XVI sofrem o castigo de sua presunção; eles são precipitados ao mesmo tempo em que os materiais desprendidos da TORRE. O primeiro é um rei que permanece coroado; ele representa o espírito imortal para quem foi construída a CASA DE DEUS. A silhueta que ele desenha lembra o ayn, 16ª letra do alfabeto sagrado; mas aqui se impõe a observação já feita a propósito do Samek. O ayn primitivo era um círculo, de onde deriva, por uma série de alterações observadas pela epigrafia semítica, o caráter atual do hebraico quadrado.

O Senhor da Torre usa uma roupa de cores discordantes, às quais é difícil assinar um significado. O azul domina como sinal de idealidade; ele se associa ao vermelho, atribuindo atividade ao braço direito, e ao verde, reservado à região do coração, sensível ao encanto feminino. Se, enfim, a

perna esquerda é amarela, em oposição à direita que é azul, isso pode indicar uma marcha partilhada entre a piedade, fidelidade (azul) e a inveja que cobiça os bens materiais (amarelo).

O segundo personagem está vestido de vermelho, porque ele é o arquiteto da TORRE, o construtor do corpo que morre com ele que também recebe na nuca um choque mortal. Esse construtor do organismo se identifica com sua obra que é transitória; mas, se ele desaparece, não age menos de acordo com uma tradição duradoura, porque cada indivíduo se constrói, não à sua fantasia, mas segundo o plano permanente da espécie. Este persiste graças à arquitetura vital que lhe é própria. Quando um gérmen se desenvolve, a organização progressiva se efetua, inspirando-se, primeiro, no tipo geral do gênero, depois, nas particularidades da raça, do estilo ancestral e, enfim, do caráter individual. Nós somos assim corporalmente construídos por um agente demiúrgico, o arquiteto de nossa torre carnal, que se coloca a serviço de nossa realidade espiritual.

Resta fazer menção às esferas multicoloridas que a explosão da CASA DE DEUS parece haver projetado em seu ambiente. São as energias acumuladas pela vida, condensações que o vermelho designa como sulforosas ou ígneas; o verde como vitalizadas passivamente na ordem mercurial; e o amarelo como mortas à maneira da palha, como cascas astrais salinas.

Essas formas fantasmáticas, das quais a vida ativa é retirada, são ruínas que subsistem como testemunhas do passado. Nós somos perseguidos por essas larvas que podemos animar, se nos esforçarmos para tanto, à maneira dos imprudentes que se deixam vampirizar astralmente.

Infeliz do ocultista vaidoso que imagina ser servido por entidades invisíveis! Seus servidores equívocos vivem às suas custas e o detém na medida em que ele os tem ele próprio. Ele lhes pertence ao mesmo título que ele lhes pertence. Há, pois, duas alienações de sua parte: ele se aliena, no sentido próprio da palavra, e se expõem, além disso, a perder a razão, catástrofe com a qual o ameaça o ARCANO XVI.

O sentido nefasto da CASA DE DEUS encontra sua correspondência celeste no Escorpião, constelação que precipita a queda do Sol nas regiões astrais e que desempenha, na mitologia, o papel de um perverso envenenador. Este animal venenoso não é menos o suporte do Ophiucus, o Serpentário, manipulador do fluido curativo, pois que ele eleva a serpente de Esculápio que se recusa a rastejar na lama terrestre, alusão ao grande agente mágico, ou seja, ao fluido vital sublimado por seu desprendimento do império egoísta dos vivos. Quando dispomos, em favor de outrem, de nosso dinamismo fisiológico, praticamos a antiga medicina sagrada. Elevamos então, acima o Escorpião da instintividade, a Serpente geradora de toda energia animal.





Em seu conjunto, o ARCANO XVI relaciona-se ao princípio determinante de toda materialização e à tendência que leva a materializar. Essa tendência leva a adensar as formas que servem de veículo ao espírito. Assim nascem os dogmas autoritários, cascas opacas que aprisionam e desfiguram a verdade viva. Daí também a rapacidade humana, fonte de todos os despotismos, seja que eles se manifestem em pequeno ou grande, seja sob a forma desta exploração intensa da terra e das forças humanas da qual se vangloria nossa época. Como não compreender que o desdém sistemático a toda moderação nos encaminha em direção a um cataclismo social? Possa nosso orgulho humilhar-se diante da Sabedoria do Tarô!

A CASA DE DEUS é substituída em alguns Tarôs pelo Inferno representado por um monstro com focinho de porco que devora os danados que o diabo atrai com seu toque de chamada.

INTERPRETAÇÕES DIVINATÓRIAS

Materialização. Atração condensadora. Egoísmo radical em ação. Monopolização restritiva. Espírito aprisionado na matéria. Construção vital da qual resulta todo organismo.

Orgulho, presunção, perseguição de quimeras. Materialismo que se liga às aparências grosseiras, avidez de adquirir, obsessão pelas riquezas materiais. Megalomania, extensão abusiva daquilo que se possui. Ambições e apetites insaciáveis. Conquistas imoderadas. Exploração irracional. Excesso e abuso levando à revolta e às perturbações. Dogmatismo estreito, fonte de incredulidade.

Alquimia ignorante, aquela dos sopradores de ouro vulgares. Merecido fracasso de toda empresa insensata. Punição resultante do excesso cometido. Doença, desorganização, sujeira, endurecimento petrificação daquilo

que era leve e vivo. Ruína dos impérios constituídos e mantidos pela força brutal. Aniquilamento das Igrejas intolerantes que se proclamam infalíveis. Erro do presunçoso que empreende acima de suas forças e não sabe deter-se oportunamente.

Quando este arcano deixa de ser desfavorável, ele avisa quanto àquilo que ele ameaça. Temor salutar, reserva, timidez preservadora dos riscos desconsiderados; simplicidade de espírito a desviar da estupidez sábia, bom senso vulgar, sabedoria de Sancho Pança.

ARCANO XVII

AS ESTRELAS



Em nossa sede de existência e de autonomia individuais, entrincheiramo-nos na universal do Grande Ser do qual continuamos a fazer parte. Nós vivemos nele, mas não da vida que lhe é própria, pois nós nos contentamos com nossa vida estreita, limitada ao domínio de nossas sensações. Aquilo que estas últimas nos revelam é ínfimo em relação ao insondável desconhecido que nos envolve. Estamos mergulhados em uma noite profunda, mas, quando dirigimos nossos olhares em direção ao céu, vemos cintilarem AS ESTRELAS.

Essas luzes do alto nos encorajam e nos fazem sentir que não estamos abandonados, pois os deuses, — chamados primitivamente de *os brilhantes*, — velam por nós. Eles nos dirigem à vista do cumprimento de nosso destino, porque temos uma tarefa em nossa vida limitada, ninguém encarnado sem que seu programa, em grandes linhas, esteja traçado, sem que um objetivo esteja assinado ao viajante terrestre. Um misterioso mapa designa as etapas essenciais de nossa

peregrinação, como se o tribunal dos Anounnakii houvesse estatuído por nossa conta a fixação de nosso destino.

Se executássemos fielmente nosso programa, a vida seria para nós aquilo que ela deve ser. Mas nós a complicamos com nossa indocilidade que nos vale as durezas das quais nos lamentamos, porque a ida não é cruel em seu princípio, mas seu objetivo não é nossa aprovação: ela tem sua tarefa e pede-nos para cumprir a nossa. É uma deusa doce e bela como a jovem moça nua do ARCANO XVII que, ajoelhada às margens de uma lagoa, aí despeja o conteúdo de um vaso de ouro de onde escorre um líquido ardente, vivificador da água estagnada. A esta ânfora mantida pela mão direita corresponde uma outra inclinada pela esquerda, para espalhar sobre a terra árida uma água fresca e fertilizadora. Este segundo recipiente é de prata e, como o primeiro, é inesgotável. A irrigação constante mantém a vegetação, mais particularmente representada por um ramo de acácia e uma rosa desabrochada.

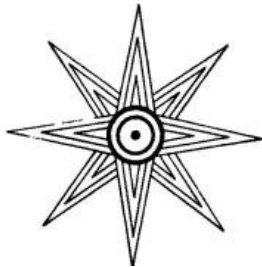
Mimosa do deserto, a acácia resiste à dissecação; sua verdura persistente manifesta uma vida que recusa se extinguir, de onde seu caráter de emblema da esperança na imortalidade.

Na lenda de Hiram, essa plante faz descobrir o túmulo do Mestre detentor da tradição perdida. Ela corresponde ao ramo de ouro das iniciações antigas. Conhecer a acácia é possuir as noções iniciáticas que conduzem à descoberta do segredo do Mestrado. Para assimilar este segredo, o adepto deve fazer reviver nele a Sabedoria morta. Para essa finalidade, ele deve imitar Ísis, que percorreu toda a Terra à procura dos pedaços do corpo de seu esposo. Esses vestígios preciosos são recolhidos pelo pensador que sabe discernir a verdade escondida sob o monte de superstições que o passado nos legou. O cadáver espiritual de um deus que outrora esclarecia o mundo subsiste repartido entre as massas ignorantes sob a forma de crenças persistentes, a despeito de sua oposição às ortodoxias admitidas. Longe de desdenhar esses restos desfigurados de uma sapiência perdida, o iniciado reúne-os piedosamente, a fim de reconstituir em seu conjunto o corpo da doutrina morta. Restabelecida em sua síntese, esta doutrina se torna revificável, como Hiram ou Osíris. Mas, sem a acácia reveladora, como saber onde cavar o solo?

A discreta verdura que, no Oriente, enfeita os túmulos abandonados, contrasta com a rosa que desabrocha alegre nos jardins. Símbolo de tudo aquilo que embeleza a vida terrestre, esta flor de amor e de beleza se reflete no lago, reservatório dos fluidos vitais. A borboleta de Psique está pousada sobre a corola do suave perfume dos sentimentos delicados, esclarecidos por uma inteligência afinada que chegou a se afastar de toda grosseria. A rosa do ARCANO XVII é aquela dos cavaleiros do espírito, flor que será colocada sobre a cruz cuja madeira é fornecida pela acácia. Quando a fé deixar de ser cega, a sentimentalidade religiosa e a meditação filosófica se harmonizarão, para a satisfação das almas ansiosas por acreditar com discernimento.



Mas a aurora da compreensão reservada aos iniciados não dissipa ainda as trevas da intelectualidade humana, ainda que nós possamos ver empalidecerem as estrelas de nosso céu noturno diante do clarão de uma delas: Lúcifer, o portador da luz, ou seja, Vênus como estrela da manhã.



Este astro é a grande estrela do ARCANO XVII que projeta fogos verdes entre seus oito raios de ouro. A cor de Vênus alia-se assim à octoadade de Ishtar, a deusa por excelência dos Caldeus. Estes últimos divinizavam as estrelas, ainda que em sua escrita primitiva o ideograma se lesse *deus*. Esse signo foi mantido pelos assírios como determinativo dos nomes divinos que ele precede, mas a estrela de oito raios permanece o emblema sagrado de Ishtar, divindade popular monopolizadora da mais fervorosa devoção dos mortais. Como

seria de outro modo, já que os humanos acreditam dever a vida à terna e generosa Ishtar? Encantadora, ela inspira nas almas o desejo de tomar corpo. Suas seduições nos induzem a encarnar, para gozar dos prazeres da vida terrestre, aceitando afrontar as provas que ela impõe, porque Ishtar exige de seus fiéis a coragem de viver; ela quer que eles tomem com valentia a luta pela existência. Suas recompensas vão para aqueles que as merecem, aos enérgicos, não aos indolentes ávidos de gozar sem se dar ao trabalho. Ela dispensa, aliás, a cada um, as alegrias que ele se mostrar capaz de apreciar; ao vulgo, os gozos animais passageiros; aos seres refinados, as satisfações duráveis mais maravilhosas e mais elevadas. O eleito de Ishtar diviniza-se, elevando-se acima da matéria para amar divinamente!



Notemos que Ishtar é dupla: guerreira pela manhã e lânguida ao anoitecer. Matinal, ela desperta os adormecidos, sacode os espíritos de seu torpor e incita à revolta luciferina contra a tirania dos dogmas reinantes. Ao declínio do dia, o astro de Ishtar reaparece da púrpura do poente. Sua luz é então de uma suave brancura apaziguadora. O homem fatigado contempla-a com gratidão; parece-lhe que a deusa o convida ao repouso merecido, às efusões de ternura e à meditação serena. Não é ela a reveladora da beleza das coisas? Os poetas não vêem mais nela, a esta hora, a amante ferosa, terrificante pela veemência de sua paixão, esta Ishtar da qual o sábio Gilgamés repeliu os avanços; não, a deusa torna-se Sidouri, a casta

guardiã de um paraíso fechado que domina o mar do Ocidente, cuja brisa aí acariacia as árvores que não dão outros frutos senão que pedras preciosas. A jovem do ARCANO XVII parece ser, ela também, uma encarnação da grande divindade feminina que adoraram nossos longínquos ancestrais. É a personificação da vida terrestre naquilo que ela tem de sedutor e de atraente; é a natureza amável, clemente e bela, mãe eternamente jovem que se torna a terna amante dos vivos.

Esta vida terrestre que nós amamos mais que tudo, malgrado a escravidão material que ela nos impõe, deixa-nos mergulhados em uma noite que seria completa sem as luzes do firmamento. As estrelas simbolizam a obscura claridade da qual se beneficiam os humildes em suas aspirações espirituais. As crianças da natureza voltam-se em direção a um ideal com uma piedade espontânea que as reconforta à vista do cumprimento de sua tarefa terrestre.

Santificando aquilo que mantém a vida, eles a divinizam. Possamos nós apreciar a sã beleza de sua concepção religiosa, mais verdadeira em sua simplicidade que nossos

sistemas ambiciosos, complicados por uma inquietante metafísica.

AS ESTRELAS do ARCANO XVII são em número de oito, o que nos conduz ao ARCANO VIII (A JUSTIÇA), falando de outro modo, à inteligência coordenadora das ações e reações naturais. Mas aqui, oito conduz à unidade da grande estrela de um septenário de astros mais modesto, entre os quais quatro dispostos em quadrado são amarelos e três são azuis.

O conjunto relaciona-se às influências que nossa personalidade sofre da parte dos corpos celestes; mas os tapeceiros da Idade Média não ficaram embaraçados com noções atualmente clássicas em astrologia. O septenário que eles subordinam a Vênus não é necessariamente aquele dos planetas que dão conta do horóscopo. Vênus está em exaltação na parte do céu onde Pixes vizinham com Andrômeda e com o Quadrado de Pégaso. As estrelas fixas deste quadrado, próximas ao brilhante ternário de Andrômeda, constituem, pois, um setenário ishtariano merecendo ser levado em consideração.

Abstração feita de interpretações astrológicas mais sábias, não nos inspiramos senão que em sugestões imediatas do simbolismo, e não visamos, em primeiro lugar, senão duas estrelas: a maior e a menor. Esta última brilha no centro da composição, sob a grande estrela e muito exatamente acima da cabeça louca da jovem nua, na qual é permitido ver Eva personificando a humanidade encarnada. Esse astro minúsculo e próximo representa a estrela particular a cada personalidade, porque nós temos cada um nossa estrela que é o receptáculo através do qual as influências siderais se filtram para se concentrarem sobre nós.

Esta estrela pessoal é azul, do mesmo modo que os dois astros maiores colocados um pouco mais acima à direita e à esquerda. Estes são os condensadores das influências que se exercem sobre a alma que eles iluminam misteriosamente, a estrela azul da direita recolhendo recolhendo aquilo que se endereça à razão (Sol); a da esquerda, as intuições do sentimento e da imaginação (Lua).

As estrelas amarelas partilham as inclinações atribuídas a Mercúrio, Marte, Júpiter e Saturno; mas a

predominância de Vênus permanece tão marcada no ARCANO XVII quanto o é em quiromancia, onde o monte de Vênus é muito maior em volume que os outros.



Como os peixes do zodíaco nadam no oceano celeste de Ea, o deus caldeu da sabedoria suprema, esses habitantes dos espaços estelares são tanto menos estranhos ao ARCANO XVII quanto a constelação de Andrômeda lhes é contígua. Ora, esta princesa, filha de Cefeu e de Cassiopéia, foi acorrentada nua ao rochedo batido pelas ondas, onde um monstro marinho a teria devorado sem a intervenção de Perseu. Trata-se da alma vivente ligada à matéria, logo, da Eva juvenil do Tarô, a mãe, rainha da Etiópia segundo a mitologia, na realidade, a Natureza

Naturante figurada pela PAPISA (ARCANO II). Seu pai, o rei negro que reina sobre o abismo insondável do infinito torna-se o LOUCO, cujo domínio escapa à razão humana. Perseu, que desposa Andrômeda, corresponde à alma espiritual (NESHAMAH) cuja união com a vida da alma corporal (NEPHESH HAIAH) liberta esta através dos ares da espiritualidade.

O ARCANO XVII ocupa o meio da segunda fileira do Tarô, onde ele marca — tudo como no ARCANO VI que lhe é superposto — a passagem de uma fase de iniciação para outra. Ora, se o AMANTE, no domínio ativo, passa da teoria à prática, a alma do místico, guiada pelas estrelas, chega ao discernimento teórico após haver entrado praticamente em relação com o não-eu. Do XII ao XVII, o esquecimento de si não é simplesmente perconizado ou ensinado, mas imposto em sua realização prática. Chegando ao XVII, o adepto não tem mais de escolher deliberadamente entre dois caminhos, como o jovem Hércules do ARCANO VI, porque ele está predestinado: os astros lhe traçam uma sorte à qual ele não pensa subtrair-se, pois que ele se abandona docilmente às influências celestes que

devem conduzi-lo à iluminação mística. Esta é a recompensa pelas obras realizadas segundo o impulso do coração, e não o resultado de um estudo metódico, tal como se impõe ao iniciado dórico, cujos atos se inspiram num saber previamente adquirido. O SALTIMBANCO (ARCANO I) instrui-se teoricamente (ARCANOS II, III, IV, V); depois, sofre a prova moral (VI) antes de aplicar sua ciência (ARCANOS VII, VIII, IX, X), para atingir a plenitude de seu poder (XI). Ao contrário do dorismo — fundado sobre a posse consciente de si mesmo e o desenvolvimento integral da personalidade — o jonismo procede da renúncia total ao eu. O PENDURADO (ARCANO XII) leva o sacrifício até o aniquilamento da iniciativa individual (XIII?), a fim de comunicar-se com aquilo que é exterior a ele mesmo (XIV, XV, XVI); ele chega assim ao XVII, que representa o estado de receptividade das crianças da natureza, a simplicidade de alma e espírito fora da qual ninguém é admitido no reino de Deus. A iluminação mística cujas etapas estão marcadas por XVIII, XIX, XX, XXI esclarece esta sua ignorância à qual não perturba nenhuma noção de um saber vaidoso. O céu instruirá a jovem nua, porque ela é virgem de todo ensinamento humano.

Os mistérios do ARCANO XVII são aqueles do sono e da noite. Quando dormimos, nossa alma espiritual evade-se do corpo que repousa abandonado ao funcionamento automático dos órgãos.

Quais são, ao longo da noite, as ocupações do eu afastado? Não vivemos nós em parte duplamente, encarnados e depois, periodicamente emancipados dos liames da carne? Existe uma necessidade mais imperiosa que o sono? Nós não podemos viver sem dormir. Dividimo-nos entre duas existências, dentre as quais uma nos é desconhecida. A cada manhã retornamos de uma viagem da qual as peripécias nós ignoramos. Um eco disso nos resta, quando muito, sob a forma de sonho, quando nosso cérebro registra imagens, testemunhas de nossa atividade noturna inconsciente. Não levamos em conta essas reminiscências reveladoras, no mínimo, de emoções provocadas por distúrbios funcionais. Aquilo que um doente havia sonhado guiava, outrora, o médico em seu diagnóstico. Nos templos es Esculápio, aonde os suplicantes vinham dormir, o deus gostava de mostrar em sonho, aos interessados, o remédio mais adequado para curá-los. Em

nossos dias, os indivíduos adormecidos mostram-se mais particularmente lúcidos quanto aos cuidados médicos que lhes são necessários. O sono é, pois, uma fonte de informação que não deve ser negligenciada. Para ele, a cortina do mistério afasta-se, autorizando algumas furtivas percepções, dando corpo aos muito vagos pressentimentos que nos fazem adivinhar um outro mundo.

Os sonhos foram os primeiros iniciadores da humanidade.

O que se passa quando, fechando os olhos à noite àquilo que nos cerca, nós partimos para o desconhecido? Comparemo-nos ao mergulhador que, terminada sua tarefa, remonte à superfície onde se despoja de seu escafandro. Que contraste entre a oposição do fundo das águas, onde a visão do escafandrista não tem senão que um ínfimo alcance, e o vasto horizonte luminoso que se descobre para ele desde que respire ao ar livre! Mas suponhamos que toda lembrança do alto se extinga para o mergulhador que retorne ao seu trabalho penoso na profundidade das águas. Nós nos representaremos assim nosso enevoamento em estado de vigília, comparativamente à

emancipação luminosa que nos vale o sono. Nosso espírito não se entorpece como nosso corpo enquanto este último repousa, nossa inteligência permanece incorporeamente ativa. Daí resulta que a noite traz o conselho, em razão da clarividência adquirida por aquele que dorme, livre da carapaça escurecedora através da qual se exerce sua atividade terrestre. Quando dormimos preocupados com uma decisão a tomar ou com um problema a resolver, ocorre que nos encontramos em sonho na presença de uma determinação tomada ou a conceber como evidente a resposta à pergunta que nos atormentava a vigília. Tudo se explica pela intervenção de nossa pequena estrela azul que soube interrogar seus vapores.

INTERPRETAÇÕES DIVINATÓRIAS

A mulher consoladora que ergue o homem esgotado pelas lutas da existência. Eva a quem o redentor está prometido. A vida repartida entre as criaturas. A alma ligando a matéria ao espírito. A Natureza em atividade. A noite e seus mistérios. O sono e suas revelações. Imortalidade. Destino, predestinação. Ideal que a ida tende a realizar.

Beleza objetiva. Estética. Culto ao belo. Religião da Vida santificando àquilo que a ela se relaciona. Ishtar.

Esperança, ânimo, bom-humor, valentia que suporta alegremente as misérias da vida. Idealização da realidade. Poesia, belas-artes, música, sensibilidade, requinte, carinho, compaixão. Adaptação às necessidades, Caráter tranqüilo.

Inocência, candura, ingenuidade, ignorância. Juventude, encanto, sedução, atração. Epicurismo, sensualidade, sonho, abandono, negligência. Confiança, resignação, fatalismo.

Astrologia, influências astrais, proteção oculta, intuições, premonições, pressentimentos. Curiosidade indiscreta. Pandora e sua caixa fatal.

ARCANO XVIII

A LUA



Para manifestar os esplendores do céu, a noite mergulha a terra nas trevas, porque as coisas do alto não se revelam à nossa vista senão que em detrimento daquelas de baixo. Aspiramos, todavia, relacionar o celeste ao terrestre por uma contemplação simultânea, tornada possível quando a LUA espalha sua pálida claridade. Este astro que se associa às ESTRELAS sem amortecer totalmente seu clarão que só esclarece em parte os objetos que ilumina sua luz incerta e artificial. A LUA não permite distinguir as cores; ela tinge de um cinza prateado ou de nuances azuladas indecisas aquilo que seus raios atingem, deixando subsistir, aliás, o negro opaco das sombras da noite.

Como — em observando os efeitos da claridade lunar — não pensar na imaginação, cujo modo de inspiração se traduz de maneira análoga em nosso intelecto? O visionário imaginativo vê as coisas sob uma falsa luz. Fascinado por Hécate, ele se desvia do cintilar poético das estrelas, para concentrar sua atenção sobre os contrastes do falacioso claro-escuro da LUA. Em metafísica, ele forja teorias errôneas, fundadas sobre oposições irreais, efeitos ilusórios de um jogo de ótica mental: do bem e do mal, do Ser e do Nada ele faz entidades objetivas e cai na armadilha de um dualismo fatal a toda apreciação sã da realidade. \enganado pelos contrastes aparentes, ele imagina a matéria densa, sólida, pesada e indestrutível, quando ela se reduz, em última análise, a ínfimos turbilhões de uma imponderável substância etérica. Os erros capitais do espírito humano derivam da imaginação que não pode se impedir de objetivar o subjetivo. Ora, como esta faculdade feminina se revela antes da razão masculina, nós imaginamos primeiro; depois, tratamos de raciocinar a seguir, prontos para construir assim logicamente com representações equívocas. O resultado não é brilhante.

É-nos preciso, todavia, conquistar a plena luz, explorando com riscos nossos e perigos o imenso espaço que a LUA não esclarece senão em parte e muito imperfeitamente. O campo que se oferece a nós é um terreno acidentado onde os passos em falso não são inevitáveis. Esperemos quedas freqüentes, desconfiando de armadilhas e de redes dissimuladas.

Outros, felizmente, já nos precederam nessa perigosa exploração. Seus passos traçaram um caminho marcado por gotas de sangue. Esta pista dolorosa conduz ao objetivo aquele que persevera, a despeito dos obstáculos e das ameaças.

O temerário que para aí se lança margeia primeiro um pântano onde coaxam as rãs. Sua balbúrdia atrai o viajante curioso por contemplar o reflexo da LUA; ele avança sobre um solo que se faz cada vez mais úmido, até o instante em que seus pés afundam. Temendo afundar, ele recua então, para ganhar um outeiro de onde admira em segurança o jogo da luz noturna na superfície da água estagnada.

Aqui se faz alusão às produções imaginativas. Sua atração arrisca deter nossa marcha, detendo-nos na lama das concepções inconsistentes; também convém saborear o encanto das ficções, tomando o cuidado de manter-se em terreno sólido. O que imaginam os poetas lhes é sugerido por uma misteriosa realidade, eis que, por poderosa que seja sua fantasia, é impossível criar *ex nihilo*. Nada é radicalmente fictício: uma muito sutil matéria primeira — análoga àquela dos alquimistas — é colocada em obra pelo espírito que inventa. Mitos, fábulas e contos populares procedem de verdades muito profundas para serem expostas em linguagem direta. O pensador com isso se deleita, se ele sabe discernir o esoterismo fora da aparência ingênua e grosseira. Rejeitar as superstições ao modo dos pretensos “espíritos fortes” é uma fraqueza, porque a credulidade jamais é inteiramente cega: uma lucidez instintiva liga-se a verdades poderosas, mas muito difusas para que os raciocinadores possam compreendê-las.

Longe de desviar-se, desdenhoso, do pântano da fé instintiva, o sábio esforça-se, pois, para penetrar o mistério. Mesmo em pleno dia, ele nada perceberia daquilo que se agita

nas profundezas das águas turvas, mas, à luz da lua, ele distingue um imenso caranguejo emergindo, imóvel, da onda estagnante. Esse crustáceo devora tudo o que está corrompido. Graças a ele e ao seu policiamento, o pântano não desprende nenhum vapor mefítico. Seria funesto deixar subsistir crenças mortas, levando a práticas repreensíveis: o caranguejo feroz coloca aí boa ordem. Se ele anda para trás, é porque seu domínio é o passado, não o amanhã do qual ele foge. Aquilo que a ele se prende, forma uma carapaça petrificada, mas temporária, porque o animal a rejeita quando ela se torna muito pesada. Possa ele ensinar às crenças corporificadas a se renovarem, quando elas fizerem seu tempo! O caranguejo do Tarô é vermelho, não por estar cozido, mas, ao contrário, em razão do fogo interior que lhe faz desenvolver uma incessante atividade para cumprir sua missão salubre.

Convém lembrar aqui a analogia dos contrários que, na dupla fileira do Tarô, superpõe o ARCANO V ao XVIII. O PAPA (V) recolhe as crenças para sintetiza-las sob a forma de dogmas positivos, enquanto o caranguejo procede por seleção negativa, devorando aquilo que se decompõe e não se mantém

mais de pé perante o bom senso dos crentes. O crustáceo respeita aquilo que tem razão de ser, mas ele não se prende à escola nem se erige em doutor.

Os astrólogos aí reconhecem o *Câncer*, domicílio da Lua. Quando, em seu circuito natural, o Sol atinge esta divisão no zodíaco, ele começa a declinar, como se houvesse, subitamente, desistido de suas ambições ascensionais. O período do Câncer favorece, por analogia, o retorno sobre si mesmo, o exame de consciência e a conversão do pecador, como se, nas águas lamacentas da alma, se agitasse um caranguejo purificador. Os egípcios substituíam esse animal por se escaravelho zodiacal, símbolo da regeneração moral e psíquica.

Junto ao pântano onde reina Câncer, dois cães guardam o caminho que é, astronomicamente, aquele do Sol. São os latidos da Canícula, o grande e o pequeno cão da esfera celeste. Eles latem para a LUA, para impedi-la de franquear o limite dos trópicos, porque este astro fantasista se afasta constantemente da linha eclíptica traçada pela imutável marcha do Sol.

Os cães tornam-se os Cérberos prepostos à defesa das regiões proibidas, onde a imaginação se extravia. Seus uivos redobram à aproximação do audacioso que está desviado do pântano. Eles cuidam da manutenção daquilo que é admitido, tanto em relação à fé e ao sentimento, quanto em matéria de instituições políticas e sociais. O pequeno cão branco da esquerda gane com raiva contra os ímpios, que se recusam a crer naquilo que é admitido como verdade. Ele se mantém erguido sobre as patas, porque se sente a serviço de interesses espirituais. O grande cão negro da direita permanece deitado, em razão de seu positivismo que o liga a terra. Ansioso da boa ordem e dos intangíveis direitos de propriedade, ele uiva contra os revolucionários de projetos subversivos. Aquele que, em passo firme, avança desdenhoso entre os dois cães, impõe-lhes o temor e não é mordido por eles.

Mas eis duas massivas fortalezas, duas torres quadradas diferentes, por sua forma, da TORRE do ARCANO XVI. Os muros cor-de-carne fazem delas edifícios vivos, e seu coroamento em ouro, erguido sobre uma camada de tijolos

vermelhos, assimila-as aos seres inteligentes, capazes de agir com discernimento. São corpos, ou melhor, corporações, colocadas como sentinelas para advertir o imprudente dos perigos que o ameaçam, se, depois de haver ultrapassado os cães, eles pretendem lançar-se na estepe pérfida onde a LUA atrai.

Da torre da direita, que está iluminada, vêm advertências racionais sobre a triste sorte das vítimas de Hécate, expostas a perder seu equilíbrio mental, sua razão, sua saúde física e moral, mesmo sua vida.

A casa da guarda escura da esquerda não é mais tranquilizadora. Ela cumula objurgações místicas sobre a impiedade de ceder a uma curiosidade tentadora. Permaneçamos ignorantes, de preferência a comprometer a saúde de nossa alma. Sonhemos com o paraíso perdido e não desejemos o fruto da árvore de uma ciência maldita!

Se a irresistível atração do mistério superar a voz de ambas as torres, nada deterá o predestinado. Chamado a sofrer as terríveis provas da iniciação, ele entrará à noite em uma

espessa floresta, onde fantasmas roçarão seu corpo; depois, será preciso escalar penosamente uma altura de onde sua vista se estenderá ao longe sobre o plano argênteo. Mas um precipício o espreita; ele aí escorrega e cai machucado numa baixada, onde a lama amortece a queda do ascensionista que se ergue sujo, para ganhar, claudicando, um curso d'água purificador. É um rio de ondas rápidas que ele é obrigado a atravessar a nado, porque lhe é preciso ganhar a margem oposta, árida e queimada. É nesta solidão que ele deve errar até a aurora que lhe permitirá achar-se nas dunas, atrás das quais se erguerá o dia. O ARCANO XVIII representa a LUA como um disco de prata sobre o qual se destaca o perfil de um rosto feminino de traços cheios. Deste disco partem longos raios amarelos, entre os quais aparecem breves clarões vermelhos. Essas cores não atribuem à LUA senão que uma fraca atividade espiritual (vermelho), mas grande poder no domínio da materialidade (amarelo). Isso significa que a imaginação, faculdade lunar, favorece a visionariedade, objetivando as formas-pensamento; todavia, ela não ajuda em nada a compreender e a perceber a essência real das coisas. Ainda que Hécate seja enganosa, é-nos necessário passar por sua escola,

para aprender a não mais ser enganado por suas fantasmagorias. As gotas invertidas — vermelhas, verdes e amarelas — que a LUA parece atrair correspondem às esferas de mesmas cores do ARCANO XVI; porém, as emanções terrestres vão ao satélite que toma sem nada dar. A luz fria e o astro noturno tendem a reabsorver a vitalidade que o Sol concede, de onde a recomendação popular de jamais dormir exposto aos raios da Lua.

Um antigo Tarô põe em cena um harpista que, ao clarão da Lua, canta para uma jovem beldade seminua debruçada na sua janela onde desembaraça sua cabeleira; uma porta solidamente fechada a protege da conquista daquele que por ela suspira.



INTERPRETAÇÕES DIVINATÓRIAS

A objetividade. As aparências exteriores A forma visível. Aquilo que cai sob os sentidos. O contingente, o relativo, o teatro onde se representa a vida humana. Ilusões da materialidade. Maia.

Imaginação, caprichos, vontades, fantasias, extravagâncias, erros e preconceitos, preguiça de espírito, credulidade, superstição. Curiosidades indiscretas, falso saber, visionariedade. Passividade intelectual, impressionabilidade

imaginativa, vidência, lucidez sonambúlica. Retorno sobre si mesmo. Conversão.

Viagens por água. Navegação, pesquisas longas e difíceis. Trabalho imposto. Escravidão material. Situação equívoca. Falsa segurança, perigos, obstáculos. Lisonjas, enganos, ameaças vãs. A Lua vermelha e seus efeitos desastrosos. Temperamento linfático, hidropisia.

ARCANO XIX

O SOL



As vicissitudes que nos proporcionou a LUA são as provas indispensáveis que nos conduzem à claridade solar. Nós não chegamos à luz senão após nos envolvermos nas trevas e nos debatermos com o erro. É preciso que nos enganemos dolorosamente, a fim de aprender às nossas custas a arte de discernir o falso do verdadeiro e nos orientarmos em direção ao ponto do horizonte de onde brilhará a lua. As provas da vida terrestre não têm outro objetivo senão que nossa instrução; saibamos aproveitar suas lições e a iniciação será nossa recompensa.

Para chegar aí, as purificações tradicionais se impõem. Elas visam a tornar transparentes nossas crostas opacas, para que a verdadeira luz de nosso mundo, aquela do SOL, possa nos penetrar. Em sua irradiação, este astro é de uma imutável fixidez. Sempre idêntico a ele mesmo, ele brilha para todos com imparcialidade. Se uns se aproveitam mais que outros de seus benefícios, é porque souberam afastar os obstáculos interpostos entre eles e a pura luz que esclarece os espíritos.

Não se trata mais, aqui, de uma clareza enganosa como aquela da LUA, que se presta aos equívocos e que não permite distinguir os objetos com toda certeza. O SOL revela a realidade das coisas que ele mostra tais quais elas são, despojadas do véu de toda ilusão. Diante dele, a neblina se dissipa e os fantasmas desaparecem. É nesse sentido que a alma encarnada encontra nele o Redentor prometido. Ela não está condenada à luta no seio da matéria senão à vista de depurar aquela até tornar possível a união do espiritual aprisionado na carne com a espiritualidade universal.

Consideremos agora o ARCANO XIX, cujo simbolismo é claro.

O jovem casal que se mantém enlaçado ao centro de um círculo verde salpicado de flores é a alma individual unida ao espírito, o sentimento desposando a razão. É o acordo e a harmonia realizando-se no pequeno orbe da personalidade humana para tender a realizar mais no conjunto da humanidade regenerada.

Quando os homens forem racionais, quando a luz redentora do SOL dos espíritos os houver libertado de seus erros, então eles encontrarão o paraíso, não aquele do inocente abandono primitivo, mas o Éden laborioso da civilização real, onde reinará a paz total com a ajuda mútua que aliviará todas as tarefas.

Este ideal não será atingido de imediato, pela ação de um milagre ou de uma proclamação. Sua realização deve se produzir primeiro individualmente. Que cada um de nós comece por se regenerar a si mesmo, antes de sonhar com a regeneração social e humanitária. Enquanto as pedras não forem talhadas de acordo com o Esquadro, nenhum muro sólido saberia ser construído. Ora, antes de edificar o grande Templo onde entrarão em comunhão todos os seres humanos, é-nos preciso erigir muros contra a barbárie permanecida brutal e rebelde à fraternidade. A elite que representam as crianças do sol não pode confraternizar senão ao abrigo de um recinto maçônico composto, segundo o ARCANO XIX, de duas fileiras de tijolos azuis que ligam entre si três outras cujas pedras são alternativamente vermelhas e amarelas. Essas cores

atribuem a coesão social à idealidade sentimental (azul), à religião construtiva que se traduz em moral prática aplicada aos atos da vida. Pertence ao sentimento conciliar o antagonismo do vermelho e do amarelo, apaziguando os conflitos da energia ativa (trabalho — vermelho) e do saber adquirido com riquezas acumuladas (capital — amarelo). O espírito de fraternidade que é o comento de toda construção humanitária pode unicamente preparar as concessões recíprocas sobre as quais se funda uma civilização necessariamente arbitral e conciliadora; a força e a inteligência não poderiam chegar a tanto se entregues, unicamente, às suas tendências.

Possa o Tarô levar à Sabedoria os extraviados que esperam uma Idade do Ouro conquistada pela violência! Os ódios cegos mantidos pelos fanáticos da luta de classes não podem senão agravar a miséria humana. Somente o espírito solar da inteligência e da fraternidade realizará a felicidade terrestre pela cooperação harmoniosa dos antagonismos sociais conciliados com o discernimento da compreensão recíproca. Mas os argumentos que não se interessam senão à inteligência não têm o dom de comover as almas para aproximá-las até a

fusão. Aquilo que “liga” é “religioso” e parte do coração mais que do cérebro, de onde a importância das fileiras de tijolos azuis no muro que cerca a civilização. Elas se relacionam à *religião do Sol* que professam os sábios que, não contentes de serem friamente esclarecidos, penetram-se do calor generoso, estimulante das ações com uma constante beleza moral.

A dupla ação luminosa a quente da irradiação solar está indicada pelos raios alternativamente rígidos ou chamejantes, dourados ou vermelhos, do grande astro animador. O número desses raios relaciona-os ao duodenário zodiacal, logo, à obra cíclica reguladora das estações e de toda a vida terrestre.

Mas o SOL não se contenta com iluminar os espíritos e vivificar os corpos aquecendo as almas, porque ele é, além disso, o distribuidor das supremas riquezas. Uma fina chuva de ouro não cessa de cair sobre o casal fraterno do pacífico jardim. Mais favorecido que Danae, ele recebe livremente os dons solares, porque o ouro do qual Júpiter toma a forma para fecundar a mãe de Perseu não encontra nenhum obstáculo para chover em abundância no paraíso solar, enquanto não pôde

penetrar na prisão da princesa mitológica senão que em se infiltrando através de um espesso muro de bronze.

O SOL enriquece seus filhos espiritualmente. O ouro que ele lhes prodigaliza não é o metal que tenta os avaros; é o *ouro filosófico* dos verdadeiros discípulos de Hermes. Esses iniciados não têm nenhuma ilusão sobre o valor das coisas e tudo possuem, porque eles nada cobiçam. Eles não desejam senão aquilo que lhes é necessário à vista do cumprimento de sua tarefa, e eles recebem, a propósito disto, mais do que sonhariam pedir. Sua maior riqueza é, aliás, aquela do coração: amando todos os seres, eles se sentem amados pelos que os cercam. Tudo se embeleza assim para eles que são felizes sobre a terra.

A felicidade da qual eles gozam não saberia lhes ser roubada, porque foram eles que a criaram. Longe de toda beatitude egoísta, eles admiram como artistas a obra de Deus e a ela se associam com todo seu ser, vibrando com tudo aquilo que é capaz de neles. Discernindo o Belo, eles levam a luz redentora ao seio da confusão tumultuosa nascida do choque cego das paixões humanas. Participando da Grande Obra da

Redenção Universal, eles contribuem para erguer o homem de sua queda original (ARCANO XVI) e trabalham para reintegrá-lo em sua dignidade de ser divino.

As crianças que confraternizam sob o SOL correspondem muito bem aos Gêmeos, constelação zodiacal que nos vale os dias mais longos. É verdade de Castor e Pólux eram do mesmo sexo, enquanto um menino e uma menina os substituem no Tarô. O simbolismo não está afetado, porque o novo Adão e a nova Eva do ARCANO XIX poderiam muito bem se acomodar à Lira, principal atributo dos filhos de Leda, saídos do mesmo lugar que sua irmã Helena. Pode-se perguntar se esta, rainha da Beleza, não foi substituída pelos estampeiros medievais a um de seus irmãos; parece que a substituição se justifica simbolicamente.

Quanto à lira, sua ausência é de lamentar-se, porque é aos acordes da harmonia dela obtida que um artista poderoso obtém que as pedras se reúnam sozinhas, como na construção dos muros de Tebas, a cidade santa, pelo efeito dos encantamentos de Anfion. O muro da cidade da paz construiu-se sozinho, com a ajuda de materiais animados, dóceis às

solicitações musicais da Grande Arte, cuja magia desperta o Homem-Obreiro adormecido no Homem-Matéria. Pedras Vivas, os homens conformam-se aos acordes da lira para se unirem harmoniosamente; de sua união nasce o edifício sagrado da civilização definitiva do conjunto dos seres humanos.

Trabalhando sobre a substância humana — matéria primeira efetiva da Grande Obra — as Crianças da Luz transmutam o chumbo vil dos baixos instintos em puro ouro moral e intelectual. De um ignorante estupidamente egoísta eles se esforçam por fazer um sábio preocupado em entrar em harmonia com a vida, a fim de viver em beleza. Artistas apaixonados pela Arte, eles trabalham com alegria, felizes em produzir. Eles reconquistaram o Paraíso, porque amam o trabalho divino ao qual estão livremente associados, para contribuir com a ordenação do caos humanitário de maneira conforme às intenções criadoras. Nós reencontramos o Éden perdido, desde que aceitemos nossa tarefa de criaturas condenadas ao trabalho — não por punição — mas por necessidade de progresso; porque não podemos nos erguer da

decadência animal senão que consentido em trabalhar com boa vontade, por gosto e por amor. De escravos constrangidos ou de quase mercenários, tornamo-nos LivresArtistas, Livres Construtores ou Franco-Maçons realizadores do plano do Arquiteto Supremo, pelo fato de nossa compreensão da inelutável lei da vida que é aquela do Trabalho.

O Tarô de Carlos VI e outros que se seguiram colocam sob o SOL uma graciosa menina, de pé ou sentada, que segura uma roca que parece tecer para os homens um destino menos sombrio que aquele com o qual as Parcas nos gratificam. Outras variantes oferecem a imagem de um cavaleiro apocalíptico lançado através de uma chuva de chamas, sob o abrigo da bandeira desdobrada da fé solar.



INTERPRETAÇÕES DIVINATÓRIAS

A luz primordial coordenadora do caos. O verbo que esclarece todo homem que vem a este mundo. A razão sobre-humana iluminadora de todos os espíritos. A claridade espiritual que dissipa a escuridão no seio da qual nos debatemos. Apolônio vitorioso da serpente Píton. O verdadeiro saber diante do qual se desvanecem as fantasmagorias da visionariedade. Iluminação genial. Poesia, Belas-Artes.

Fraternidade, harmonia, paz, amizade, aliança, arbítrio. Nobreza, generosidade, afeição, grandeza de alma. Éden reencontrado, felicidade calma e duradoura, casamento,

alegrias conjugais, clareza de julgamento. Gostos e talentos artísticos.

Glória, honras, celebridade. Atenção àquilo que brilha. Vaidade, necessidade de fazer-se admirar, desejo de aparecer, frivolidade, afetação, pose, falta de senso prático. Idealismo doloroso, incompatível com o sentido da realidade brutal. Artista ou poeta condenado a viver na miséria e cujo mérito não será reconhecido senão após a sua morte. Irritabilidade. Susceptibilidade.

ARCANO XX

O JULGAMENTO



Por resplandecente que seja a luz solar, ela pára na superfície das coisas, sem chegar a nos revelar sua essência íntima que não cai sob os sentidos. Ora, as obras de pura beleza — quer elas sejam produzidas pela Natureza ou pela Arte — traduzem em sua forma exterior um *esoterismo*, ou espírito interior escondido, que cabe à inteligência discernir.

O JULGAMENTO intervém com a finalidade de distinguir o espiritual do material, o significado profundo da forma expressiva, o verbo vivo da letra morta. Tudo é símbolo, porque tudo procede de uma idéia geradora que se relaciona a concepções transcendentais. Penetremos na profundidade das coisas onde dorme um pensamento que aguarda que nosso espírito o revele e assimile. O gracioso conto da Bela Adormecida no Bosque desenvolve esse tema que inspira, por sua vez, o quadro do Juízo Final tal como nos desenharam os autores do Tarô.

Longe de todo idílio, vemo-nos transportados ao vale de Josafá, onde um anjo apocalíptico faz ressoar o estrondo que

desperta os mortos. Estes ressuscitam, não em *corpo*, mas em *espírito*, porque a ressurreição geral não é aquela da carne, a menos que esse termo não seja entendido alegoricamente, para significar aquilo que pode reviver. O passado não merece reviver senão na espiritualidade, enquanto esta permanecer incompreendida pelas gerações presentes. Preciosas verdades dormem no túmulo do esquecimento: elas estão mortas para os séculos que as ignoram. Mas nada se perde do domínio do espírito; uma memória fiel guarda em segredo aquilo que souberam os antigos sábios, a fim de que com isso sejam instruídos todos os homens à luz da compreensão universal.

Então a humanidade conhecerá o reino do *Espírito-Santo* que realizará sua unidade religiosa fundada sobre o esoterismo comum a todas as religiões. Estas não se opõem umas às outras senão que por seu exterior (culto e dogmatismo), letra morta da qual convém fazer abstração em benefício do espírito vivificante, único universal, logo, *católico* no sentido grego da palavra. O Catolicismo efetivo se endereça aos espíritos esclarecidos que se abrem a tudo que é profundamente religioso. E a religião da sagrada família que,

de mãos dadas, ouve sem terror a sentença suprema que pronuncia o Anjo do JULGAMENTO.

O ternário humano que ressuscita representa a humanidade regenerada. Pai e mãe fazem face ao filho, no qual se reconhece o personagem principal do Tarô, o jovem louro já encontrado nos sucessivos papéis do SALTIMBANCO (ARCANO I), do AMANTE (ARCANO VI), do triunfador do CARRO (ARCANO VII) e do PENDURADO (ARCANO XII). Trata-se do objeto da Grande Obra, o iniciável sofrendo as provas iniciáticas para finalmente conquistar o *Mestrado*.

Para possuir em espírito e verdade esse grau supremo e preciso morrer duas vezes e nascer três vezes. Renunciando à vida profana, o iniciado morre e renasce uma primeira vez. Ele entra, então, na carreira iniciática como em uma nova vida que inaugura seu novo nascimento. Todavia, ainda que permanecendo superior àquela da massa profana, esta vida dos iniciados do primeiro e do segundo grau não realiza ainda o ideal definitivo. O bom obreiro trabalha com uma docilidade inteligente sob uma direção que está fora de seu alcance, porque ele não foi admitido no conselho dos *Mestres*. Ele

executa fielmente instruções das quais ele admira a sabedoria, sem se julgar capaz de formulá-las ele mesmo.

A construção do Templo humanitário prossegue, com efeito, de geração em geração, segundo luzes que não são simplesmente aquelas do dia em que vivemos. O amanhã não se improvisa arbitrariamente; não é sólido senão o que se realiza a partir de antigas aspirações, dando corpo aos fervorosos desejos daqueles que, durante séculos e sem desencorajar, sonharam com o melhor.

Os antigos construtores de uma humanidade melhor estão representados no Tarô pelos pais do jovem ressuscitado do ARCANO XX. Colocado à direita, o Pai encarna toda filosofia construtiva do passado, tudo aquilo que a razão humana concebeu de profundo e sábio no que concerne à *Grande Arte*, arte que é aquela da Vida vivida com a plena inteligência de suas leis. À esquerda, a *Mãe*, correspondendo ao coração, ao sentimento religioso de amor que as almas verdadeiramente piedosas experimentaram sempre.

Herdeiro de seus pais, o Filho recolhe aquilo que vem da direita e da esquerda, para agir como fiel executor testamentário do passado permanecido vivo. Ele se afirma *Mestre* na medida em que a eterna tradição construtiva, o legendário Hiram dos Franco-Maçons, encontra nele seu intérprete.

É possível que um corpo possa mudar de espírito? Podemos morrer para nós mesmos a ponto de abandonar nosso organismo, para que um espírito mais elevado que o nosso dele tome posse? Essas perguntas colocam o formidável problema do Espírito, sopro animador infinitamente múltiplo em suas manifestações, mas um em sua essência. Aproximando-se da unidade, nosso espírito, ainda que permanecendo idêntico a si mesmo, transfigura-se para divinizar-se proporcionalmente à nobreza à qual se eleva.

Tal é o ideal que a iniciação propõe; divinizar-se, aproximando-se, tanto quanto a natureza humana o permite, da perfeição divina. “Sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito”. Não se pode dizer melhor que o Evangelho. Todo o problema iniciático implica em uma espiritualização

progressiva cada vez mais completa, mas não aspirando jamais se subtrair às obrigações do trabalho terrestre.

O iniciado não morre para desertar do campo de batalha, mas a fim de poder contribuir mais eficazmente para com a luta em favor do bem. Se ele escapa ao conflito brutal para planar à maneira dos aviadores, é em vista de dirigir seguramente àqueles que se arriscariam a combater com pouca visão.

Mas a iniciação prefere imagens pacíficas. A vitória a obter é aquela do espírito que, por um trabalho inteligente e sem violência cruel, supera os obstáculos que a matéria lhe opõe. Esta última não deve ser tratada como inimiga que é necessário destruir, mas como substância que deve ser colocada em obra; ela aprisiona o espírito, não para retê-lo indefinidamente, mas para obrigá-lo ao esforço libertador.

Enquanto permanecemos concentrados sobre nós mesmos, confinados à estreiteza de nossa ida individual, nós não participamos da grande vida verdadeira e comportamo-nos como mortos isolados em seu túmulo corporal. Despertemos, e,

de pé, em nosso sepulcro aberto, respiremos o sopro do espírito universal; vivamos, nesta vida, a vida eterna!

O anjo do despertar dos espíritos estende, no Tarô, asas verdes, porque seu domínio é o da vida espiritual. Sua túnica azul bordada de branco relaciona-se à pura idealidade celeste, inspiradora de uma ação incessante, como o indicam os braços vermelhos do anunciador do JULGAMENTO.

O vermelho é também a cor da flâmula que aparece na trombeta de ouro do mensageiro do despertar. Uma cruz de ouro também parte em quatro quadrados o campo que atribui à suprema espiritualidade o poder realizador de uma quádrupla pedra filosofal.

Uma alternância de púrpura e de ouro caracteriza, aliás, as emanções do Anjo do JULAMENTO, cuja cabeleira dourada irradia-se sob uma coifa hemisférica de um vermelho vivo, análoga à calota do chapéu de abas largas, ao abrigo do qual se exerce a incessante atividade mental do SALTIMBANCO (ARCANO I). Trata-se aqui do foco onde se condensa o pensamento inspirador exteriorizado pelo ouro das

verdades imutáveis. Os cabelos do Anjo correspondem aos princípios transcendentais, dos quais decorrem noções inacessíveis à inteligência humana, noções figuradas pela glória luminosa encerrada no círculo de nuvens de onde partem raios vermelhos e dourados. Nossa visão intelectual é detida por esta nuvem circular, onde o abstrato se concretiza a nosso favor, a fim de manifestar-se sob a forma de proteções inspiradoras, das quais umas se traduzem, para nossa inteligência, em idéias geniais (raios de ouro), enquanto outras (raios vermelhos) encorajam as grandes e belas ações.

Línguas de fogo análogas àquelas de Pentecostes procedem de raios inspiradores permanentes. Essas faíscas são vermelhas, verdes e amarelas, porque elas outorgam individualmente dons espirituais aos heróis da ação generosa (vermelho), às almas ternas que se devotam ao serviço da vida (verde) e aos instrutores encarregados de repartir os tesouros do puro saber (ouro).

Na frente do anjo brilha o signo solar, marca de discernimento já encontrada como emblema da iluminação da JUSTIÇA (VIII) e da TEMPERANÇA (XIV). Esta tripla

aparição do ideograma do verbo coordenador relaciona-se, em primeiro lugar, à coordenação do caos físico, no seio do qual a lei do equilíbrio (VIII) realiza a estabilidade relativa que se presta à constituição dos organismos. A luz construtiva é, a seguir, inerente às manifestações vitais, porque a vida não se difunde cegamente: ela escolhe com intenção, à vista de um objetivo determinado, de onde a iluminação do gênio das duas urnas (ARCANO XIV). Mas a ordem e a clareza não se impõem menos no domínio espiritual, onde a plena iluminação não se faz senão que em favor da entrada em comunhão do intelecto individual com a inteligência coletiva do gênero humano (XX).

Para descobrir a constelação que mais afinidade apresenta com o ARCANO XX, convém olhar o Cisne de Leda como o equivalente pagão da pomba do Espírito Santo. A espiritualidade sobre-humana figurada pelo Mestre do Olimpo metamorfoseia-se em um grande pássaro branco, para fecundar uma mortal que vai gerar os Gêmeos e sua irmã Helena, ou seja, a Fraternidade (XIX) e a Beleza (XVII). Júpiter personifica, além disso, o fogo celeste animador que se une às

chuvas fertilizadoras que o jarro espalha (Ea, Indra, Júpiter pluvius), e que a terra absorve sob o signo de Peixes (XVII). Ora, o cisne celeste anuncia a primavera, o despertar da vegetação, logo, a ressurreição anual conforme ao simbolismo do ARCANO XX. É de observar também que o cisne abre as asas sobre a Via Láctea, caminho das almas atraídas pelo palácio de Júpiter onde gozarão da imortalidade.



INTERPRETAÇÕES DIVINATÓRIAS

O Espírito Santo. O enxofre inspirador que fecunda a inteligência para fazê-la discernir a verdade. Penetração espiritual, compreensão, assimilação do pensamento interior, esoterismo, espiritualização da matéria. Desligamento dos laços corporais. Sublimação alquímica. Despertar para a vida espiritual e participação nesta vida que é aquela do grande ser humano coletivo e permanente.

Inspiração. O homem em comunicação com o espírito divino. Divinação, profetismo, clarividência espiritual, previsão do amanhã, gênio literário ou artístico. Entusiasmo, piedade, religião espiritual, elevação do espírito e da alma. Poder de evocação que faz reviver o assado espiritual. Ressurreição dos mortos dignos de serem chamados à vida. Retorno às tradições esquecidas. Renascimento de Hiram rejuvenescido na pessoa do novo Mestre. Segunda morte, porta da iniciação integral.

Recuperação, cura, restabelecimento da saúde física, moral, intelectual. Libertação, desprendimento, reparação dos erros sofridos. Julgamento justo pela posteridade. Reputação,

renome, fama, ruído, publicidade, chamada, confusão atordoante.

Pregação, apostolado, propaganda.

Exaltação, euforia, superexcitação natural ou artificial, falta de ponderação. Êxtase dionisíaco.

ARCANO XXI

O MUNDO



A construção do Tarô por ternários e quaternários dá ao número 21 um valor de síntese suprema. Ele corresponde ao conjunto daquilo que se manifesta, logo, ao MUNDO,

resultado da ação criadora permanente A Realidade que cria esta ação não se limita àquilo que cai sob os sentidos, instrumentos adaptados, não ao verdadeiro Mundo real, mas unicamente à fictícia materialidade do pobre muno sublunar no fenômeno alucinante no qual nos debatemos. Daquilo que existe, nós não percebemos senão a face moribunda composta de resíduos em via de se congelar e imobilizar relativamente em uma aparente e ilusória materialização. Nós ignoramos a essência viva das coisas e nossas concepções padecem disso.

Melhor instruídos, veremos o Real menos grosseiramente. O MUNDO é um turbilhonamento, uma dança perpétua onde nada pára; tudo aí gira sem descontinuidade, porque o movimento é o gerador das coisas. Esse conceito, que não é renegado pela ciência mais moderna, remonta aos tempos pré-históricos, tanto quanto permite julgar a veneração ligada à suástica. Assim se chama a cruz gamada, com braços dobrados em esquadro ou curvados em gancho.

Este emblema, monopolizado pelos pangermanistas, encontra-se em toda parte sobre monumentos e objetos de prestigiosa antiguidade. Relaciona-se ao movimento da cúpula

celeste, movimento que, aos olhos de nossos longínquos ancestrais, comunicava-se aos seres e às coisas, animando uns e movendo outros. Desse movimento decorria a vida que, primitivamente, era considerada divina.

O Tarô inspira-se nessas idéias dez vezes milenares, quando nos mostra a deusa da vida corrente em uma guirlanda verde, à maneira de um esquilo que faz girar sua gaiola. Reconhecemos nessa amável divindade a jovem nua do ARCANO XVII que, desta vez, está pudicamente velada por um ligeiro tecido vermelho, cor da atividade. Pelo efeito da corrida incessante, esta infatigável Atalanta permanece fixa em meio a giro vertiginoso que sustenta, de onde sua atitude que, menos distintamente, é verdade, que aquela do IMPERADOR (ARCANO IV), lembra o signo do Enxofre, porque sua cabeça e seus braços esboçam um triângulo, sob o qual a perna esquerda e erguida por trás da direita indica a cruz. Assim, a ágil divindade animadora do MUNDO aparenta-se ao fogo central que flameja sem repouso em sua fixidez. Plutão (ARCANO IV) poderia ser seu pai, ainda que ela nada tenha de infernal em seu aspecto. É a alma corporal do Universo, vestal

do fogo da vida que queima em todo ser. Este papel explica as duas baquetas que a sulforosa jovem mantém em sua mão esquerda. Elas terminam em esferas, das quais uma é vermelha e a outra é azul. Pela primeira, captam-se as energias ígneas destinadas a se associarem ao fogo vital que enfraqueceria, caso não fosse constantemente reanimado pelo enxofre aéreo que a esfera azul atrai. As forças captadas são transmitidas pela mão direita ao véu vermelho que ela segura.

O Tarô italiano prefere colocar em cada mão uma baqueta análoga àquela do SALTIMBANCO (I), o que Éliphas Lévi relaciona à ação magnética alternada em sua polarização, enquanto, segundo ele, as baquetas reunidas em uma única mão marcariam uma ação simultânea pela oposição e transmissão.



A jovem que maneja as baquetas mágicas representa a Fortuna Maior dos geomancistas. A este título, ela promete mais que os pequenos sucessos efêmeros da Fortuna Menor, cuja roda é aquela do ARCANO X. Aqui, a roda não é mais o circuito da vida individual que a Esfinge domina; ela se confunde com o orbe do MUNDO, no exterior do qual se exerce a oposição cruzada das atrações elementares representadas pelo quaternário cabalístico do qual a Esfinge é a síntese.

O circuito vital englobando todas as coisas traduz-se, no ARCANO XXI, por uma guirlanda oval com um triplo ramo de folhas presas no alto e embaixo por um par de fitas de ouro cruzadas. Os italianos agregam a essa coroa quatro rosas dispostas em cruz. Estas flores embelezam e espiritualizam a vida, graças ao enxofre do espírito regenerador (ARCANO XX) que se manifesta através dela ($4 \times 5 = 20$). Seu suave perfume encanta as almas, das quais ele exalta o ardor generoso, desviando-as da violência e da ferocidade. A rosa

convém aos cavaleiros que colocam seu vigor e sua indomável coragem a serviço de um ideal de puro amor.

O quaternário cosmogônico da tradição religiosa recebe no ARCANO XXI a figuração consagrada. O *Boi de São Lucas*, que representa a Terra primaveril é negro, mas seus chifres são vermelhos, em consideração às energias ígneas inerentes à matéria e aparência passiva. Ao animal doméstico pesado e paciente que trabalha o solo sucede o impetuoso *Leão de São Marcos*, do qual a juba pintada de amarelo e de vermelho chameja como o *Fogo* devorador simbolizado pela fera que, como constelação zodiacal, nos vale o calor tórrido do verão, fatal às plantas verdes que resseca, mas indispensável à maturação dos cereais. Em diagonal com o Touro, a *Águia de São João* apressa-se em desdobrar suas asas que são exteriormente douradas. O seu bico e suas garras, enquanto o restante do pássaro é azul, cor do Ar. Entre a Águia e o Boi, coloca-se o *Anjo de São Mateus* que é, astronomicamente, o Aquário, signo oposto ao Leão; é também o gênio da TEMPERANÇA (ARCANO XIV). Vestido de vermelho este Anjo se envolve em nuvens acima das quais ele estende as asas

de ouro. Elas se elevam à mais pura intelectualidade, da qual se impregnam os vapores sublimados que se condensam em torno dele, esperando que elas se transformem em chuvas espiritualmente fecundantes.

O Anjo e os três animais sagrados estão representados no céu pelas estrelas de primeira grandeza situadas nos quatro pontos cardeais: Aldebaram ou o olho do Touro, Régulus ou o coração do Leão, Altair ou a Luz da Águia e Formalhaut do Peixe austral que absorve a água vertida pelo jarro. Esses astros marcam as extremidades de uma cruz cujo centro é a estrela Polar que, por sua imobilidade em meio ao giro celeste, corresponde, no ARCANO XXI, à jovem cercada por um oval verde que figura a zona eclíptica.

Em um Tarô impresso em 1500, o MUNDO está representado por um globo análogo àquele que o IMPERADOR (ARCANO IV) mantém em sua mão esquerda. Os ramos da cruz pendente que encima este globo são cetros que prometem o domínio sobre o quaternário dos elementos. A dupla oposição dos poderes geradores da matéria não está figurada por símbolos zodiacais dos equinócios e dos

solstícios: Anjo-Leão; Águia-Touro, porque o MUNDO é, aqui, sustentado pelo enxofre dos quatro ventos do Espírito, como resultado do encontro das ações etéreas se exercendo em sentido contrário. Acima da esfera do mundo desenha-se uma grande mulher inteiramente nua que ergue com a mão direita uma imensa cortina, cuja extremidade ela reúne em sua mão esquerda.



É a verdade manifestando-se sem reserva, afastando o véu das aparências, para comunicar o segredo da essência das coisas. Possuir este segredo é dispor da ciência universal e do

poder ilimitado que daí decorre; é realizar o ideal do adepto perfeito.

O que distingue o sábio é que ele não se faz nenhuma ilusão sobre a falsa realidade que cai sob os sentidos. Perante sua visão espiritual, tudo se torna espírito. O MUNDO aparece-lhe como o milagre da *coisa única* dos hermetistas. Conservando a Unidade radical daquilo que é, nós nos elevamos à *Gnose*, recompensa suprema dos esforços consagrados à procura da Verdade. Este conhecimento direto (gnose) traduz-se em êxtase intelectual provocado pela contemplação da PAPISA (ARCANO V) que segura as chaves. Ninguém penetra no templo onde resplandece a pura luz do espírito; mas, quando a matéria se desvanece perante nossa percepção mental, nenhum obstáculo se interpõe mais à nossa completa iluminação. Penetrado pela luz divina, o homem, definitivamente erguido da queda, torna-se luminoso e termina assim o ciclo de sua reintegração.

A 21ª letra do alfabeto hebraico é o *Shin* e não o Tau; é, todavia, esta última que convém ao arcano marcado pelo número XXI, porque ela corresponde ao Todo completo e

acabado ao qual chegam logicamente os sete ternários e os três septenários do Tarô. O Tau primitivo é uma simples cruz vertical ou oblíqua.

INTERPRETAÇÕES DIVINATÓRIAS

Cosmos. Universo coordenado. Reino de Deus. Templo ideal acabado. Totalidade. Reintegração. Perfeição.

Ciência integral. Poderosa soberania espiritual. Êxtase, apoteose, recompensa, incorruptibilidade. Integridade absoluta.

Êxito completo. Conclusão. Coroamento da obra empreendida. Ambiente. Meio favorável ao resultado decisivo.

Tudo ou nada. Círculo. Benefício obtido da coletividade. Homem de Estado, ministro, funcionário superior hostil. Obstáculo exterior intransponível.

ARCANO ZERO

O LOUCO



A ordem dos arcanos dos antigos Tarôs está marcada com números romanos de I a XXI; depois vem uma última composição que se distingue das outras pela omissão de toda indicação numeral. Seu lugar é o XXII, mas seu valor simbólico equivale a ZERO, porque o LOUCO é o personagem que não conta, visto sua inexistência intelectual e moral. Inconsciente e irresponsável, ele se arrasta através da vida como ser passivo que não sabe para onde vai e deixa-se conduzir pelos impulsos irracionais. Não se pertencendo a si mesmo, ele é possuído: é um alienado em toda força do termo. Sua roupa é colorida, para indicar influências múltiplas e incoerentes constantemente sofridas. O turbante cheio de fantasias é vermelho, verde, branco e amarelo, mas o vermelho

é alaranjado, cor do fogo destruidor que sugere idéias perigosas. Esta cor é também aquela do bastão que o LOUCO segura com a mão direita e com o qual se atrapalha inutilmente, porque não o torna nem uma bengala para caminhar, nem um apoio, servindo-se dele menos ainda à maneira do EREMITA (ARCANO IX) que o utiliza para sondar o terreno sobre o qual avança. Com os olhos perdidos no vazio das nuvens, o insensato segue seu caminho ao acaso de seus impulsos, sem se perguntar para onde vai.

Com sua mão esquerda, o LOUCO mantém sobre o ombro direito uma pequena forquilha grosseiramente desbastada da qual pende uma sacola que encerra seu tesouro de idiotices e de insanidades sustentadas por uma extravagante idealidade, de onde a cor azul do segundo bastão.

As meias amarelas do LOUCO caem e descobrem aquilo que deveriam esconder. Esta inconveniente exibição faz pensar no que aconteceu com Moisés, desejoso de contemplar Javé face a face. Como o inefável nos escapa, o indiscreto deveu contentar-se com o espetáculo da criação que corresponde ao avesso da divindade. Devemos ser bastante

razoáveis para não sair do domínio limitado da razão. O infinito não é de nossa competência e, quando tentamos abordá-lo, fatalmente enlouquecemos. Guardemo-nos, pois, de seguir o LOUCO que, mordido na barriga da perna esquerda por um lince branco, é obrigado a caminhar sem parar, porque o caminho desse judeu errante é sem finalidade nem objetivo. Ele continua indefinidamente como pura perda.

O lince, cuja vista é penetrante, expulsa o inconsciente rumo a um obelisco invertido, atrás do qual um crocodilo espreita, pronto a devorar aquilo que deve retornar ao caos, ou seja, à substância primordial da qual saiu o mundo coordenado. Símbolo da lucidez consciente e do remorso que se liga às faltas cometidas, o lince abrigaria um ser capaz de discernimento, mas, longe de deter o LOUCO, a mordida apressa seu encaminhamento rumo a seu destino inelutável.

Não está dito, todavia, que o insensato não possa recorrer ao bom senso, porque a tulipa de um vermelho púrpura, sugestiva da espiritualidade ativa, pende a seus pés uma corola que não está murcha. Se esta flor não está morta, é porque o espírito não abandonou inteiramente os irresponsáveis

que são inocentes. O LOUCO traz, além disso, um precioso cinto de ouro que não combina com a miséria de sua roupa ridícula.

Esta cinta se compõe de placas, sem dúvida, em número de doze, pela analogia ao zodíaco, porque circunda o corpo de um personagem cosmogônico de extrema importância. O LOUCO representa, com efeito, tudo aquilo que está além do domínio inteligível, logo, o infinito exterior ao finito, o absoluto envolvendo o relativo. Ele é Apsou, o abismo sem fundo, o ancestral dos deuses que o relegaram para fora do MUNDO, quando resolveram criar para si um Império. Porque Apsou se comprazia com sua infinitude, deleitava-se com prazeres e recusava-se a deles sair. Ele jamais criaria o que quer que fosse, se sua união com a substância primordial não-diferenciada não o houvesse tornado pai inconscientemente do primeiro casal divino. Esses primeiros nascidos, tendo-se um ao outro, puseram-se a dançar em círculo, ou melhor, a evoluir circularmente no éter, aí determinando o movimento gerador de todas as coisas. Mas abstenhamo-nos de todo antropomorfismo para imaginar o

filho e a filha de Apsou, porque sua forma nebulosa liga-se àquela dos ofídios e, sem dúvida, mais especialmente àquela do Ouroboros, a serpente que morde a própria cauda, e à qual a cinta do louco faz verdadeiramente alusão. O círculo formado pela cinta pode, aliás, relacionar-se mais simplesmente ao alume dos Alquimistas, cujo símbolo é um zero exatamente circular. Ora, o Alume é o sal princípio dos outros sais; em outros termos, o *substratum* imaterial de toda materialidade.

É o pretenso nada que preenche o vazio primordial de onde tudo provém, substância passiva que personifica o LOUCO.

Este insensato adverte contra a divagação que espreita o espírito, desde que ele pretenda ultrapassar os limites do Real, do qual o ARCANO XXI, Aleph e Tau, marca o princípio e o fim. O arcano privado de número relaciona-se àquilo que não conta, ao fantasma irreal que evocamos sob o nome do NADA em oposição ao TODO-UM, fora do qual nenhuma existência é concebível. O sábio não poderia ser enganado por palavras; longe de objetivar exteriormente à negação verbal do SER, ele procura o LOUCO em si mesmo,

tomando consciência do vazio da estreita personalidade humana que toma tanto lugar em nossas pobres preocupações. Aprendamos que não somos nada, e o Tarô confiar-nos-á seu último segredo!

A constelação que melhor responde ao simbolismo do último arcano do Tarô é a de Cefeu, rei da Etiópia, marido de Cassiopéia (ARCANO II, A PAPISA) e pai de Andrômeda, a jovem nua do ARCANO XVII. Esse monarca africano e negro, cor que damos ao LOUCO, ainda que os tapeceiros não tenham pensado em fazer dele um negro, não mais que a PAPISA, guardiã das trevas que planam sobre o abismo onde se perde a inteligência, filha de um pai negro e de uma mãe que, a rigor, poderia ser pelo menos morena, e não loura. Mas as aproximações astronômicas que nos são fáceis não estavam ao alcance dos autores do Tarô, cuja obra restou perfectível em certos pontos. Na esfera celeste, Cefeu coloca os pés sobre a extremidade da cauda, traseiro da pequena Ursa que não saberia assim mordê-lo, ao contrário do lince lançado contra o LOUCO.



INTERPRETAÇÕES DIVINATÓRIAS

Parabrahm, Apsou, o abismo sem fundo, o Absoluto, o Infinito, Ensoph. O que ultrapassa nossa compreensão. O irracional, o absurdo. O vazio, o Nada, a Noite Cosmogônica. A substância primordial. Desintegração, aniquilamento espiritual. Nirvana.

Passividade. Impulsividade, abandono aos instintos cegos, aos apetites e as paixões. Irresponsabilidade, alienação, loucura. Inaptidão para dirigir-se, incapacidade de resistir às

influencias sofridas. Mediunidade, sujeição, perda do livre-arbítrio. Escravidão.

Nulidade. Jogo de forças ocultas. Desequilibrado influenciável. Indivíduo hipnotizável, instrumento de outrem. Inconsciência. Profano não iniciável. Cego levado à sua perda. Insensato abandonado aos seus caprichos. Insensibilidade, indiferença, displicência. Incapacidade de reconhecer seus erros e experimentar remorsos.

Fim